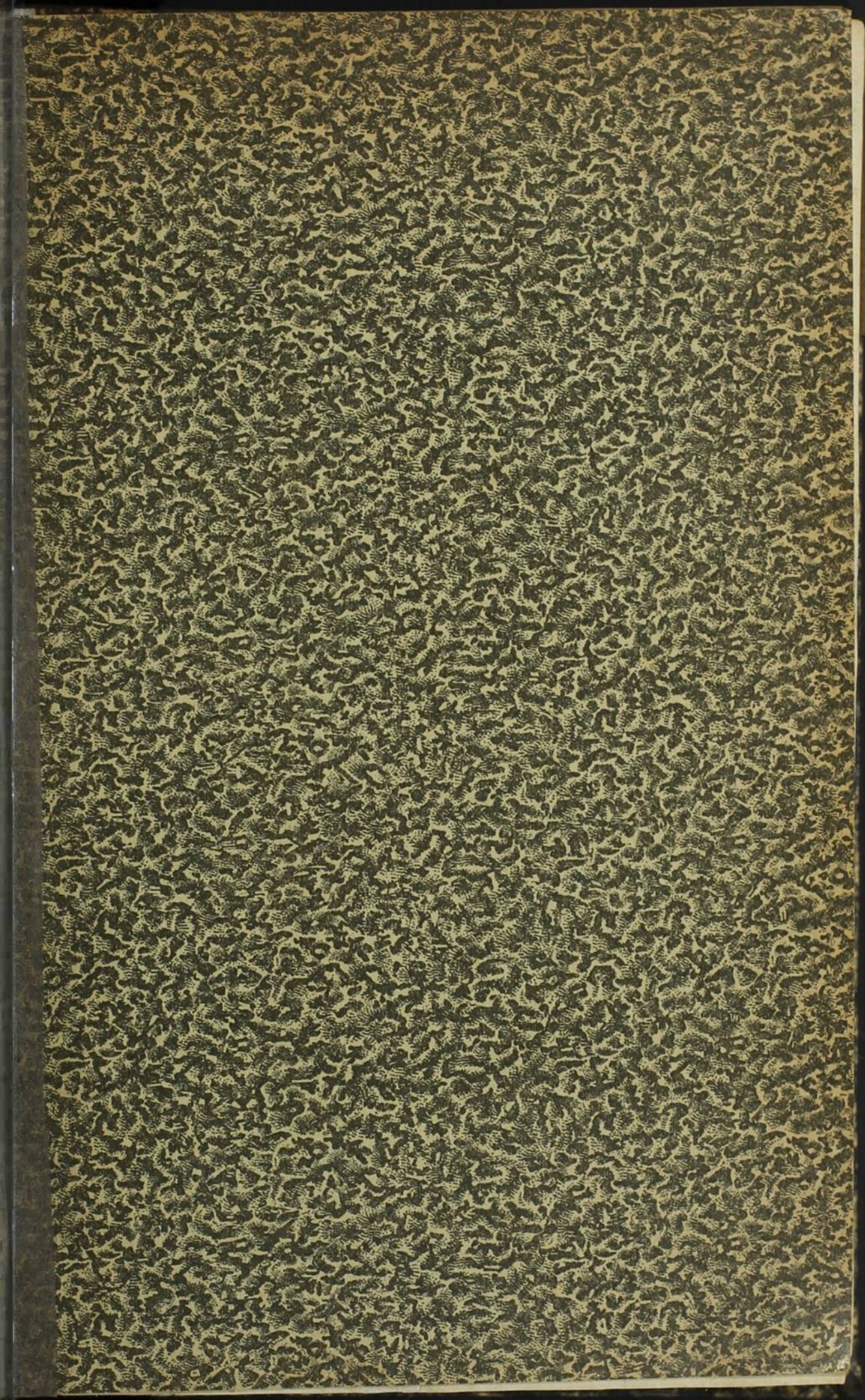
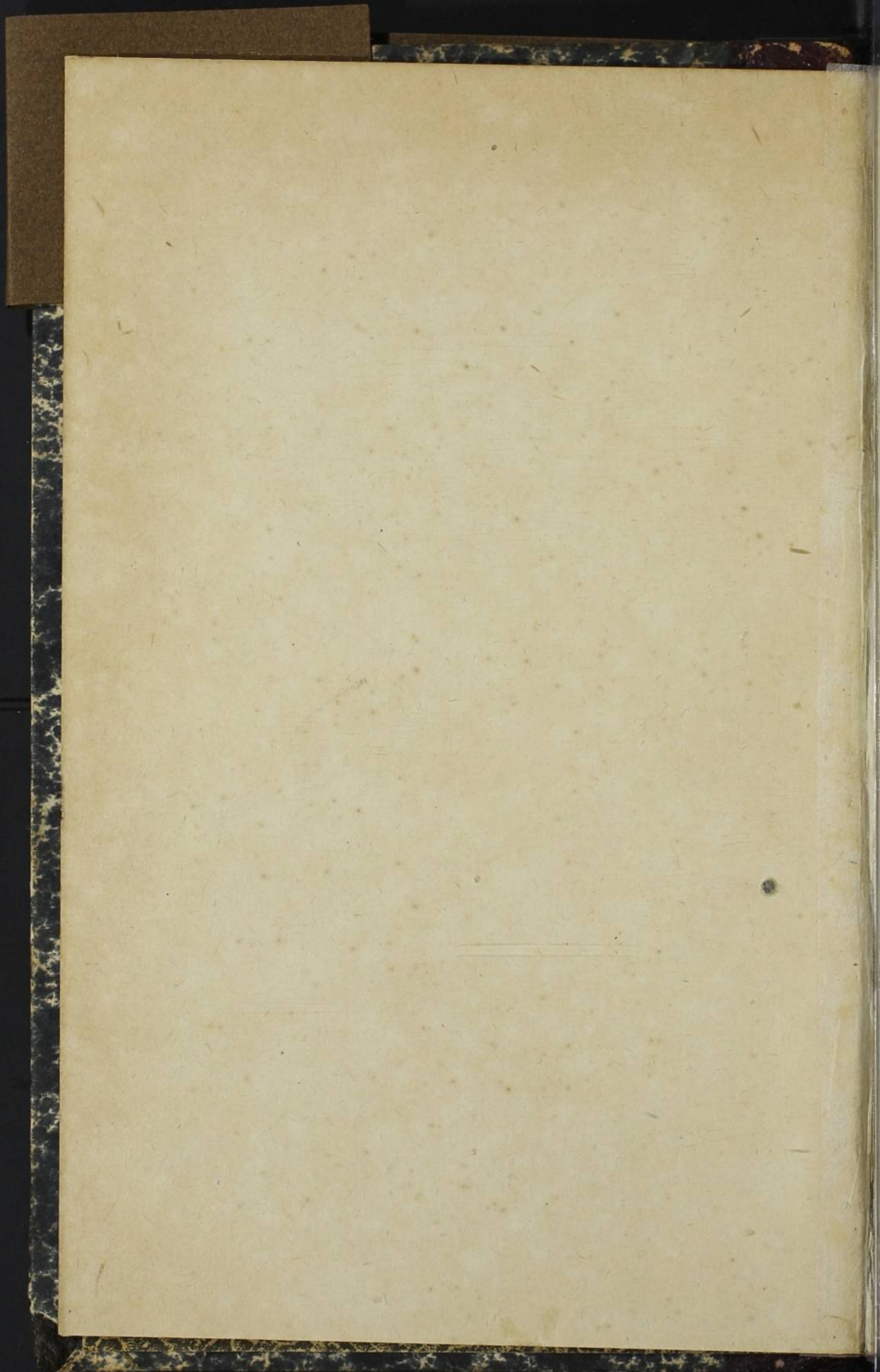


le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





O SEMINARISTA

Obras do mesmo autor:

HISTORIAS E TRADIÇÕES DA PROVINCIA DE MINAS-GERAES		
A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8º, enc. 3\$000, br.....	2\$000	
O GARIMPEIRO, romance. 1 v. in-8º, enc. 3\$000, br.....	2\$000	
O ERMITÃO DO MUQUEM, ou historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	3\$000	
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombolas, a Gar- ganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc. 3\$000 br.....		2\$000
POESIAS. Cantos da Solidão. 1 v. enc.....	6\$000	

O
SEMINARISTA

ROMANCE BRASILEIRO

POR

B. GUIMARÃES

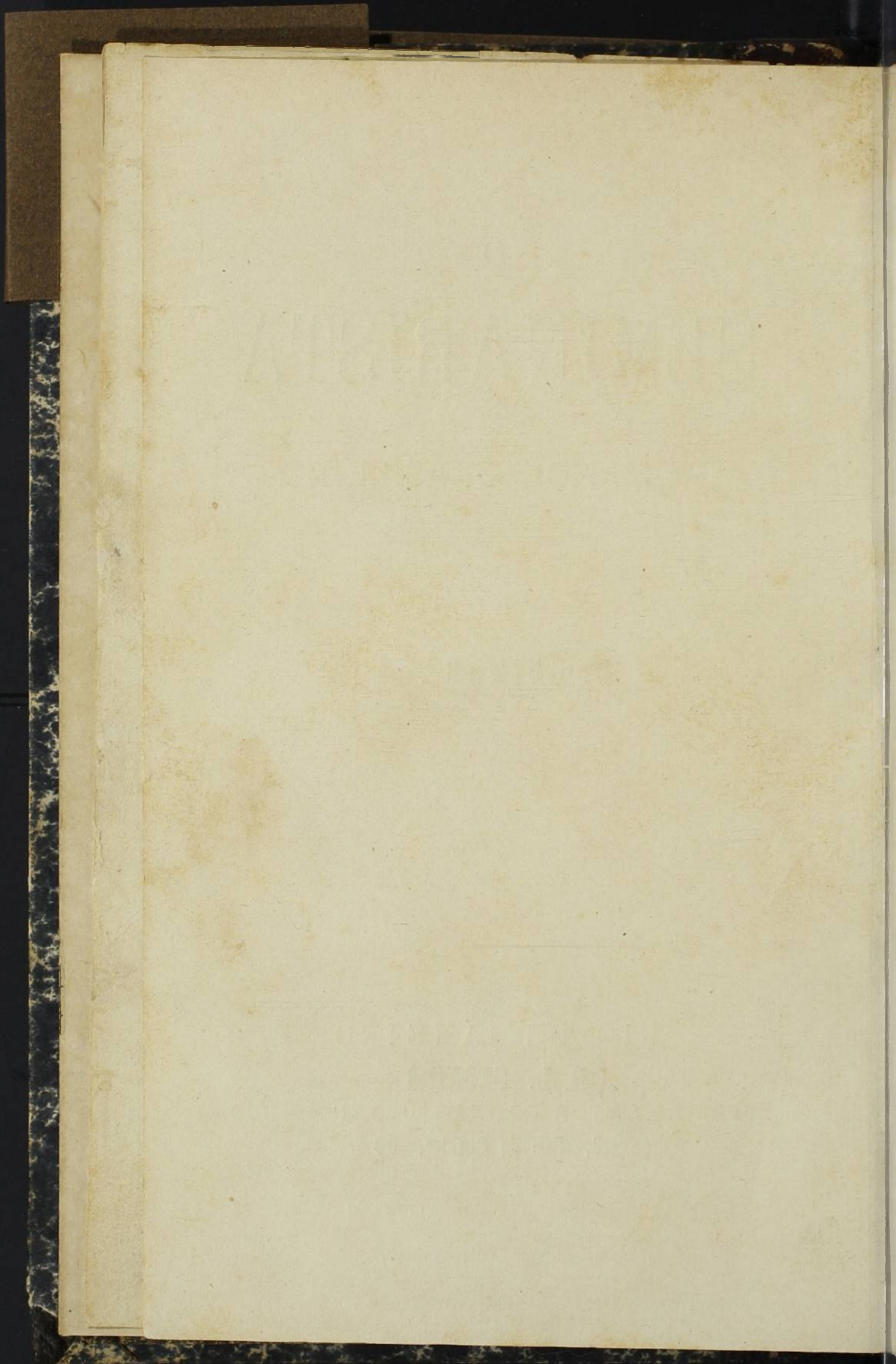
RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69

1875



O SEMINARISTA

I

A uma legua, pouco mais ou menos, da antiga villa de Tamanduá na provincia de Minas Geraes e a pouca distancia da estrada que vai para a visinha villa da Formiga, via-se, ha-de haver quarenta annos, — uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e aceiada. Uma porta e duas janellinhas formavão toda a sua frente; a um lado, por baixo de uma figueira silvestre, que a sombreava toda com sua vasta e copada ramagem via-se uma outra janellinha guarnecida de balaustres de madeira.

Estava esta casinha situada embaixo de uma collina de pendor suave, aos pés da qual se desdobrava delicioso vargado coberto de rasteiro

e viçoso capim, e sombreado aqui e acolá por algumas paineiras e succipiras.

O vargado era terminado por uma estreita orla, por baixo de cujas moitas despidas um correjo escondia seu curso sereno e preguiçoso.

Um estreito caminho partindo da porta da casa cortava o vargado e ia atravessar o capão e o correjo por uma pontezinha de madeira fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. Junto á ponte de um lado e outro do caminho viaõ-se duas bellas e corpulentas paineiras, cujos galhos entrelaçando-se no ar formavaõ uma linda arcada de verdura, que dava entrada para além da ponte a um extenso rincão coberto de succulenta e vistosa pastagem.

Lá no fundo da vallada onde ia morrer o rincão entre duas linhas de espigões, desenhavaõ-se ao longe em fundo luminoso e pittoresco as casas, os curraes e os tufados pomares de uma linda fazenda.

O viandante, que por alli passasse, — ha cerca de quarenta annos, — havia de notar com interesse duas lindas e faceiras creanças, que alli vinhão quasi sempre divertir-se e travessear junto da ponte á sombra das paineiras.

Erão um rapazinho de doze a treze annos, e

uma menina, que parecia ser mais nova do que elle uns dois ou trez annos.

A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexivel como o pendão da imbauba.

O rapaz era alvo, de cabellos castanhos, de olhar meigo e placido e em sua physionomia como em todo o seu ser transluzião indicios de uma indole pacata, doce e branda.

Era por uma bella tarde de janeiro. Os dois meninos como de costume achavão-se á sombra das paineiras. A menina sentada sobre a relva despencava um mólho de flôres silvestres de que estava fabricando um ramallete, enquanto seu companheiro atracando-se como um macaco aos galhos das paineiras balançava-se no ar, fazia mil passes e piruetas para divertil-a.

Perto delles, espalhadas no vargado, umas trez ou quatro vaccas e mais algumas rezes estavam tosando tranquillamente o fresco e viçoso capim da vallada.

O sol que já não se via no ceo, toucava apenas com uma luz de ouro os topes abauílados dos altos espigões, uma aragem quasi imperceptivel mal rumorejava pelas abas do capão e esvoaçava

por aquellas baixadas cheias de sombra e fresquidão.

— Vamos, Eugenio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vaccas para a outra banda.

Dizendo isto a menina levantava-se da relva, e atirando para traz dos hombros os negros e compridos cabellos sacudio do regaço uma nuvem de flores despencadas.

— Pois vamos lá com isso, Margarida exclamou Eugenio vindo ao chão de um salto, e ambos forão ajuntar as poucas vaccas, que alli andavão pastando.

— Arre! com mil diabos!... que bezerrada mofina! — exclamou o rapaz tangendo os bezerros. — Porque é que estes bezerros da tia Umbelina andão sempre assim tão magros?

— Ora! pois o que é que vossê quer? mamãe tira quasi todo o leite das vaccas, e deixa um pinguinho só para os pobres bezerros. Porisso mesmo quasi nenhuma cria aqui póde vingar, e algum que escapa mamãe vende logo.

— E porque é que ella não te dá uma bezerriinha? aquella vermelhinha estava bem bonita para vossê...

— Qual!... não vê que ella me dá!... e eu

que tenho tanta vontade de ter também a minha vaquinha. Ha que tempo Dindinha prometteu de me dar uma bezerra e até hoje estou esperando...

— Mamãe?... ora!... é porque ella se esqueceu... deixa estar, que eu hei de fallar com ella... mas não, eu mesmo é que hei de te dar uma novilha pintada muito bonitinha que eu tenho. Assim como assim, eu tenho de me ir embora mesmo, que quero eu fazer com creação?

— Como é isso?!... exclamou Margarida com surpresa. — Pois vossê vai-se embora?...

— Vou, Margarida; pois vossê ainda não sabia?...

— Eu não; quem me havia de contar? para onde é que vossê vai, então?

— Vou para o estudo, Margarida; papae mais mamãe querem que eu vá estudar para padre.

— Devéras, Eugenio!... ah! meu Deos!... que idéa!... e é muito longe esse estudo?...

— Eu sei lá; elles estão fallando que eu vou para Congonhas...

— Congonhas!... ah! já ouvi fallar nessa terra; não é onde morão os padres santos?... ah! meu Deus! isso é muito longe!

— Qual longe !... tanta gente já tem ido lá e vem outra vez. Mamãe já mandou fazer batina, sobrepelliz, barrete e tudo. Quando tudo ficar prompto, eu hei-de vir cá vestido de padre para vossê ver que tal fico.

— Tomára eu ver já !... vossê ha-de ficar um padrinho bem bonitinho !

— E quando eu for padre, vossê ha-de ir por força ouvir a minha primeira missa, não ha-de, Margarida ?..

— Se hei-de !... e tambem mais uma cousa, que eu hei-de fazer... adivinha o que é...

— O que é ?... falla.

— Mamãe costuma dizer, que eu já estou ficando grande, e que daqui a um anno bem posso me confessar, e para isso anda me ensinando doutrina ; mas eu não tenho animo de me confessar a padre nenhum... Deus me livre ! tenho um medo... uma vergonha !... mas com vossê é outro caso, estou prompta, e por isso não quero me confessar enquanto vossê não for padre...

— Está dito, Margarida ; prometto que ha-de ser vossê a primeira pessoa que eu hei-de confessar ; antes disso não confesso pessoa nenhu-

ma, nenhuma desta vida; eu te juro, Margarida.

— Muito bem! muito bem! está dito. Agora me conta, Eugenio; quando é que vossê vae-se embora?

— É para o mez que vem...

— Ah! meu Deus! pois já tão depressa! e vossê não hade ficar com saudade de mim?...

— Se fico!... muita, muita saudade, Margarida! — quando penso n'isso fico tão triste, que me dá vontade de chorar.

— E eu, pobre de mim!... como vou ficar tão sozinha! com quem é que eu hei-de brincar daqui em diante?... não sei como ha-de ser, meu Deus!...

Os dous meninos parárão, e com a fronte pendida para o chão guardárão silencio por alguns instantes; aquellas duas frontes tão puras, ainda lá pouco tão radiantes de prazer e de innocencia, pela primeira vez se annuveárão de uma pequena sombra de tristeza.

Era um primeiro e tenue vapor, que mal lhes enbaçava o sereno fulgor da aurora da vida; mas esse leve vapor bem poderia converter-se em sinistra e carregada nuvem prenhe de desgraas.

Eram quasi ave-marias. A sombra do crepusculo ia de manso derramando-se pelas devezas silenciosas. A favor daquella funda e solemne mudêz ouvia-se o debil marulho das agoas do ribeiro escorregando por sob a humida e sombria abobada do vergel, em quanto um sabiá pousado na mais alta grimpa da paineira mandava ao longe os echos do seu costumado hymno preguiçosamente cadenciado, com que parece estar acalentando a natureza prestes a adormecer debaixo das propicias e somnolentas azas da noite.

Os meninos quedos e taciturnos olhavam em derredor de si com tristeza. Pela primeira vez scismas saudosas, annueadas de um leve toque de melancolia, pairavam sobre aquellas fronte infantis. Dir-se-ia, que naquelles vagos rumores do solidão ao despedir-se do dia estavam ouvindo o derradeiro adeus do genio prazenteiro da meninice, e que no dubio clarão rozeo que affogueava ainda a orla extrema do occidente, entrevião o ultimo sorriso da aurora da existencia.

Foi Margarida quem interrompeu aquelle triste silencio.

— Meu Deus! — exclamou ella, — o que estamos aqui fazendo embasbacados? ha que tempo

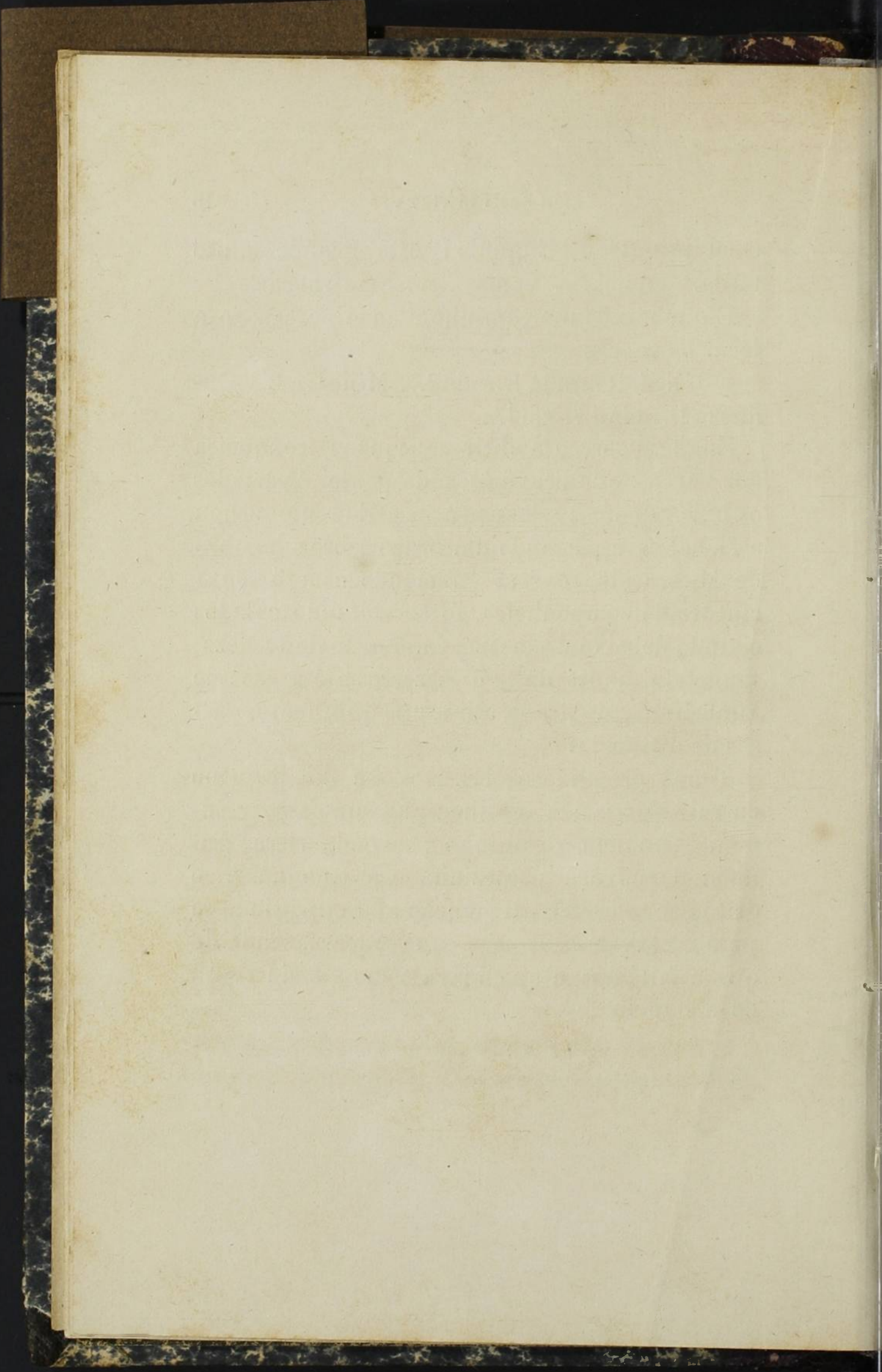
o sol já entrou, Eugenio! está ficando muito tarde. Vamos!... vamos... toca as vaccas.

E quebrando um raminho a menina pôz-se a tocar as vaccas.

— Eia! Dourada!... eia!... Minerva!... Duqueza!... eia!... eia!...

Eugenio correu a abrir a pequena tronqueira das vaccas, que ficava álem da ponte. Apartados os bezerros e passadas as vaccas, Eugenio tornou a fechal-a, e passando um braço sobre o hombro de Margarida, e esta enlaçando com o seu a cintura do companheiro, forão voltando calados e ainda debaixo da mesma impressão de tristeza, taugendo diante de si os bezerros até a casa de Umbelina, que ficava alli a uns quinhentos passos de distancia.

Tendo prendido os bezerros em um pequeno curral, Margarida recolheu-se a sua casa, e Eugenio enfiando o caminho por onde viera, ganhou de novo a pontezinha e a tronqueira, e deitou-se a correr pelo rincão afora dirigindo-se para a casa de seus paes, que era a fazenda de que ja fallámos, e que ficava como a meia legoa de distancia.



II

Antes de passarmos adiante, cumpre que o leitor saiba quem são esses dois pequenos personagens que encontra logo ao limiar desta historia, esses dous pastorinhos, que apezar de seus tenros annos se apresentam com vizes de quererem ser os protogonistas della.

Eugenio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses, mas homem considerado no logar e pessoa de importancia. Fazendeiro trabalhador, bom e extremoso pae de familia, liso e sincero em seus negocios, partidista firme, e cidadão sempre prompto para os onus publicos, nada lhe faltava para gozar da maior consideração e respeito entre os seus conterraneos.

Antunes tinha terras de sobejo para a pouca escravatura que possuia, e portanto dava mo-

rada em sua fazenda a diversos aggregados, que sem lhe pagarem contribuição alguma nem em serviço nem em dinheiro, como é costume em nossa boa terra, usufruião algumas nesgas de suas extensas possessões territoriaes.

Entre esses aggregados contava-se a senhora Umbelina, a qual com sua filha Margarida e uma velha escrava occupava a cazinha que descrevemos no capitulo antecedente. Umbelina vivia de sua pequena bitacola á beira da estrada vendendo aguardente e quitandas aos viandantes, cultivando seu quintal, pençando suas vaquinhas, e da venda de fructas, hortalices e leite sabia com sua diligencia e economia tirar um soffrivel rendimento.

Era ella uma matrona gorda e córada, de rosto sempre affavel e prazenteiro; sua aceiada e garrida cazinha alvejando entre o verdor das balsas e campinas que a circumdavam, era uma confirmação palpitante do rifão, que diz, — não ha traste que não se pareça com seu dono. — Erão portanto uma e outra mui proprias para attrahir os viandantes, que não deixavão de apear-se á porta da bitacola da tia Umbelina, afim de tomarem alguns refrescos ou provarem de suas excellentes quitandas.

Umbelina fôra casada com um alferes de cavalaria, que havia morrido nas guerras do Rio-Grande do Sul, deixando sua mulher e Margarida, sua unica filhinha, ainda no berço no estado da mais completa indigencia... Antunes e sua mulher, que tinham antigas relações de amizade com o fallecido alferes, e que erão padrinhos da menina, dêrão a mão á pobre e desvalida viuva, e a estabelecêrão em suas terras.

Margarida teria pouco mais de anno, quando sua mãe foi morar na fazenda do capitão Francisco Antunes. Como Eugenio, filho deste, ainda em tenra idade, não tinha senão um irmão e uma irmã muito mais velhos que elle, e que de ha muito se tinham casado, e abandonando o ninho paterno tinham cada qual tomado o seu rumo, Margarida foi como um presente, que o ceo lhe enviava para companheira dos brincos de sua infancia. Por isso mesmo os velhos donos da casa muito a estimavão, e a tractavão com todo o mimo, como se fôra sua propria filha. Margarida bem o merecia: era uma encantadora menina, de muito bom natural e muito viva e engraçadinha.

Os dous meninos querião-se como se fossem

irmãos, andavão sempre juntos, e não se separavão senão á noite para irem dormir.

Um dia aconteceu-lhes um estupendo e singular incidente, que não posso deixar de referir, incidente que qualquer espirito supersticioso teria tomado por um sinistro agouro ou como um prenuncio assustador do destino da menina.

A pequena Margarida, apenas na idade de dois annos, estando a brincar no quintal por onde andava passeando a dona da caza, Umbelina e mais familia, desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava, e da de seu camarada de infancia, que já contava seus quatro annos. Quando este deu pela falta e foi procural-a, encontrou-a assentada na relva junto de uma fonte a brincar., com o que, Santo Deus!... a brincar com uma formidavel e truculenta jararaca. A cobra enrolava-se em anneis em volta da creança, lambia-lhe os pés e as mãos com a rubra e farpada lingua, e dava-lhe beijos nas faces. A menina a affagava sorrindo, e dava-lhe pequenas pancadas com um pauzinho que tinha na mão, sem que o hediondo animal se irritasse e lhe fizesse a minima offensa. Se o Genesis não nos apresentasse esse terrivel reptil como cheio de astucia e malicia

seduzindo a primeira mãe da humanidade e fazendo-a perder para si e para toda a sua descendencia as delicias do paraizo terreal, dir-se-hia que até a serpente tem seus impulsos generosos e tambem sabe respeitar a fraqueza e a innocencia da infancia.

Mal o menino deu com os olhos naquelle estranho e arripiador espectaculo, rompeu logo em gritos.

— Mamãe!... mamãe!... bradava elle com quanta força tinha; — olha cobra!... uma cobra está comendo Galida!...

A mãe d'elle e Umbelina, que não andavão longe, ouvindo os gritos do menino acudirão logo pressurosas, pallidas e transidas de susto, armadas cada uma de um comprido pao. Ao avistarem a cobra enroscando-se nos braços e no pescoço da pobre menina, estacarão horrorisadas, a testa se lhes inundou de suor frio, as pernas lhes tremêrão, e pouco faltou para que rolassem no chão sem sentidos. Umbelina principalmente estava no mais angustioso transe; foi-lhe mister agarrar-se á estaca de um varal para não cair por terra. As duas mulheres não atinavão com o que deverião fazer; atacando a cobra receavão assanhal-a e fazer com que

mordesse a menina, ao mesmo tempo não podião deixar em tamanho perigo aquella pobre creança, que continuava a rir-se e a brincar com a cobra com toda a estouvadice e com o maior descuido do mundo, como se estivesse brincando com uma boneca.

Passárão-se alguns instantes da mais cruel anciedade. Passados elles felizmente a cobra, presentindo a aproximação de gente, foi-se retirando tranquillamente, e sumiu-se nas moitas de um mattagal visinho.

Livres daquelle primeiro susto, mas não de todo tranquillias, as duas senhoras corrêrão apressadamente a revistar todo o corpo da creança, e tendo reconhecido que o terrivel bicho não lhe havia feito nem a mais leve offensa, levantarão as mãos ao ceo derramando lagrimas de gratidão por tão singular beneficio, que tomárão por um milagre da Providencia.

A senhora Antunes chamou logo em altos gritos os escravos, e ordenou-lhes que perseguissem e matassem a cobra. Umbelina porém, não queria consentir que se fizesse mal ao animal que havia respeitado e affagado sua querida filha.

— É bicho mau, bem sei, -- dizia ella, —

mas esta... coitada!... parece não ser da laia das outras; a menina brincava com ella como se fosse um cão de fralda, e a bicha não lhe fez mal nenhum.

— Nada!... nada! — exclamava a outra. — Quem seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Sempre é um bicho que Deus excommungou. A comadre deve lembrar-se que foi uma serpente, que tentou nos a mãe Eva.

— Mas uma cobra, que em vez de morder lambe e affaga...

— Também a serpente do paraiso não mordeu Eva; arrastou-se a seus pés e affagou-a para melhor enganar-a.

— Ora, comadre, também a minha Eva ainda está muito pequenina para poder ser tentada pela serpente.

— É que já o bicho maldito a está pondo de olho para mais tarde fazer-lhe mal.

— Qual, comadre!... é porque até as cobras tem respeito á innocencia...

— Fie-se nisso!... por sim por não, esta não me ha de escapar.

Dizendo isto, a senhora Antunes, com todo o cuidado e precaução sondava com os olhos a moita do mattagal em que a cobra se tinha

sumido. Tendo-a emfim descoberto, encarou-a fixamente, e sem despregar della os olhos, levou as mãos aos atilhos da cintura da saia, que começou a arrochar cada vez com mais força, murmurando certas orações e esconjuros cabalísticos.

É esta uma sympathia de que usão as nossas roceiras para tornarem as cobras immoveis e pregal-as por assim dizer em um logar, e dizem que é de um effeito immediato e infallivel.

Talvez o leitor não creia nessas cousas que chamão abusões do povo, mas o certo é, que desde o momento em que a senhora Antunes pregou os olhos na cobra e começou a arrochar a saia na cintura, a bicha parou immediatamente e não se mecheu uma linha do logar em que estava, até que um escravo chegando com um varapao veio dar cabo della.

O rapaz depois de ter-lhe machucado bem a cabeça, suspendendo a custo o enorme bicho na ponta da vara, tirou-o da moita, e arremessou-o no gramal.

A cobra veio cahir com medonho ronco aos pés de Umbelina, que soltou um grito agudo e deu um salto para traz.

— O que é isso, comadre? está com medo? —

exclamou a senhora Antunes com uma gargalhada. Pois não quer vêr o lindo e innocente bichinho, que ainda agora estava lhe beijando a filha? —

— Jezus! .. sancto nome de Jezus! — bradou Umbelina persignando-se e olhando de travez o hediondo animal, que se estorcia no chão, — Que bicho medonho!... de que escapou minha pobre filhinha!...

— Ah!... já está vendo?... a comadre deve um favorão a Deus por ter permittido que a cobra não mordesse a menina.

— Anda cá, Josepha! — continuou ella dirigindo-se á escrava. — Daqui em diante mais cautella com estas creanças, ouviste? não te arredes de perto dellas... se as deixares outra vez por ahi á toa sozinhas, lavro-te de relho, pasmada, e ponho-te na roça com uma enxada na mão... olha a cara desta desmazelada!... esta sonsa, que nem para tomar conta de umas creanças tem prestimo!...

Ditas estas palavras, as duas mulheres acompanhadas da demais familia forão-se recolhendo para casa, silenciosas e profundamente impressionadas por aquelle extraordinario incidente,

que tornou-se por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa.

Umbelina via nelle um milagre, pelo qual dava infinitas graças ao ceo apertando nos braços a filhinha que, como ella dizia, tinha nascido naquelle dia. A mulher de Antunes, porem, que tinha o espirito propenso a acreditar em superstições e agouros, teimava em ver naquillo um sinistro prenuncio, que ella mesma não sabia explicar.

III

Margarida, pois, não sahia quasi da casa do Capitão Francisco Antunes, onde conduzida por sua mãe entrava pela manhã, e não sahia senão á tardinha. Muitas vezes mesmo acontecia-lhe dormir lá, quando fazia mau tempo, ou quando os afazeres de Umbelina não lhe permittião ir buscal-a.

Á medida que a menina ia crescendo, a senhora Antunes, como boa madrinha que era, ia-lhe ensinando o que a sua tenra idade comportava, e desde os cinco annos lhe pôz nas mãos a agulha e o dedal.

Margarida, por sua graça e gentileza, por sua extrema docilidade e por sua precoce vivacidade era mui querida de todos, especialmente de Eugenio, que não sahia de juncto della, e ficava

triste todas as tardes, quando ella se retirava para sua casa.

Assim foi se creando e fortalecendo desde o berço entre aquellas duas almas infantis uma viva e profunda affeição, que de dia a dia mais affundava as raizes naquelles dous tenros corações, como em uma terra fresca e cheia de seiva virginal. Erão como duas flores silvestres em botão, nascidas do mesmo hastil, nutrindo-se da mesma seiva, acariciadas pela mesma aragem, que ao abrirem-se cheias de viço e louçania encontravão-se sorrindo-se e namorando-se em face uma da outra, e balanceando-se ás auras da solidão procuravão beijar-se trocando entre si effluvios de amor. De dia em dia crescia essa mutua amizade entre as duas creanças, como um cipó, que nascendo entre dous tenros arbustos visinhos, se enleia em torno delles e confunde seus galhos tornando-os como um só.

Não erão ainda Romeu e Julieta; mas erão inseparaveis como Paulo e Virginia vagueando pelas sombras das pittorescas selvas da Ilha de França.

Entretanto Eugenio tocava já aos seus nove annos, e um dia foi preciso mandal-o morar na

Villa em casa de um parente, afim de frequentar a escola de primeiras letras.

Ah! foi esse um dia de prantos e desolação naquella pequena familia. Parecia que ella havia sido fulminada por alguma grande desgraça. Umbelina e a dona da casa ralhavão e affagavão, sorrião e choravão ao mesmo tempo; os meninos resmungavão queixas e soluçavão pelos cantos da casa. O pae gritava, enternecia-se e exasperava-se alternativamente á vista de tanta choradeira. E tudo isto por causa de um menino que hia para a escola dalli a legoa e meia !!...

No momento de partir foi a muito custo que conseguirão arrancar os dous meninos dos braços um do outro.

Foi necessario que Umbelina agarrasse á força sua filha, que se atirava pelo chão estorcendo-se e rasgando as roupas em desespero, e queria a todo transe ir correndo pela estrada a fora atraz de seu companheiro, que lá se hia em lagrimas e soluços.

Por alguns dias Margarida ficou mettida em sua casa, triste e amuada. Uma dôr de alguns dias já é para assombrar em um coração de oito annos. Mas o tempo é o melhor, senão o unico

consolador das magoas passageiras da vida. Sobretudo no coração das crianças o seu balsamo é de uma efficacia e promptidão espantosa. Assim pois, com o tempo e tambem porque quasi todos os domingos Eugenio vinha passar o dia na fazenda, Margarida foi-se consolando e acomodando com a sua sorte.

Eugenio esteve dous annos na escola, e quando voltou definitivamente para a casa paterna, Margarida, que estava entre os nove e dez annos, já não era tão assidua em casa do fazendeiro. A menina já podia ajudar sua mãe, sabia coser, bordar, e era muito diligente em toda a especie de serviço caseiro compativel com a sua idade. Portanto somente aos domingos e dias santos, ou por acaso em alguma tarde costumava apparecer em casa de seus padrinhos em companhia de sua mãe.

Desde então trocárão-se os papeis, e era Eugenio quem não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quasi inteiros juncto a Margarida, ajudando-a em seus pequenos serviços, ou pelos campos e capões vizinhos, armando arapucas e esparrélas para apanhar pombas, sabiás, inhambús, saracuras e outros passaros, com que obzequiava a sua linda

amiguinha, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita.

Os paes de Eugenio não deixavão de ralhar com elle em razão de não parar em casa.

— Meu filho, — dizia a mãe em tom de branda reprehensão, — eu desejava bem saber o motivo, porque não me paras em casa!... parece que não queres mais bem a tua mãe?!...

— Quero, mamãe...

— Não queres... isto já é muito travessear... é preciso socegar um pouco... não paras um instante ao pé de mim. Não gostas de teu pae, nem de tua mãe?!...

— Gosto, mamãe...

— Qual!... não gostas. De manhã appareces apenas para tomar a benção, tomas á pressa o teu café com leite, e depois... adeus, Sr Eugenio, passe por lá muito bem; até á hora de jantar, ou até á noite!!... Isto não vae bem!... estou zangada contigo.

— E se eu contar a mamãe, porque é que eu fico lá tanto tempo, mamãe fica zangada comigo?...

— Eu sei!?... conforme... falla: o que é então?...

— Pois mamãe saiba, que a tia Umbelina me pediu para ensinar a ler á Margarida...

— Devéras, meu filho?... interrompeu a mãe rindo-se muito. — Que galante mestrinho tem a minha afilhada! por Deus que não sei qual dos dous mais precisará de bolos, o mestre ou a discipula.

— Mamãe está cassoando!... pois é devéras! estou ensinando a ler á Margarida.

— Está bom, meu filho; mas para isso será preciso gastar todo o dia!... o teu mestre por ventura te estava ensinando o dia inteiro?...

— Mas, mamãe, a tia Umbelina quer que ella aprenda depressa; e é preciso eu dar a ella duas, trez e quatro lições por dia. Daqui lá é bem longe, e eu não posso estar de lá para cá, e de cá para lá a toda hora.

— Arre, nem com tanta sede ao pote!... mas, meu filho, isso não pode continuar; eu quero ver-te mais vezes perto de mim.

— Só se mamãe pedisse á tia Umbelina, que Margarida viesse para cá...

A mãe sorriu-se.

Isso não é mais possível, Eugenio; — tornou ella. — Bem vê's que Margarida já está fi-

cando grande ; já ajuda sua mãe, que precisa muito della...

— Qual, mamãe!... o que Margarida faz em caza, eu e ella indo para lá de tarde fazemos num instante... é recolher os bezerros, dar milho ás gallinhas... ora bolas!... isso custa nada?... a costura ella pode trazer para cá...

— Para tudo achas remedio... mas isso não pode ser assim...

— Então mamãe não quer que eu vá mais lá? — disse o menino quasi a chorar.

— Não é isso, filho. Não te digo que não vás ; mas é preciso voltar mais cedo, e não fica: lá o dia iuteiro. A tua casa é aqui e não lá.

As cousas não passavão destas brandas reprehensões, antes queixas da mãe de Eugenio. Este continuava sempre com a mesma assiduidade ao pé de Margarida ; todavia o mais que fazia em attenção ás ordens ou antes ao pedido de sua mãe, era voltar — ás vezes — mais cedo para casa, com grande sacrificio de seu coração. Os paes surrião-se cheios de satisfação da ingenuidade do *mestrinho*, como dahi em diante o chamavão, e não lhe levavão a mal as suas longas e quotidianas ausencias.

Eugenio não mentia, quando disse a sua mãe que ensinava a ler á sua companheira de infancia. O viandante, que por alli transitasse naquella época, teria por vezes occasião de contemplar á sombra das paineiras juncto á ponteizinha de que já fallamos, um curioso e interessante grupo, um esbelto rapagote de cerca de doze annos assentado na gramma, e com um braço passado sobre o hombro de uma gentil menina um pouco mais nova, apontando-lhe as letras do alphabeto.

Eugenio era dotado de indole calma e pacata, e revelava ainda na infancia juizo e sisudez superior á sua idade; tinha intelligencia facil e boa memoria. Alem disso mostrava grande pendor para as cousas religiosas. Seu principal entretenimento, abaixo de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratorio, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis. Diante deste oratorio o menino se extasiava fazendo o papel de capellão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com toda a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente comica. Seus assistentes erão os creoulinhos da casa, e ás vezes elle tinha por

sacristão a Margarida, que com isto muito se encantava.

Em vista de tudo isto os paes entendêrão que o menino tinha nascido para padre, e que não devião desprezar tão bella vocação. Assentárão pois, de mandal-o estudar e destinal-o ao estado clerical.

Naquellas épocas de crença viva e piedade religiosa ter um filho padre era um prazer, uma gloria, de que muito se ufanavão os paes e as mães de familia, e mesmo hoje, principalmente entre os nossos morigerados e religiosos fazendeiros, não falta quem pense que não pode haver carreira mais bonita, mais sancta, nem mais honrosa. Assim pensamos tambem, quando aquelles que a abração, a exercem nobre e dignamente.

Na vespera do dia, em que tinha de partir para o Seminario de Congonhas do Campo, Eugenio que tinha ido a casa de Umbelina despedir-se della e de sua filha, demorou-se mais do que de costume. Foi preciso mandar buscal-o. Forão achal-o no sitio, em que já o vimos por vezes, debaixo das paineiras, abraçado com Margarida, e ambos a chorarem.

Embebidos em sua profunda magoa, nem

presentião a noite que vinha descendo, e allí ficarião chorando até o romper d'alva, se não os viessem despertar daquelle doloroso lethargo.

Que bello preludio para quem se destinava ao estado clerical!...

IV

Eis o nosso heróe transportado das livres e risonhas campinas da fazenda paterna para a monotonica e austera prisão de um seminario no arraial de Congonhas do Campo, de barrete e sotaina preta, no meio de uma turba de companheiros desconhecidos, como um bando de anís pretos encerrados em um vasto viveiro.

Que mudança radical de vida !... que meio tão differente daquelle em que até então tinha vivido ! Essa transplantação devia modificar profundamente a existencia do arbusto tão violentamente arrancado do solo natal.

Antes porém de proseguirmos, repousemos um pouco nossas vistas sobre o pittoresco edificio do seminario e especialmente sobre a alva e formosa Capella do Senhor Bom Jesus de Mattozinho, que em frente d'elle se ergue no alto da

collina, como a branca pomba da alliança pou-sada sobre os montes.

Alli ella refulge como um fanal de esperanza ao triste caminheiro estafado e perdido pelas escabrosas sendas da vida, como um refugio de paz aos afflictos peregrinos do valle das lagrimas, como um cofre das graças e perdões da misericordia divina, offerecendo allivio e cura a todos os soffrimentos do corpo, consolação e refrigerio a todas as atribulações do espirito.

De facto é o que ahi vão procurar, e quasi sempre encontrão, milhares de peregrinos eromeiros, que partindo dos pontos os mais affastados ahi vem ajoelhar-se ao pé do altar do Bom Jezus, supplicando lhe a cura de suas enfermidades, e allivio a suas dores.

Sobe-se ao adro da capella por uma escadaria de dois lances flanqueados de um e outro lado pelos vultos magestosos dos prophetas da antiga lei, talhados em gesso, e de tamanho um pouco maior do que o natural.

É sabido, que essas estatuas são obra de um esculptor manêta, ou aleijado da mão direita, o qual para trabalhar era mister, que lhe atassem ao punho os instrumentos.

Por sem duvida a execução artistica está muito

longe da perfeição. Não é preciso ser profissional para reconhecer nellas a incorrecção do desenho, a pouca harmonia e falta de proporção de certas fórmias. Cabeças mal contornadas, proporções mal guardadas, corpos por demais espessos e curtos, e outros muitos defeitos capitaes e de detalhes estão revelando que esses prophe-tas são filhos de um cinzel tosco e ignorante... Todavia as attitudes em geral são características, imponentes e magestosas, as roupagens dispostas com arte, e por vezes o cinzel do rude esculptor soube imprimir ás physionomias uma expressão digna dos prophetas.

O sublime Izaias, o terrivel e sombrio Habacuc, o melancolico Jeremias são especialmente notaveis pela belleza e solemnidade da expressão e da attitude. A não encaral-os com as vistas minuciosas e escrutadoras do artista, esses vultos ao primeiro aspecto não deixão de causar uma forte impressão de respeito e mesmo de assombro. Parece que essas estatuas são copias toscas e incorrectas de bellos modelos da arte, que o esculptor tinha diante dos olhos ou impressos na imaginação.

Mesmo assim quanto não são superiores ás quatro disformes e gigantescas caricaturas de

pedra, que ornão... quero dizer, que desfigurão os quatro angulos da cadeia do Ouro-Preto!...

O seminario, que nada tem de muito notavel, é um grande edificio de sobrado, cuja frente se atravessa a pouca distancia por detraz da igreja, tendo nos fundos mais um extenso lance, um pateo, e uma vasta quinta. Das janellas do edificio se descortina quasi todo o arraial, e a vista se derrama por um não muito largo, porem formoso horizonte.

Collinas bastantemente accidentadas, cobertas de sempre verdesp astage ns, e marchetadas aqui e acolá de alguns capões verde-escuros fórmão o aspecto geral do paiz. Por entre ellas estendem-se profundos e deliciosos valles, por entre os quaes deslisão torrentes de agoas puras e frescas á sombra de moitas de verdura e bosquetes matizados de uma infinidade de lindas flôres silvestres.

Em torno e mais ao longe um cinto de montanhas verdes, antes collinas mais elevadas, cobertas de selvas e pastagens, parecem envolver com amoroso abraço aquelle solo santo, em que, segundo a lenda, o Bom Jesus revelou por evidentes e repetidos milagres queria que alli se erguessem seu templo e seus altares.

Da frente da capella por uma extensa e ingreme ladeira desce uma rua extremamente irregular e tortuosa, que vae terminar á margem do pequeno rio Maranhão, que divide o arraial em dous, communicando-se por uma ponte de madeira.

Na parte superior dessa rua, que forma um espaçoso largo, veem-se algumas cupolas ou pequenas rotundas de pedra, dentro das quaes se achão figurados os passos da paixão de Christo em imagens de tamanho natural, e são especial objecto da veneração e curiosidade de quantos visitão aquella localidade.

O arraial derramado em ruas irregulares pelo pendor das collinas em uma e outra margem do rio, tem um aspecto alegre e pittoresco, e seus arredores monticulosos apresentam ás vezes riso-nhas paisagens e apraziveis perspectivas.

Eis o novo cenario, a que havemos transportado o nosso heroe. O espectaculo não podia deixar de ser curioso e interessante, e nem a nova phase de vida em que hia entrar, deixaria de ter encantos para um menino que tanto gostava das practicas de devoção religiosa, e tão forte tendencia mostrava para o mysticismo. Comtudo aquelle filho do sertão acostumado a percor-

rer livre como o veado os campos e bosques da fazenda paterna, não pôde a principio deixar de estranhar a severa reclusão e imprescriptivel regularidade daquella vida monotona e compassada do seminario. Mas o genio pacato, e a extrema docilidade de Eugenio, ajudadas pela bossa da beatividade ou veneratividade, que a tinha muito desenvolvida, fizerão com que em menos tempo do que qualquer outro se habituasse e tomasse gosto mesmo pelo seu novo genero de vida, como se fosse o elemento em que nascera.

Só uma cousa perturbava o seu bem-estar, e lançava uma sombra na limpidez e serenidade do seu horisonte. Era a saudade immensa, que tinha do lar paterno e especialmente de Margarida, saudade que nem o tempo, nem os seus novos habitos e occupações pudérão jámais arrancar-lhe do coração.

Nas orações, na igreja, no recreio, nas horas de estudo e de repouso, Eugenio encontrava sempre mil motivos que lhe avivavão na idéa a imagem de Margarida.

Na missa, ao entrar na igreja na fila de seus companheiros, se perpassando um olhar rapido e furtivo pelo grupo das mulheres ajoelhados abaixo das grades divisava entre ellas alguma

linda e graciosa menina, se lhe afigurava ver Margarida, e se não fôra o regente, que postado por detraz dos estudantes passeava sobre elles olhares severos e vigilantes, Eugenio não resistiria á tentação de olhar para traz algumas vezes afim de illudir as saudades de Margarida contemplando uma creatura, que com ella se parecesse.

De madrugada aos domingos Eugenio acordava em sua cama ao som dos hymnos sagrados, que o povo assistindo á missa matinal entoava na capella. No meio daquella multidão de vozes de todos os timbres e volumes, que fazião res-trugir o sanctuario, e que echoavão por fóra em accentos melancolicos e solemnos, elle distinguia uma voz argentina fresca e suave. Margarida lhe acudia ao pensamento, Margarida, quando defronte do pequeno oratorio entoavão junctos esses canticos singelos e tocantes, repassados de mystica piedade. que ambos sabião de cór desde a mais tenra infancia. Era assim que Margarida cantava ! Eugenio abandonava-se a uma especie de extase cheio de voluptuosidade ; sua alma subia ao ceo nas azas do amor e da devoção, porem envolta em uma sombra de melancolia.

Depois do meio dia e á tardinha a sineta

do seminario tangia alegre a hora do recreio.

Então a turba dos seminaristas com suas batinas e barretes negros, divididos em quatro turmas segundo as idades, — grandes, medios, submedios e meninos — despenhava-se fóra das portas como uma nuvem de melros pretos a quem se abriu a entrada do viveiro, e se derramava pelo pateo, pelo quintal, pelo adro da capella e pelas collinas visinhas, uns tagareliando, outros assobiando ou cantando, outros tocando flauta, clarineta e outros instrumentos, fazendo uma algazarra confusa, immensa, atroadora. Era ainda um coro de melros cantando, saltando, esvoaçando ao longo de vicejante e risonha encosta.

O regente dos submedios, entre os quaes se achava Eugenio, costumava dirigir sua turma para o lado do quintal a uma extensa explanada ou terraço formado por um muro, que serve de cerco á quinta, cujo terreno mais elevado fica a cavalleiro sobre uma rua erma e quasi sem casas, que corre ao lado do seminario.

Ha nessa explanada um bello grupo de magnificas e giganteas castanheiras silvestres, e vião-se tambem alli naquelle tempo frescos e sombrios caramanchões de maracujá, e lindas latadas

de flôres trepadeiras. Gozava-se alli um ambiente fresco e perfumado, e a vista se expandia ao longe por alegres e formosos horisontes.

Emquanto seus companheiros brincavão, corrião, saltavão e garrulavão, balançando-se em gangorras, ou trepando pelas arvores, Eugenio se isolava, e sentado no paredão olhava para os outeiros e espigões que se desdobravão diante de seus olhos.

Se via um grupo de mulheres passeando ao longo das collinas verdes, e entre ellas alguma menina, seu coração suspirava. Margarida! murmurava elle, e aquelle nome tão doce, que lhe escapava como um soluço do fundo do coração, hia morrer nas azas da brisa perfumada, abafado pela algazarra de seus alegres companheiros. Era um arrulho de juritis perdido no meio da atroadora garrulice dos melros.

Outras vezes ficava olhando para o occidente. Era desse lado que ficava a sua terra natal. Por largo tempo ficava com os olhos pregados nas nuvens brilhantes, que como franjas de ouro pairavão sobre os cumes das ultimas collinas, e lá ião boiando a atufar-se no vapor esbrazeado do occidente. Elle se transportava em espirito para o seio daquellas nuvens de ouro, donde pen-

sava poder-se encherger as collinas e vargedos da fazenda paterna, e dalli conversava com a saudosa companheira de sua infancia. Tinha inveja da andorinha e do corvo, que talhando os ares lá se hião perder nas douradas brumas do occaso demandando os sitios venturosos, onde morava a bem querida do seu coração, e pesaroso por não poder acompanhal-os dizia-lhes do intimo d'alma — dai saudades á Margarida! —

O sino da capella badalando ave-marias o vinha despertar daquellas doces e saudosas scismas.

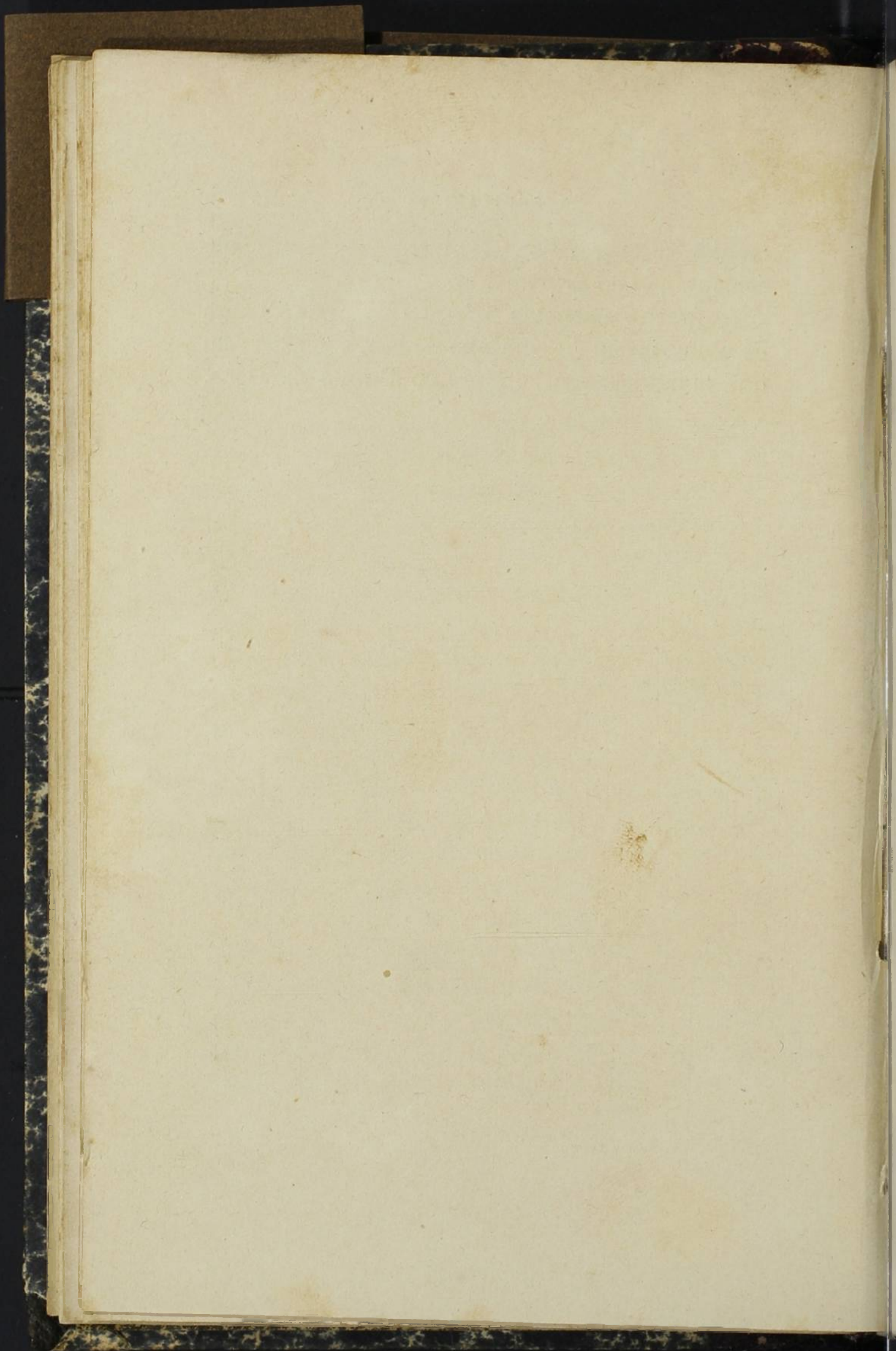
— Anda, sorumbatico!... vamos, meu sonso!... que estás ahí banzando? — bradavão-lhe seus galhofeiros e alegres companheiros.

Então os meninos descobrindo-se, com as mãos postas dentro de seus barretes, os olhos baixos, e a fronte venerabunda postavão-se em semicirculo em face do regente, e murmuravão em voz baixa a prece das Ave-Marias.

Eugenio, posto que com o espirito preoccupado pelas inquietações e saudades de um affecto terreno, rezava com mais fervor e recolhimento do que seus frivolos e descuidosos companheiros. Seu espirito apurado ao fogo de um amor infantil e casto, como o subtil e rozado vapor da

manhã despegava-se da terra com facilidade remontando ao firmamento.

As puras e sanctas affeições da alma, longe de a desviarem do caminho do céo, são azas com que mais depressa se eleva ao throno de Deus.



CAPITULO V

No seminario o menino Eugenio era um exemplo de boa conducta e applicação. Cordato, docil e obediente, depressa grangeou a benevolencia e estima dos padres, e a sympathia de seus companheiros. No estudo porem não deu a principio muito boas contas de si, não appresentou os progressos que eram de esperar de sua boa memoria e intelligencia.

A imagem de Margarida e a saudade do lar paterno enchião-lhe de sobra o espirito e o coração para deixarem logar ás fastidiosas lições de grammatica latina. O compendio de Antonio Pereira foi para elle um pezadêlo, debaixo do qual teve de gemer e suar por alguns mezes. Lia e relia as paginas da lição a ponto de as esfarellar para conseguir gravar na memoria

algumas palavras. É que erão seus olhos somente que passeavão por sobre aquellas letras mortas, que nada dizião ao seu espirito.

Aquellas definições e classificações tão frias e áridas, aquellas enfiadas enfadonhas de declinações e conjugações, como um bando de morcegos e corujas recusavão-se obstinadamente a penetrar no cerebro inflammado do adolescente, onde como em um sanctuario ardente e luminoso fulgurava incessantemente a imagem de Margarida. Se desde o começo lhe tivessem posto nas mãos o livro dos Tristes de Ovidio ou as Eglogas de Virgilio, talvez aquella alma impressionavel e apaixonada se tivesse mais depressa congraçado com o latim.

Foi pois com muita lentidão e um insano trabalho, que só a muita perseverança e força de vontade tornava supportavel, que Eugenio conseguiu ir gravando na memoria os seus rudimentos de latim.

Entretanto era preciso saber para ser padre, e portanto Eugenio entregava-se ao estudo com ardor inexcedivel, e fazia esforços inauditos para banir do espirito a seductora visão que o perturbava. Neste empeho a sua tendencia ao mysticismo e á vida religiosa vierão efficaçmente

auxiliar-o, e mesclando-se ás suas affeições terrenas contribuirão não para extinguil-as, mas para enfraquecel-as até certo ponto tirando-lhes o character ardente e inquieto, e confundindo-as com aquelle culto respeitoso e sereno, com aquelle adoração calma e extatica, que o menino consagrava á Virgem Mãe de Deus.

Amor e devoção se confundião na alma ingenua e candida do educando, que ainda não comprehendia a incompatibilidade que os homens tem pretendido estabelecer entre o amor do creador e o amor de uma de suas mais bellas e perfectas creaturas, — a mulher; — a mulher, que Deus creou para amar e ser amada, a mulher, que sem o amor é como a caçoula de perfumes, a que o ministro do templo esqueceu-se de communicar o fogo sancto, que os faz arder e subir em nuvens rescendentes a beijar os pés de Deus.

Assim, o coração naturalmente affectuoso e terno de Eugenio, não podendo dar ampla expansão a seus affectos mundanos, se refugiava no ascetismo da devoção religiosa, e derramava-se com effusão aos pés do altar, sem que esse culto da divindade excluísse delle o terno sentimento que experimentava por Margarida,

sentimento de que elle ainda ignorava a natureza, e nem lhe sabia o verdadeiro nome.

Volvendo ao céo o pensamento nas azas da oração, nessas horas de extase e de mystico recolhimento, por entre os córos de anjos que rodeavão o solio estrellado da Rainha de todos os sanctos, elle entrevia o faceiro e mimoso rosto de Margarida, e adorava-a tambem.

Assim essa affeição pura e casta, a qual se ainda não era o amor, era a sua fecunda e brilhante chrysalida, amenisava e como que embalsamava com seu tepido bafejo os actos de devoção e a austeridade da vida claustral, enquanto a devoção, por seu lado, mitigando os ardores e impaciencias daquelle sentimento, impedia que se tornasse uma paixão imperiosa e fatal.

Tinhão os padres em muito apreço e estima as bellas qualidades de Eugenio, e principalmente a decidida vocação que revelava para o estado clerical. Ignorando o que se passava no intimo de seu coração assentárão de animal-o e corroboral-o naquelle sancto proposito com exhortações e leituras adequadas a esse fim.

Naquelles tempos os dignos e veneraveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de Paula, aos quaes tantos beneficios deve a

provincia de Minas, não se descuidavão de empregar meios para attrahir neophitos ao seio daquella respeitavel corporação. Como os jezuitas, porem com mais escrupulo e menos violencia, procuravão dirigir a educação moral e intellectual dos meninos de modo a inspirar-lhes gosto pela vida ascetica dos claustros e a resovel-os a tomar a loba e o barrete de congregados.

Não ficarão totalmente sem fructo os seus esforços, e virão-se muitos moços de familias distinctas alistarem-se nas fileiras dos filhos de S. Vicente.

Notando as felizes disposições de Eugenio, os padres não podião deixar de nutrir a esperanza de vel-o no seu gremio, e para esse fim empregavão desde já habilmente os meios convenientes.

Passarão-se assim dous annos, em que a vida correu para Eugenio, senão descuidosa e prazenteira como na fazenda paterna, ao menos serena e sem dissabores. Cada vez mais estimado dos padres e bemquisto de seus companheiros, á medida que seu coração se ia acalmando, sua intelligencia se desobumbrava, e fazendo rapidos progressos compensava largamente o tempo

perdido com a difficuldade dos primeiros esforços.

É verdade que a imagem de Margarida nunca lhe sahia do coração, mas já não o incommodava tanto, nem lhe agitava o espirito como outr'ora. Ella lhe apparecia como a figura de um anjo, desenhando-se ao longe e sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horisonte vaporoso. A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos faz assomar aos labios um triste sorriso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue.

Passados dous annos porem, um incidente veio perturbar a uniformidade suave e serena, se bem que um pouco melancolica, da vida de Eugenio. Um dia a intima confiança que merecia de seus mestres e directores, hia-se abalando profundamente.

Eugenio já tinha entrado para a terceira classe de latim, e começando a traduzir o livro dos Tristes de Ovidio e as Eglogas de Virgilio sentio-se tomado de um vivo gosto pela poesia. Para isso o predispunhão sua terna sensibilidade e ar-

dente imaginação. Só esperava a mão, que visse correr aos olhos de sua intelligencia inexperta o veo que encobre esses desconhecidos e encantados horisontes, essas paysagens phantasticas e deslumbrantes, tão cheias de magia, de luz e de harmonia, em que os espiritos elevados encontram tão grato abrigo contra a insipidez e as asperezas da vida real.

Virgilio de um lado e Ovidio do outro derão-lhe as mãos e o introduzirão no templo da harmonia.

Era mais um precioso achado para aquella imaginação viva e brilhante, para aquella coração tão rico de affectos. Mais uma corda virgem acabava de ser vibrada naquella feliz e delicada organização. Á devoção e ao amor vinha juntar-se mais um novo encanto na vida do adolescente; mais um écho acordava melodioso no seio dessa alma tão cheia de harmonias intimas e mysteriosas.

Religião, amor, poesia, eis os elementos, que bastavão para encher aquella existencia e tornal-a a mais feliz do mundo. Erão como trez anjos de azas de azul e ouro, que esvoaçavão de continuo em torno dessa alma infantil e candida, e a arrebatavão aos ceos em gosos ineffaveis.

Deus, Margarida e a musa formavão como uma triplice aureola, que cingirião a fronte de Eugenio de gloria, amor e beatitude, se os destinos do homem pudessem correr sempre na vida serenos e risonhos, como soem se nos antolhar nos sonhos dourados da puericia.

Eugenio, pois, ao lêr os primeiros versos de Virgilio, sentiu na fronte o bafejo do anjo da poesia que dava-lhe á alma como um sentido mais, abrindo nella uma nova fonte de suaves e ineffaveis emoções. As Eglogas do immortal Mantuano o encantavão. As scenas do amor bucolico o arrebatavão retraçando-lhe na phantasia em cadentes e melodiosos versos os singelos e apraziveis paineis da vida campezina, em que tantas vezes elle figurára como actor, e fazendo-lhe lembrar com a mais viva saudade o ditoso tempo, em que junto com Margarida errante pelos vargedos e collinas da fazenda paterna lidava com o pequeno rebanho de Umbelina. A não ser padre santo, — que era até então a sua mais forte aspiração, — a vida que mais lhe sorria á imaginação era a de pastor, com tanto que fosse em companhia de Margarida.

Não contente com admirar e sentir as bellezas desses grandes poetas, Eugenio que tinha em si

um grande fundo de sentimento e calor poetico, ensaiava-se ás vezes procurando traduzir em estrophes as emoções de seu coração, e as imagens que lhe pullulavão no espirito. E quem senão Margarida, aquella belleza em botão, poderia inspirar os cantos daquella musa ainda no berço?...

Mas um dia,— como eu hia contando, Eugenio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima, que até então tinha merecido de seus preceptores.

Eugenio se occupava ás vezes em escrever algumas cousas, que não erão os seus themas de latim, e escondia cuidadosamente esses manuscritos, que scismava longamente. Como os meninos estudavão e dormião em um vasto salão aberto, esta circumstancia não pôde escapar aos olhos escrutadores e perspicazes do regente. Picado de curiosidade, este entendeu que devia saber o que continhão aquelles papeis. Portanto, na hora do recreio, incumbindo a outro o cuidado de levar os meninos a passeio, deixou-se ficar no salão, e foi dar busca aos papeis de Eugenio, esperando não encontrar entre elles, afora as listas de significados e os themas de latim, senão algum esboço de sermão ou talvez

algum ensaio de hymnos religiosos, com cuja leitura já de antemão se regalava sua avida curiosidade.

De facto encontrou alguns esboços informes nesse genero, mas qual não foi a sua surpresa, quando entre esses papeis encontrou tambem uma longa carta escripta no tom o mais erotico e sentimental e uma porção de versinhos amourosos dirigidos a uma rapariga por nome Margarida!?! Que terrivel auto de corpo de delicto! Que sentença esmagadora, que anathema tremendo pairava então sobre a loura cabeça de Eugenio, que a essa hora sentado como de costume no paredão da esplanada do quintal, tranquillo e descuidoso scismava saudades da sua Margarida!...

CAPITULO VI

Os versos de Eugenio erão apenas alguns ensaios incompletos e de fórmula tosca e imperfeita, algumas quadrinhas eroticas, e estrophes sem nexos esparsas aqui e acolá em pequenas tiras de papel. Erão as primeiras tentativas de um estro infantil, que ensaiava os vôos, como o passarinho novo que não podendo ainda lançar-se pelo espaço, contenta-se com esvoaçar em torno do ninho.

O regente, que era tambem o seu professor de latim, e muito curioso de specimens desse genero, conservou alguns desses versos, que lhe

parecêrão menos toscos e mais bem acabados,
como as duas seguintes coplas :

Longe de teus lindos olhos,
O' Margarida,
Passo a noite, passo o dia
Em cruel melancolia;
Ai! triste vida!

.

Que importa estejas ausente,
O' bem querida ;
O teu formoso semblante
Estou vendo a cada instante,
O' Margarida.

No genero bucolico o que havia de mais completo e intelligivel, era o seguinte :

Emquanto o nosso gado vae pastando
A verde relva ao longo da ribeira,
Vamos, Menalca, repousar um pouco
Á sombra da paineira.

Alli tu resoando a doce avena
A Chlore cantarás, que é tua vida ;
E eu te escutando chorarei saudades
Da minha Margarida.

.

Mas basta ; a sombra desce dos outeiros,
E o sol se esconde atraz daquella ermida,
É tempo de hir buscar o manso gado
Da minha Margarida.

O padre regente, comquanto admirasse o precoce talento poetico do menino, foi ás nuvens com semelhante descoberta, e tractou logo de sequestrar e hir metter nas mãos do padre-mestre director aquelles execrandos papeis, á excepção de alguns poucos que como apreciador do talento de seu alumno quiz conservar comsigo.

O director, cheio de assombro e altamente escandalizado, resolveu chamar á sua presença e interrogar com todo o rigor o author daquellas libertinagens, disposto a castigal-o severamente.

— Que hypocrita! — exclamava o padre cheio de sancta indignação. — Em tão tenra idade e já com o coração tão corrompido!... ah! velhaquete!... e andava-me aqui com carinha de sancto!... que castigo merece uma hypocrisia tal!...

Pobre menino!... aquella ingenua expansão de uma alma pura e affectuosa, que sabia ainda conciliar o culto do creador com o amor da creatura, em vez de ser considerada como um interessante phenomeno physiologico, como o idyllo mavioso de um coração de creança, que se expandia como uma flôr aos primeiros raios da aurora exhalando perfumes de poesia, era pelo contrario aos olhos do fanatico preceptor um

peccado abominavel, uma revoltante hypocrisia.

Portanto, depois que os seminaristas se recolhêrão do recreio e que a sineta deu signal da hora do repouso, Eugenio foi intimado pelo seu regente para comparecer no quarto do padre-mestre director.

Este chamado era terrivel. De ordinario só tinha logar quando o estudante tinha incorrido em alguma grave falta, e era quasi sempre seguido de severas reprehensões e por vezes de exemplares e rigorosos castigos. Transido de terror, posto que a consciencia nada lhe arguisse, pallido e tremulo como um reo, que vae ouvir a sentença de sua condemnação, o pobre menino atravessou es longos corredores, e encaminhou-se para o cubiculo do director, que ficava na extremidade do edificio pelo lado da frente.

— Então, senhor Eugenio, que papeis são estes? — foi-lhe logo perguntando sem mais preambulos o padre-mestre, com voz aspera e sobrolho carregado, e mostrando os papeis que tinham sido subtrahidos da pasta do menino.

Eugenio reconheceu logo os seus papeis; ficou fulminado e livido como um defuncto. Quiz res-

ponder, mas não atinava com o que havia de dizer. Tremendo e confuso abaixou a cabeça e calou-se.

— Que papeis são estes, senhor Eugenio? não me responderá?... continuou o padre com voz cada vez mais aspera.

Eugenio não respondia. Em pé, immovel e de braços cruzados em frente do padre, que se achava sentado juncto a uma meza, dir-se-hia que a vergonha e o terror o tinham petrificado, se não fôra um leve tremor que lhe agitava o corpo desde a cabeça até aos pés.

— Com effeito, senhor estudante! — proseguio o padre com voz grave e solemne; — quando nós todos aqui o tínhamos no conceito do melhor e mais bem comportado dos estudantes; quando eu o apontava como um exemplo a seus companheiros, cahe-lhe enfim a mascara, e o senhor mostra que não é senão o typo da mais rematada hypocrisia!... é incrível!... entretanto é a pura verdade!... Que quer dizer esta carta?... estes versinhos?... que abominação é esta? . . explique-me isto, senhor Eugenio. Então toda essa sua devoção, que tanto nos edificava, essa carinha de sancto, esses seus modos humildes não erão mais do que uma mascara para nos

enganar, e que encobria um libertino?! é assim que corresponde aos louváveis desejos de seu pae, que tanta vontade tem de vê-lo padre? diga-me, não se peja dentro da consciencia do triste papel que está fazendo?...

Que sermão para um menino de quinze annos e para uma alma timida, bôa e sensivel como a de Eugenio!...

Eugenio ficou aterrado. Tanto a sua lingua como a sua intelligencia ficárão como que paralisadas ao choque daquella furibunda apostrophe. Sua surpresa e estupefacção erão completas. Nunca lhe passara pela cabeça, que querer bem a uma creança como elle, e fazer-lhe versos fosse uma abominação, um horroroso peccado, e se procurava occultar esses productos do seu estro infantil, era mais por acanhamento e por uma especie de pudor instinctivo, e não porque tivesse consciencia de commetter um acto reprehensivel.

O menino estava em torturas, mas emfim era preciso responder alguma cousa.

— Senhor padre!... me perdoe... — pôde elle emfim responder balbuciando e tremendo. — Eu não sabia .. que isso era prohibido...

— Isso o que?...

— Fazer versos...

— Mas que qualidade de versos, senhor estudante?... fazer versos a Deus, aos sanctos, aos anjos, isso tambem os sanctos padres da igreja os fazião, e Vm. tambem lá os tinha no seu calhamaço de envolta com estas abominações... mais este sacrilegio!... E não me fará o favor de dizer quem é esta Margarida? . .

— É uma pobre creança, senhor padre, uma menina minha visinha, e que foi creada juncto commigo.

— Ah!... mais essa!... tão creança, e já tinha lá em sua terra dessas relações peccaminosas!... e o senhor seu pae por ventura não sabia disso, quando o mandou para cá afim de o educarmos para padre? é essa a bella vocação, que elle tanto exaltava? que guapo padre, que em vez de estudar e rezar occupa-se em fazer cartas e versinhos de amores?...

— Mas, senhor padre... eu não mandei a carta nem os versos para a Margarida...

— Porque não pôde;... e que importa isso?... bastava pensar em taes cousas para commetter um grande peccado, e Vm. não só pensou, como escreveu. Essas paixões peccaminosas e torpes não se devem aninhar no coração de ninguem,

e muito menos no de um menino, que se destina ao estado ecclesiastico. Meu amiguinho, se pretende continuar com essas abominações, arranque já do corpo essa batina, deite fóra esse barrete que está profanando com sua indigna conducta, ponha-se em calças e vá-se com Deus para casa de seus paes. Não consentiremos que esteja aqui pervertendo os outros com o seu pernicioso exemplo. Póde estar certo, que puniremos mais severamente a hypocrisia do que o escandalo. Este não é tão perigoso.

— Oh! senhor padre!... senhor padre! perdoe-me pelo amor de Deus!—exclamou Eugenio cahindo de joelhos aos pés do padre, e não podendo continuar, tapou o rosto com as mãos, e desatou n'uma torrente de lagrimas e soluços.

Um pouco commovido com aquella scena o padre pegou-lhe no braço, fêl-o levantar-se, e disse-lhe em tom mais brando :

— Está bem!... está bem!... não esteja ahi a chorar. Quero acreditar que tudo isto não foi senão effeito da ignorancia e simplicidade; mas fique advertido de uma vez para sempre... Levante-se, filho de Deus, enchugue essas lagrimas e faça firme protesto de não cahir mais nessas libertinagens. Aqui estão os seus papeis; quero

que os queime com as suas proprias mãos, e não pense mais nessa Margarida, que o hia lançando no caminho da perdição.

O padre fez accender uma vela, e o estudante com mão tremula nella queimou, como se fossem sacrilegos, aquelles innocentes productos da sua musa infantil.

— Muito bem! — disse o padre vendo cahirem no chão umas após outras as folhas denegridas dos papeis queimados. — Muito bem! agora é preciso tambem queimar nesse coraçãozinho inexperiente o lixo das paixões mundanas e peccaminosas no fogo do amor divino, redobrando de devoção, rezando com muito fervor, impondo-se jejuns e penitencias, e supplicando do fundo da alma ao divino Espirito-Santo, que lhe illumine o entendimento e lhe vigore o coração dando-lhe forças para poder combater victoriosamente contra a tentação do peccado. Para esse fim ha de Vm. jejuar uma semana inteira e preparar-se para no fim della fazer confissão geral e receber a communhão. Tenha paciencia, é só por este meio que poderá combater a tentação, que assim o anda desviando da senda de seus deveres, e o pretende arredar de sua sancta e verdadeira vocação. Vá; vá para o salão es-

tudar. Por esta vez está relevada a sua falta, e se se arrepender devéras, e emendar-se, continuará a merecer a nossa estima e nossos desvelos. Do contrario o reenviaremos a seus paes; mas espero que o menino não quererá dar-lhes tão grande desgosto.

CAPITULO VII

Eugenio entrou para o salão mergulhado n'um pego de dor, de vergonha, de terror, e soffrendo o embate de mil diversas e violentas impressões. Seus companheiros de salão olhavam para elle cheios de pasmo.

Em que grave falta teria incorrido aquelle bom menino, tão docil, tão socegado e estudioso?

— Se aquelle, que é um sanctinho, e nunca falta ás suas obrigações, está sujeito a estas, que será de mim, que nem por isso dou muito boas contas de mim, e não sou lá das melhores fazendas! — Assim cada um delles transido de medo pensava em sua consciencia.

Eugenio vendo a attenção de que era objecto da parte delles, queria afundar-se cem braças pela terra abaixo. Sentado sobre o seu tambo-

rete, e debruçado sobre o seu leito, que servia aos estudantes a um tempo de cama e de mesa de estudo, para furtar-se aos olhares curiosos e espantados de seus companheiros enrolou os braços em volta do rosto e assim ficou até á noite exhalando de quando em quando soluços abafados.

Aquelle estranho acontecimento vinha despertar em seu espirito uma multidão de idéas e reflexões novas, que lhe tumultuavão no cerebro, e o punhão na maior tortura e confusão. Não comprehendia que mal podesse haver em querer bem a uma menina e em fazer-lhe versos. Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo; sabia igualmente que o padre não póde casar-se, e muito menos amar uma mulher qualquer; mas nunca lhe passou pelo espirito a idéa de casamento com Margarida, nem com quem quer que fosse, nem tão pouco que aquella affeição que consagrava á menina, fosse o que se chama amor. Ficou portanto confuso e aterrado, quando aquelle sentimento que lhe parecia tão innocente e sem consequencia, lhe foi exprobrado como um crime hediondo, um sacrilegio, uma offensa enorme feita á divindade.

Repugnava-lhe semelhante idéa, mas entretanto sentia que era forçoso curvar-se a ella e submeter-se aos dictames do seu director. Mas esquecer-se de Margarida, renunciar para sempre áquella affeição tão pura e suave, que até então lhe havia embalsamado a existencia com seus effluvios celestes, e que constituia por assim dizer a seiva de seu coração, o perfume de sua alma, era um empenho diante do qual o seu espirito recuava espavorido, e a sua intelligencia, posto que inexperiente, bem entrevia que isso não lhe seria possível.

Todavia Eugenio, como submisso e docil que era por natureza, não podia deixar de comprehender que o padre director devia ter toda a razão, e presentia que a affeição que votava a Margarida, era um estorvo temível, um escolho, em que iria naufragar irremediavelmente a sua vocação religiosa. E como desejava sincera e ardentemente abraçar o estado sacerdotal, começou a ter um horror, não á pessoa de Margarida, — que mal lhe havia feito ou poderia fazer a pobre menina, — mas á idéa de amal-a.

Não podia desprezar e muito menos odiar a sua boa e gentil companheira de infancia, mas era forçoso... esquecel-a de todo! não; não o

queria, e nem isso era possível, mas era preciso não trazel-a tão de continuo presente ao pensamento. Nesse intuito Eugenio tentou embalde esforços sobrehumanos.

Á tarde, no recreio, em vez de ir assentar-se como d'antes no paredão da esplanada a contemplar as collinas visinhas e as nuvens douradas do occidente affogueado pelos ultimos clarões do dia, envolvia-se na turba folgazã dos companheiros, e procurava abafar no turbilhão e algazarra de seus trefegos divertimentos as scismas saudosas que nessas horas, como vapores de rosa nas azas de uma brisa perfumada, costumavam pairar-lhe pelo espirito.

Quando á hora de missa entrava na igreja, desviava os olhos do grupo das mulheres, e quando acordava de madrugada aos sons dos hymnos sagrados, ao ouvir aquella voz suave e argentina que lhe fazia lembrar Margarida, cobria bem a cabeça, e tapava os ouvidos com ambas as mãos.

De noite, quando sonhava com ella, — e isto sempre lhe acontecia, — despertava benzendo-se, punha-se de joelhos e rezava longamente pedindo a Deus que lhe arredasse do espirito

aquella tentação, que até dormindo tanto o perturbava.

Mas debalde Eugenio cerrava os olhos e os ouvidos, debalde procurava furtar-se á influencia dessas impressões externas, que lhe fallação de Margarida. De que lhe servia isso, se elle a tinha dentro de si, e não lhe era possível estender um veo que a occultasse aos olhos da alma, dentro da qual encontrava sempre a sorrir, refulgente de formosura, a imagem de Margarida, como lampada sempre accesa dentro de um santuario, e ouvia-lhe constantemente a voz como um écho mavioso, que a viração que passa acorda de continuo no seio de uma gruta mysteriosa.

Era tempo perdido querer riscal-a da lembrança. A encantadora menina cada vez mais louçã e risonha, cada vez mais tentadora, estava sempre a lhe apparecer em sonhos, como um anjo de luz procurando á porfia desvanecer e afugentar as sombras tristonhas que os escrúpulos de uma consciencia fanatisada começavão a accumular no espirito do adolescente.

Eugenio cumprio á risca os jejuns e penitencias que lhe forão prescriptos durante uma semana, no fim da qual devia prosternar-se no tribunal

da penitencia aos pés do confessor, e alliviar sua consciencia do pezo daquelle hediondo peccado, o qual entretanto fazia as delicias de sua vida. E quem escolheria elle para seu confessor senão o proprio padre-mestre director, que já estava ao facto das fraquezas de seu coração, e das hallucinações de sua imaginação?

O menino confessou-se com verdadeira contricção e sinceros desejos de emendar-se, revelando toda a lucta intima, que sustentava sem resultado para banir do espirito a imagem da sua querida Margarida.

O padre deu-lhe animações e conselhos salutaes exhortando-o a que persistisse naquella lucta agradavel aos olhos de Deus, e que tivesse fé e esperanza na misericordia divina, que alcançaria segura e completa victoria. Entre outras muitas cousas sanctas e salutaes que disse ao menino, fez-lhe ver que de certo Margarida, como creança que era, já ha muito delle se teria esquecido, e que não era senão o demonio que tomava a figura dessa menina para perturbar-lhe o espirito, arredal-o de uma santa vocação, e arrastal-o ao caminho da condemnação eterna; que se lembrasse que o espirito das trevas querendo perder nossos pri-

meiros paes transformou-se em uma serpente, que enleando-se submissa e dolosa aos pés de Eva, lançou-lhe n'alma o germen da desobediencia e da cobiça, o que fez perderem para sempre, ella e o seu companheiro, as delicias do paraiso terreal.

Como remedio practico para combater a tentação recommendou-lhe que se desse a trabalhos incessantes do corpo e do espirito; exercicio activo e violento mesmo nas horas de recreio, lição dobrada a estudar na occasião do repouso, e sobretudo orações, penitencias e mortificações durante a noite.

O estudante ouvia com a maior attenção, e recolhia no fundo da alma todos os conselhos e exhortações do padre, disposto a pôl-os em practica immediatamente. De todas as cousas porem, que disse o padre, a que mais profunda móssa deixou em seu espirito, foi a allusão da serpente no paraiso. Lembrou-se da cobra que se tinha enleado ao corpo de Margarida, quando era pequenina, das palavras que então sua mãe proferio com respeito á serpente que tentou Eva no paraiso, e estremeceu.

Havia alli uma terrivel analogia de situações, que elle sentia confusamente; as sinistras ap-

preensões de sua mãe parecião tender a realisar-se, e um terror vago se apoderou da alma de Eugenio.

O estudante seguio á risca todas as exhortações e conselhos do padre.

Na occasião do recreio corria, saltava, luctava, jogava á bola e á petéca sem dar um instante de repouso ao corpo.

Nas horas do repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente.

Quando vinha a noite achava-se fatigadissimo, mas em vez de entregar-se ao descanso que a natureza reclamava, conservava accesa a sua lampada até horas mortas da noite, resando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um somno irresistivel o viesse prostrar nelle.

No fim de algum tempo Eugenio estava magro, pallido, alquebrado, que mais parecia uma mumia ambulante. Tinha-se de todo amortecido o brilho de seus grandes olhos azues, e rugas precoces sulcavão-lhe as faces macilentas. O adolescente de dezeseis annos tinha visos de um ancião ás bordas da sepultura.

Estes estragos physicos não deixárão tambem de repercutir de um modo deploravel no moral e na intelligencia. O espirito de Eugenio, a principio exaltado pela forte tensão em que o mantinha aquella lucta travada comsigo mesmo, por fim extenuado de cansaço acabou por tornar-se moroso e pezado. Sua terna e delicada sensibilidade embotou-se, ou antes apagou-se no gelo de um beatismo frio, austero e sem arroubos. Essa imaginação tão viva e risonha, que como travessa borboleta esvoaçava entre o ceo e a terra, entre as flores da collina, e as nuvens matisadas dos brilhantes horisontes, quei.nou as azas de ouro na luz da candeia fumacenta do estudo e da oração.

Seu character mesmo modificou-se profundamente, e esse menino outrora tão benigno, tão complacente e communicativo, posto que algum tanto retrahido e melancolico, foi-se tornando de mais em mais secco e frio, desconfiado e solumbatico. Andava como um phantasma, de cabeça baixa e movimentos compassados e vagarosos. O olhar frouxo e estatelado tinha perdido essa travessa mobilidade, esse fulgor transparente propios dos verdes annos.

Fatal e deploravel poderio do fanatismo sobre

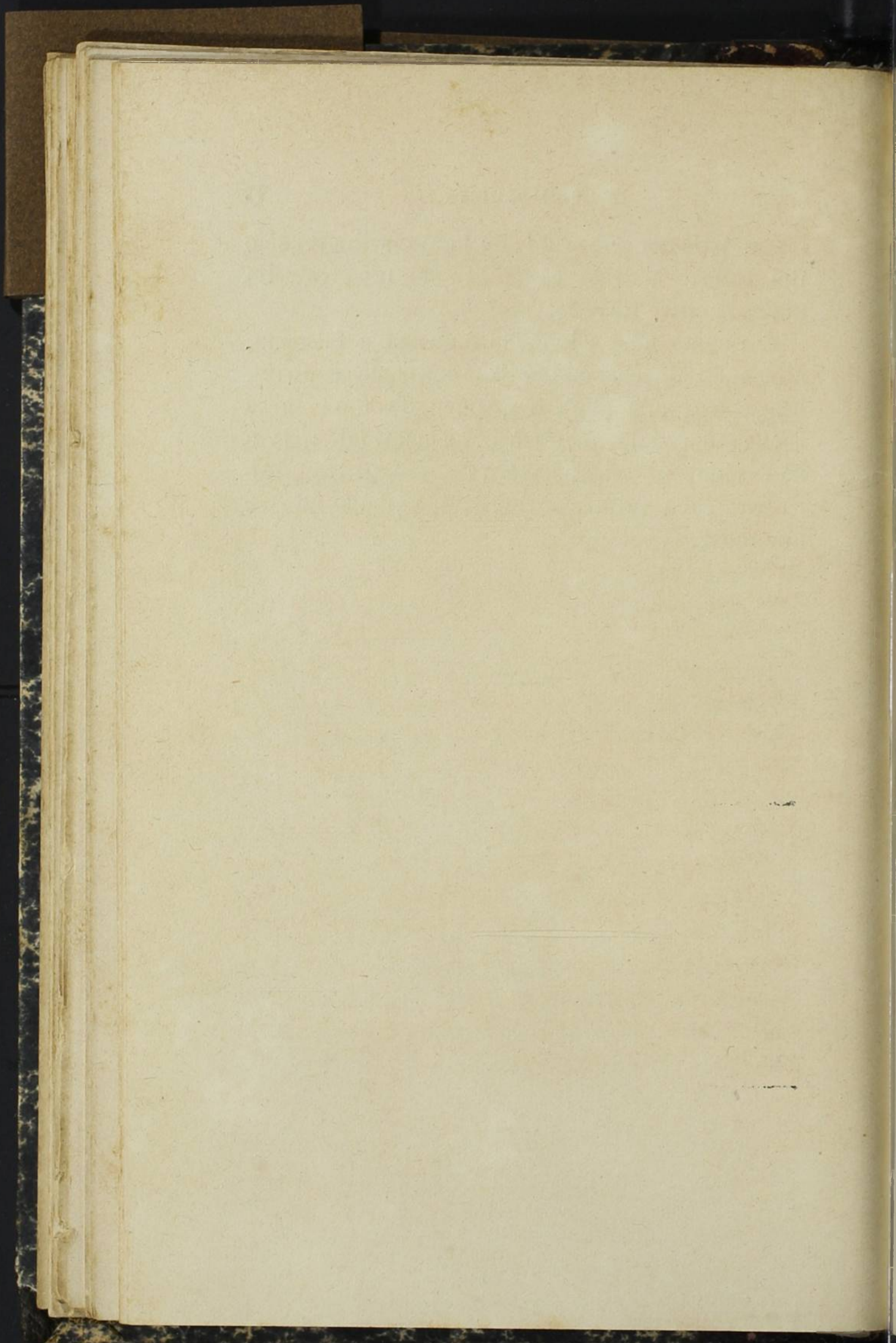
um espirito novél e exaltado, accessivel a todas as hallucinações!

Para esquecer Margarida era preciso quebrantar o corpo a ponto de o reduzir quasi a cadaver, embrutecer o espirito e mirrar o coração, e Eugenio não trepidou diante de tão horrivel alternativa. Á força de trabalhos e insomnias, de orações, jejuns e mortificações continuadas, cahio em tal estado de prostração, de atonia physica e moral, que embotando-se-lhe de todo a sensibilidade e quasi extincto o lume da intelligencia, o rapaz ficou como que reduzido a um automato.

Naquelle descalabro geral de todas as impressões vivas, de todas as emoções affectuosas, de toda a crença no amor e na felicidade neste mundo, naturalmente tambem a imagem de Margarida, arrebatada no commum naufragio, devia ter-se apagado naquelle coração, e Eugenio julgou ter conjurado para sempre a tentadora apparição, que lançava a perturbação em sua alma. Era verdade: o anjo luminoso desaparecera de seu espirito, como de um sanctuario deserto onde a lampada se havia apagado, ficando reduzido a uma espelunca tristonha, gélida e sombria, e apenas de longe em

longe pairava sobre elle, e lançava-lhe no seio um reflexo pallido como luz de uma estrella afogada entre nuvens.

Eis como uma educação fanatica e falseada, abusando de certas predisposições do espirito, lança naquella alma o germen de uma lucta intima e cruel, que fará o tormento de toda a sua vida, e o arrastará talvez á ultima desgraça, se a misericordia divina delle não se amercear.



CAPITULO VII.

Havia já quatro annos, que Eugenio se achava no Seminario sem visitar sua familia. Seu pae já por vezes tinha escripto aos padres pedindo-lhes que permittissem que o menino viesse passar as ferias em casa. Estes porém já de posse dos segredos da consciencia de Eugenio, receando com razão que as seducções do mundo o arredassem do santo proposito em que hia tão bem encaminhado, oppuzerão-se formalmente, e respondêrão-lhes fazendo ver, que aquella interrupção na idade em que se achava o menino, era extremamente perigosa, e podia ter pessimas consequencias desviando-o para sempre de sua natural vocação.

Uma ausencia porem de quatro annos já era excessiva para um coração de mãe, e a de Eugenio, principalmente depois que soube que seu

filho andava mofo e adoentado, não pôde mais por modo nenhum conformar-se com a vontade dos padres. Estes portanto, muito de seu magro, não tivérão remedio senão deixal-o partir.

A viagem, o movimento, as distrações, o ar livre restituirão em breve tempo á feliz organização do mancebo o viço e o vigor natural, que a longa enclausuração e a vida ascetica lhe hião apagando tanto no physico como no moral. A medida que viajava e hia se avisinhando ao lar paterno, hia-se de novo accendendo o brilho dos seus olhos, voltávão-lhe as côres ao rosto pallido, e com ellas voltávão-lhe tambem a enxamear no espirito as fagueiras recordações dos brincos da infancia em companhia de sua bem querida companheira, como um bando de passarinhos, que depois de uma longa invernada sahem das moitas a esvoaçar, espanejar-se e cantar pelos ramos floridos do vergel aos raios de uma formosa manhã de agosto.

Eugenio ardia de impaciencia por tornar a ver a casa paterna, os sitios amados, onde passara a infancia com Margarida. Em sua inexperiente confiança já não receava perigo algum.

em ver em carne e osso aquella encantadora menina, da qual sómente a lembrança outróra o assustava, pois julgava-se bastantemente premunido pelos conselhos e exhortações do padre contra qualquer seducção do mundo, e abandonava-se sem reserva ás suaves emoções, e ao alegre alvoroço, que lhe offegava no coração.

O dia da chegada de Eugenio foi um dia de festa em casa do capitão Antunes. Pae e mãe se extasiavão diante do filho, e não se fartavão de contemplal-o admirando-lhe o porte e o crescimento, as maneiras e o rosto já tão graves e sisudas, e emfim aquelle todo verdadeiramente sacerdotal.

Como Eugenio chegara a casa quasi á noite, sómente na manhã do dia seguinte Umbelina e sua filha poderão hir cumprimentar e visitar o recémchegado, o pequeno padre, como já chamavão a Eugenio. Apenas este deu com os olhos em Margarida, sentio um abalo extranho, uma perturbação extraordinaria; córou e impallideceu no mesmo instante, ficou tremulo, confuso e tolhido, como se tivesse diante de seus olhos um espectro ameaçador, e apenas pôde balbuciar um cumprimento embaraçado.

Quanto a Umbelina, essa saltou logo com soffreguidão ao collo do rapaz, apertou-o nos braços, beijou-o na testa dirigindo-lhe os mais bizarros cumprimentos.

— Santo Deus! como está grande e bem parecido!... está um homem feito... e já está com um character de padre santo!... quem ha-de dizer, coma lre, que este é aquelle mesmo menino que eu ainda outro dia carregava num braço e esta menina no outro e levava para casa para dar-lhe bananas e biscoitos, de que elle tanto gostava?... meu Deus, como o tempo corre depressa!...

Enquanto Umbelina se desabafava nestes e outros cumprimentos, Eugenio confuso e embaraçado olhava de esguelha para Margarida não ousando fital-a, e estava cheio de pasmo e de surpresa. Não contava com a mudança que quatro annos poderião operar no desenvolvimento da menina, e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma innocente e linda creança que deixara, assim como elle. Eugenio, com ser mais velho dois annos, não havia feito mudança notavel, e ainda se considerava menino. Não sabia que o desenvolvimento nas mulheres se opéra com muito maior rapidez, e

ficou assombrado quando em vez de uma menina, que esperava pôr sobre os joelhos e brincar com ella como nos bons tempos de outróra, vio apresentar-se diante de seus olhos uma linda mocetona, alta, garbosa, bem feita e em tola a plenitude de seu desenvolvimento.

De facto, a interessante menina em quatro annos tinha-se transformado na mais encantadora moça.

A têt era de um moreno delicado e polido, como resvalando uns reflexos de matiz de ouro. Os olhos grandes e escuros tinhão essa luz suave e avelludada, que não se irradia, mas parece querer recolher dentro d'alma todos os seus fulgores á sombra das negras e compridas pestanas, como timidas rôlas, que se encolhem escondendo a cabeça debaixo da aza assetinada; as sobranceiras pretas e compactas davão ainda mais realce ao mavioso da luz que os inundava, como lampadas mysteriosas de um sanctuario. Os cabellos, uma porção dos quaes trazia soltos por traz da cabeça, lhe rolavão negros e luzidios sobre os hombros como as catadupas ennovelladas de uma cachoeira. Ao mais leve sorriso, que lhe entreabria os labios, cavavão-se-lhe nas duas mimosas faces com uma

graça indefinível essas feiticeiras covinhas, que o vulgo chama com tanta propriedade — grutas de Venus. A bocca, onde o labio inferior cheio e voluptuoso dobrava-se graciosamente sobre um queixo redondo e divinamente esculpado, a bocca era vermelha, fresca e humida como uma roza orvalhada. O collo, os hombros, os braços, erão de uma morbidez e lavor admiráveis.

Sua falla era uma vibração de amor, que alvorocava os corações, o olhar como luz de lampada encantada, que fascina e desvaira; o sorriso era um lampejo de volupia, que fazia sonhar com as delicias do Eden.

Era emfim o typo o mais esmerado da belleza sensual, mas habitado por uma alma virgem, candida e sensível. Era uma estatua de Venus animada por um espirito angelico.

Ainda que Eugenio não conhecesse e amasse Margarida desde a infancia, ainda que a visse então pela primeira vez, era impossivel, que toda a virtude e austeridade daquelle cenobita em botão não se prostrasse vencido diante daquelle deslumbrante visão.

Margarida estava vestida de côr de roza com muita graça e simplicidade; tinha por unico

enfeite na cabeça um simples botão de roza. Eugenio esteve por muito tempo mudo e entregue a um indizível acanhamento diante da companheira de sua infancia, como se se achasse em presença de uma alta e poderosa princeza.

Foi a tia Umbelina quem primeiro rompeu o silencio:

— Está com effeito um mocetão o Sr Eugeninho!... hade dar um bonito padre.

O estudante olhou para Margarida como quem dizia — nunca! córou e abaixou os olhos sorrindo tristemente, como o faria a mais pudica donzella. Aquelle cumprimento de bonito padre, que lhe era lançado em face alli em presença de Margarida, causou-lhe uma estranha e desagradavel impressão.

— É isso mesmo, — continuou Umbelina em ar de gracejo, — já não conhece os seus amigos velhos ou d'aqui a pouco é senhor padre, senhor vigario, e nem ha-de querer mais olhar para a gente, não é assim, senhor Eugeninho?

— Não diga isso nem brincando, tia Umbelina, — replicou Eugenio cada vez mais enfiado. — Deus me livre de fazer pouco caso de ninguém, quanto mais da gente de casa, de quem eu tinha tanta saudade. O que me admira é

ver a dona Margarida como cresceu tanto e ficou moça tão depressa.

— Toma lá, menina! — exclamou Umbelina dando uma risada; — está-te dando de dona!... que dizia eu?... para elle já somos como gente estranha. Já se esqueceu que ainda o outro dia brincavão junctos?... deixemo-nos de donas aqui, senhor Eugenio; esta menina é para Vm. o mesmo que uma irmãzinha. Quero vel-o tal qual era d'antes.

— Mas ella... já está tão... já está môça... — hia gaguejando Eugenio no maior enleio, — e eu achava... que...

— Tem razão, meu filho; — atalhou a mãe acudindo ao embaraço do filho; — nem sempre a gente é creança; Margarida já está ficando uma senhora, e você não póde tractar *a ella* agora, como no tempo em que brincavão juntos o *esconde-esconde*.

— Assim deve ser mesmo; retorquio Margarida com um sorriso cheio de encanto, mas um tanto malicioso; — minha madrinha tem razão; tambem elle já está ficando um homem serio, e eu daqui em diante não devo tractar senão pelo — senhor Eugenio, não é assim, mamãe?

— Sem duvida, minha filha. Agora vou cahin-

do em mim, e vejo que todos têm razão. Nem todo o tempo é um. Algum dia ainda pode acontecer, que te ajoelhes aos pés alli do senhor Eugenio no confessorio, e é bom desde já hir-te acostu-mando a tractal-o com o respeito que lhe é devido.

Margarida e Eugenio olhárão um para o outro. Lembrárão-se do juramento mutuo, que se haviam feito havia quatro annos a respeito de confissão, no vargado juncto ás paineiras da ponte, e uma abaixou os olhos e córou; o outro, que já estava rubro a não poder mais, empallideceu.

Com aquelles gracejos Eugenio tornava-se cada vez mais tolhido e desconcertado, coçava a cabeça, mordia os beiços, e estava quasi a chorar de desapontamento. O titulo de padre, que até então lhe parecia tão bonito, naquella occasião não sei porque lhe causava arrepios e lhe parecia horrivelmente aspero e desentoadado.

Margarida principalmente, que havia herdado um pouco do espirito caustico e zombeteiro de sua mãe, trazendo á conversa tambem a sua pilhéria, tinha acabado de desconcertar e desorientar completamente o pobre rapaz. Vendo porem, quanto o affligia e incommodava aquella conversação, arrependeu-se no intimo d'alma, e

como corrida de seu proprio procedimento procurou reparal-o do melhor modo que pôde.

— Queira perdoar-me, se o aggravei, senhor Eugenio, — disse-lhe com meiguice. — Nós estamos brincando, e não temos a menor intenção de incommodal-o. Eu não me lembrava que não estamos mais naquelle nosso bom tempo em que eu lhe dizia quanta asneira me vinha á bôca, sem que o senhor desse o cavaco...

— Eu dar o cavaco?! está enganada!... disse o rapaz levantando-se e forcejando por mostrar-se lesto e desembaraçado. — Podem caçoar, quanto quizerem, que eu nem dou fé.

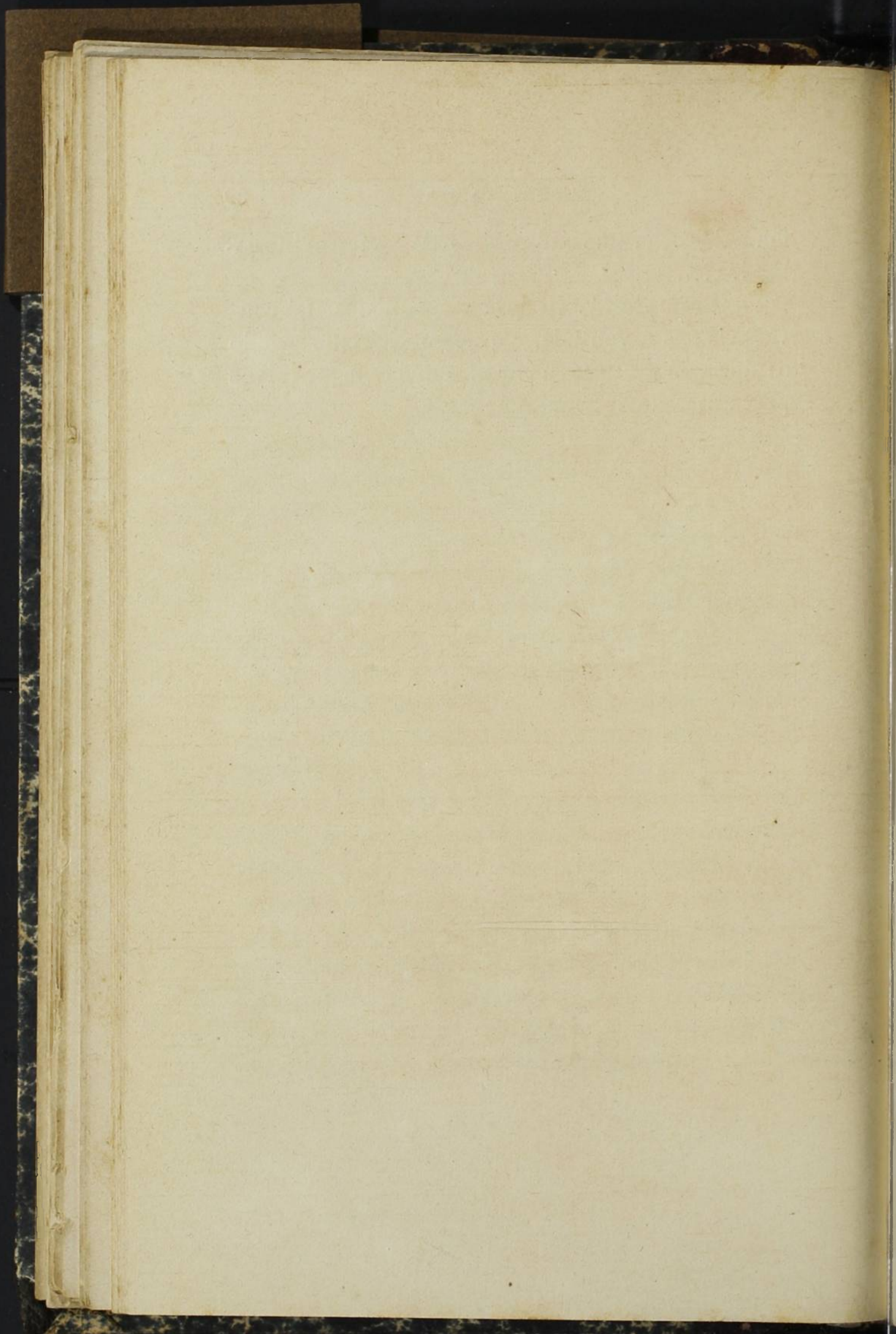
Entretanto não teve remedio senão hir collocar-sea uma janella a fim de occultar a perturbação e desapontamento, que lhe transtornava a physionomia.

— Aqui ninguem é capaz de caçoar com Vm., senhor Eugenio; acudio Umbelina; — Deus nos livre de tal. Estamos gracejando; a gente tambem não hade estar sempre séria como uma abbadesa: de vez em quando é preciso rir um bocado.

— Diz muito bem, comadre; — atalhou a senhora Antunes; a gente deve divertir-se. Isso do Eugenio, é acanhamento que trouxe do seminario; logo hade se hir desembaraçando... apre!... como

faz calor!... vamos nós passear á horta, hein, comadre?...

— Prompta !... vamos ; vamos todos. Lá conversaremos á vontade, e o nosso Eugenio vendo os logares em que brincou em creança, talvez perca metade do acanhamento.



CAPITULO IX

A educação claustral é triste em si e em suas consequências; o regimen monacal, que se observa nos seminarios, é mais proprio para formar ursos do que homens sociaes. Dir-se-hia que o devotismo austéro, a que vivem sujeitos os educandos, abafa e comprime com suas azas lobregas e geladas naquellas almas tenras todas as manifestações expontaneas do espirito, todos os vãos da imaginação, todas as expansões affectuosas do coração.

O rapaz que sahe de um seminario depois de ter estado alli alguns annos, faz na sociedade a figura d'um idiota. Desazado, tolhido e desconfiado, por mais intelligente e instruido que seja, não sabe dizer duas palavras com acerto e discrição, e muito menos com graça e affabilidade. E se

acaso o moço é tímido e acanhado por natureza, acontece muitas vezes ficar perdido para sempre.

Eis a razão porque Eugenio, que todos desejavam e esperavam ver brilhar na conversação como um pequeno sabio, representou o papel trisstissimo que vimos, diante de pessoas que desde a infancia lhe erão familiares. Não era por certo, que elle não sentisse no cerebro um turbilhão de idéas, e mil sentimentos estuarem-lhe no coração; mas é que o espirito está sujeito ás mesmas leis do corpo a certos respeitos. Como aquelle, que esteve longos annos encarcerado, ao sahir da prizão não pode mover mais os membros entorpecidos, assim o espirito recluso largo tempo entre as paredes de um claustro, atado continuamente ao poste do estudo forçado e da oração, sente-se paralyzado, quando lhe é mister desenvolver-se em uma esphera mais ampla e mais livre.

Verdade é que a situação de Eugenio era naquella occasião sobremaneira melindrosa. Seu coração passava por uma crise violenta e profunda, como o leitor póde imaginar. Se a imagem da simples e travessa menina de doze annos não se tinha apagado do espirito durante uma ausencia de quatro annos, a presença real della agora transformada em mulher, antes em anjo

radiante de mocidade e formosura, o havia deslumbrado e subjugado completamente, ameaçando deitar por terra toda a sua vocação clerical, e annular de todo o resultado dos esforços empregados pelos padres durante quatro annos de noviciado.

O mancebo já se envergonhava de querer ser padre, e todas as vezes que olhava para Margarida, não podia conformar-se com semelhante idéa.

A visita de Umbelina e sua filha, como é de costume na roça, durou quasi todo o dia. As visinhas, em companhia da dona da casa e de Eugenio, corrêrão a casa toda, fôrão ao moinho, ao paiol, passeárão pelo quintal, comêrão fructas, colhêrão flôres, jantárão e tomárão café trez ou quatro vezes. Eugenio as acompanhava mas quasi sempre um pouco afastado, taciturno e sorumbatico, e apenas dizendo uma ou outra palavra, quando sua mãe ou Umbelina o interpellavão. Estava como que espantado, com os olhos fitos em Margarida, querendo fallar, e não achando nada que dizer. As grandes emoções lanção uma nuvem no espirito e paralysão a lingua.

Margarida, porem, que ainda não tinha sido

iniciada nos rigores e escrupulos da vida claustral, e por cujo espirito nunca passára a ideia de ser freira, abandonava-se com effusão á alegria de tornar a vêr o seu companheiro de infancia, e sorria, cantava, brincava como uma borboleta por entre os canteiros florecidos do jardim, ou pelas sombras do pomar, apanhando flôres e fructas que vinha offerecer a Eugenio, e com suas alegres conversas e encantadoras travessuras o provocava a sahir daquelle estado constrangido e acanhado em que o via.

De repente Margarida, dando uma volta pelo jardim, apanhou duas flôres e correu a apresental-as a Eugenio.

— Aqui estão estas duas flôres, — disse ella, — um cravo e uma rosa. O cravo é você e a rosa sou eu. Fique com a rosa, que eu guardarei o meu cravo. Aquelle que deitar fóra a sua flôr, é porque não sabe querer bem.

Eugenio tomando a flôr, pela primeira vez ousou fitar em Margarida olhos ardentes de ternura e paixão, mas para logo os abaixou, e cobriu-se de rubor, como faria a mais pudica e timida virgem.

— Oh!... Margarida!... eu — hia dizendo o moço, porem Margarida voltando-se ligeira

sem o escutar foi correndo para juncto de sua mãe, que se achava a alguma distancia com a senhora Antunes.

— Eu te adoro!... — era por certo o que Eugenio hia dizer; essa palavra, porem, Margarida já a tinha lido nos olhos do mancebo.

Em sua ingenua candura, Margarida não encherava inconveniente algum em reatar e mesmo, se fosse possível, estreitar os laços da sua antiga familiaridade e affeição para com o amigo da sua infância. Como a flôr, que entrega sem resistencia o perfume do seu calix ao sopro das virações, ella dava livre expansão aos innocentes affectos do seu coração.

Quando as visitas se fôrão embora, Eugenio pôz-se a reflectir e ficou muito descontente de si mesmo. A lembrança do papel nullo e quasi ridiculo que fizera diante de Margarida mortificava-o, e protestou de si para si que quando fosse a casa de Umbelina, havia tirar completa desforra.

Por tanto no dia seguinte pela manhã Eugenio apressou-se em hir pagar a visita ás suas boas visinhas. Era em principio de outubro; a manhã estava risonha e brilhante; as primeiras chuvas já tinham lavado os horisontes desse vapor

fumacento que os abafa nos mezes de agosto e setembro, e que, desbotando-lhes as côres e confundindo-lhes as fórmãs, os envolve como em um veo mystico de saudade e melancolia. O ar estava tão transparente, o ceo era de um azul tão puro e limpido, que permittião ver distinctamente em toda a sua nitidez as fórmãs e ondulações das ultimas collinas nos mais remotos longes. O sol scintillava sobre o tapete orvalhado dos espigões, e a fresca aragem da manhã sacudia da coma dos arvoredos as lagrimas da noite.

Á medida que se hia approximando da casa de Umbelina, á vista daquelles sitios, onde não havia uma arvore, uma restinga, que o não tivesse abrigado á sua sombra, uma vereda do bosque que não tivesse recebido o vestigio de seus passos, uma fonte ou arroio que não lhe tivesse lambido os pés ou humedecido os labios sequiosos, hia-se cada vez mais exaltando na imaginação de Eugenio a viva e profunda impressão que na vespera nelle deixára a presença de Margarida. Era a encantadora e pittoresca moldura que circumdava a imagem de um anjo.

Aquella alva casinha atufada entre as rama-

gens da grande figueira silvestre, aquelle vargado coberto de fresca e macia grama, a ponte, a tranqueira, as paineiras visinhas, o caminho da villa, que lá hia serpeando entre os capões e galgando de collina em collina, todo esse panorama o enlevava, e lhe afogava o coração n'um pégo de mil suaves emoções.

O rumorejo daquellas folhagens, o murmurio daquelle correjo, o canto dessas aves, o echo dessas brenhas, como que lhe susurravão ao ouvido um hymno de amor, de felicidade e de esperança.

Todos aquelles seres erão tambem seus conhecidos, seus amigos de infancia, que festejavão sua volta, e com ella exultavão de prazer.

Como respirava a larga o peito do mancebo atravez dos campos e collinas do terra natal! que balsamo salutar e vivificante lhe entornavão n'alma aquellas auras impregnadas de aromas silvestres, que lhe bafejavão a fronte e brincavão com seus cabellos!

Quão tristonhos e acanhados lhe parecêrão então os horisontes e os outeiros de Congonhas do Campo á vista das risonhas campinas e largas perspectivas da fazenda paterna! Como lugubre e sombria se lhe afigurava a fachada

do seminario em comparação do aspecto faceiro e festival da casinha da tia Umbelina!

Adeus seminario!... adeus mysticas e devotas velleidades! adeus resas e penitencias!... adeus projectos ecclesiasticos e sacerdotaes! tudo isso fugiu-lhe de rondão da phantasia, como um bando de corujas, fugindo espavoridas de lobrega caverna, onde o sol enfiou de chofre uma restea de luz viva.

Eugenio sentia reverdecer em seu seio a flôr da pura e innocente affeição de sua infancia e aspirava-lhe os ultimos e inebriantes perfumes.

Margarida, que já esperando Eugenio o tinha avistado de longe, foi ao seu encontro na ponte das paineiras. Alli, á vista daquellas mudas testemunhas de todos os seus brinquedos de infancia, todo o seu medo e acanhamento esvaeceu-se como a nevoa da montanha ao sopro da brisa matinal. Quando chegárão a casa de Umbelina com semblante risonho e as mãos entrelaçadas, já toda a affeição e intimidade entre elles estavam restabelecidos no antigo pé.

Eugenio soube retribuir com usura a visita que lhe fizerão as visinhas; ficou o dia inteiro em casa dellas.

Á tarde, depois de ter Eugenio desenferrujado a lingua em plena liberdade, contando-lhes todas as particularidades de sua vida de seminarista, e de ter Margarida esgotado os capitulos da chronica de casa durante a ausencia do seu amigo, esta convidou Eugenio a passear.

Sem que tivesse precedido ajuste algum, os passos dos dous adolescentes se encaminhárão instinctivamente para o sitio favorito de seus brinquedos de outr'ora, e dirigirão-se atravez do vargado para a ponte das paineiras. Chegados alli, Eugenio encostou-se ao tronco de uma das paineiras, e de braços cruzados alli ficou por alguns instantes silencioso e pensativo. A lembrança das horas de puro e innocente prazer, que alli outr'ora havia fruido em companhia de Margarida, se elevava como um perfume do intimo do coração, e remontando ao espirito o envolvia como em um ambiente de odor e suavidade.

— Que está ahi a scismar? — disse Margarida sacudindo-lhe o braço. — Volte-se e veja o que é que está ahi na casca dessa paineira e daquella tambem.

Eugenio reparou para o tronco das duas pai-

neiras, e vio nelles entalhados em uma lettra E, e no outro a lettra M.

— Eugenio e Margarida! — exclamou elle. — Aposto que é isto que querem dizer estas lettras.

— É isso mesmo; adivinhou. Fui eu que fiz essas lettras ahi com a ponta de um canivete.

— Que bonita lembrança você teve! eu tambem no seminario ás vezes tive essa idéa, quando estava traduzindo Virgilio... se você soubesse latim, eu havia de jurar, que já leu aquelle author...

Crescent illæ, et vos crescelis, amores.

— Não entendo nada desses latinorios; o que sei é que esta arvore sou eu, e essa lá é você. Assim como ellas nascêrão aqui junctas e junctas hão-de morrer, assim desejo que aconteça a nós dous, que tambem nascemos perto um do outro e fomos creados junctos. Nós tambem havemos de viver junctos como estas duas arvores, entrançando no ar os ramos uns nos outros, não é assim, Eugenio?

— Quem déra, Margarida!... se Deus permittisse isso, era tão bom!... mas... eu sei!?...

— Ha-de permittir; porque não? que necessidade temos nós de nos apartar um do outro?

— Mas eu não sou senhor de mim, Margarida; hei-de fazer o que meu pae mandar.

— Isso é agora; mas depois que ficar homem...

— Ah! isso sim; depois que eu fôr homem, hei-de fazer o que eu entender, e Deus nos ha-de ajudar, que acabados os meus estudos nunca mais nos havemos de separar, sou eu que t'o juro, Margarida.

Depois os dous, continuando a passear pela vargem, a cada passo evocavão uma lembrança de seus brincos e travessuras infantis.

— Lembra-se do juramento que aqui me fez?... perguntou Margarida parando subitamente em certo logar.

— Eu?... qual juramento?...

— Bem que se lembra; está se fazendo esquecido.

— Palavra, que não me lembro...

— Não creio... Pois não me jurou aqui que havia de ser eu a primeira pessoa que havia de confessar quando fosse padre?...

Padre!... a esta palavra fatal Eugenio sentio um arrepio e estremeceu; quereria nunca mais ouvil-a em dias de sua vida, principalmente dos labios de Margarida.

— Ora! ora! que lembrança essa agora!... replicou o moço com um sorriso desapontado e procurando disfarçar a sua perturbação, — como é que eu heide me lembrar mais dessas tolices de creança!

— Tolice! porque?... pois não é tão bonito ser padre?...

— E é mesmo, e eu na verdade tinha muita vontade de o ser.

— Como é isso, Eugenio?... tinha?... então já não tem mais?...

— A fallar a verdade, Margarida... — respondeu Eugenio com hesitação, — não sei o que te diga... hoje em dia não me acho com muito geito para padre, não.

— Porque?...

— Ora porque?... porque?... pois você não adivinha?

— Nunca fui adivinhadeira...

— Pois está bem clara. Para ser padre é preciso que eu não olhe mais para você, que não te queira mais bem, e que nem me lembre de você... e isso é cousa que eu não posso; é teimar á tôa, não posso fazer.

— E o mais é que é verdade, Eugenio; você tem razão. Eu também, — para que eu hei-de

mentir?... — eu tambem cá commigo não tinha lá grande vontade que você fosse padre, não; padre sempre é uma cousa que mette respeito, e até faz medo. Oh! meu Deus! e como é que eu havia de me acostumar a ter respeito a você?... Para isso era preciso deixar de te querer bem, e isso eu não posso mesmo, e de mais a mais não quero ser mula-sem-cabeça, não... cruz! Deus me defenda.

— Ah! ah! ah! — como é isso, Margarida?... mula sem cabeça?... exclamou o rapaz soltando uma risada.

— Você ri-se?... pois não sabe que toda a mulher que quer bem a um padre, vira mula-sem-cabeça?...

— E você ainda acredita nessas brucharias?...

— Sim, senhor!... minha mãe já vio, e diz que na villa ha uma que ella conhece muito bem. Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que tem só trez pés, dous atraz e um adiante, e não tem cabeça. Todas as noites de sexta-feira para sabbado anda rondando os beccos, correndo o seu fadario e asso mbrando a gente. Mamãe tem visto ella muitas vezes baten-do a ferragem e abanando as orelhas pelos cemiterios.

— Ah! ah! ah! bravo! essa ainda é melhor!
— continuou Eugenio sempre a galhofar. — Pois se ella não tem cabeça, como póde ter orelhas?...

— Ora!... eu sei lá?... é que terá as orelhas no pescoço.

— Pois bem, Margarida; não tenha susto; só para que você não seja mula-sem-cabeça, eu te protesto que não hei-de ser padre; e não hei-de, e não hei-de; está decidido!

— Mas seu pae e sua mãe, que querem por força...

— Meu pae e minha mãe, acho que não me hão-de querer obrigar, se eu disser que não quero ser padre.

— Mas elles fazem tanto gosto nisso! coitados! hão-de ficar tão aborrecidos, se você não quizer se ordenar.

— Paciencia!... elles se hão-de consolar.

— Pois está dito — disse Margarida depois de um breve instante de silencio e reflexão. — O nosso antigo juramento está desmanchado. Agora em lugar d'elle havemos de fazer outro...

— Qual é?... estou prompto.

— É que você sempre, sempre me ha-de querer bem...

— Isso nem precisa jurar...

— Ande lá!... e que acabados os seus estudos nunca mais ha-de se apartar de mim.

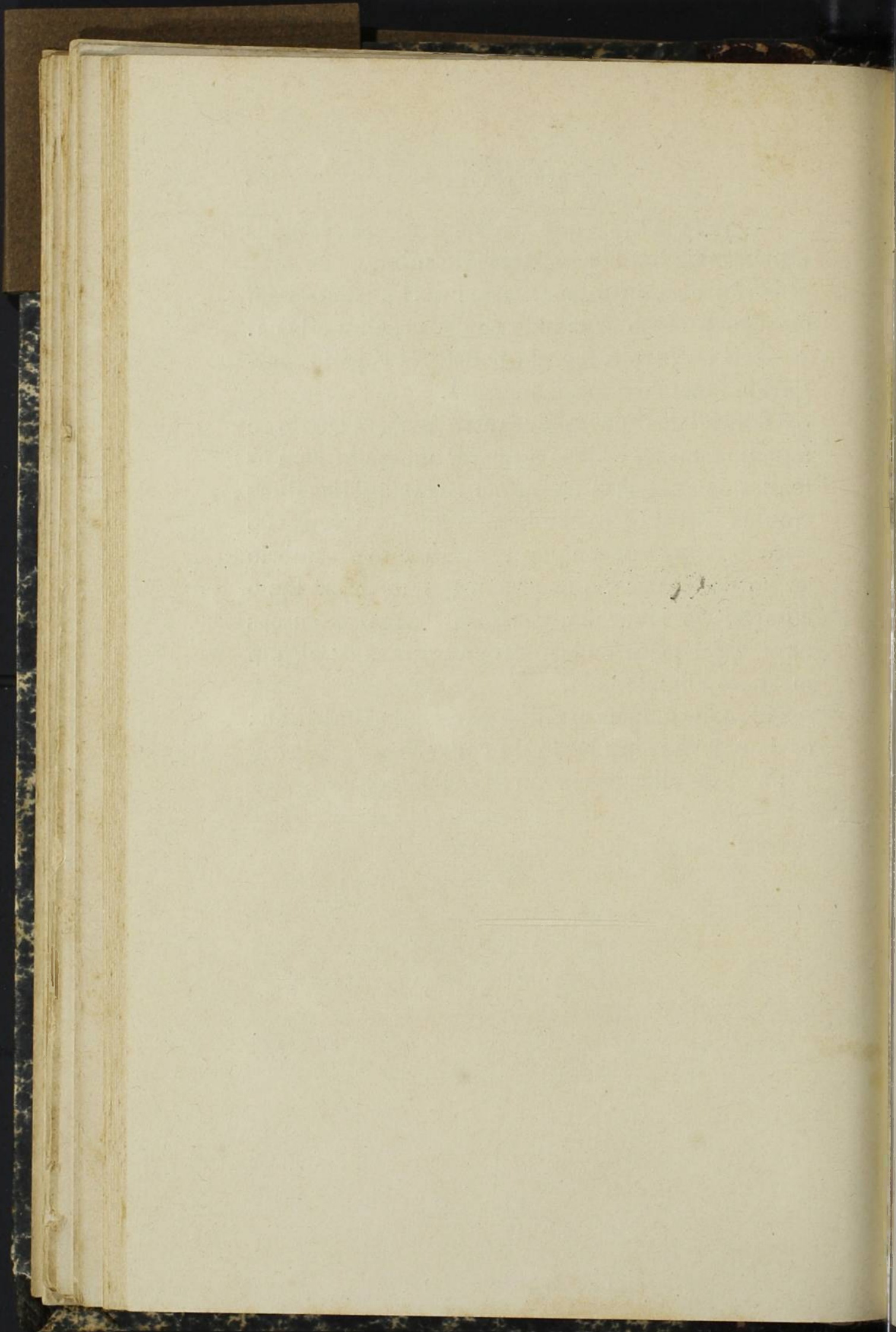
— Juro!... juro por esta cruz! — disse com emoção o moço cruzando os dedos sobre a boca.

— E eu juro a mesma cousa, — repetio Margarida fazendo o mesmo signal.

O anjo dos puros e santos amores surriose áquellas juras, e depois de ter bafejado com os leques de suas azas de ouro e seda aquellas duas fronte juvenis e candidas, remontou seu vôo para o empyreo, enquanto o austero e sombrio genio da beatice, que procurava disputar lhe o coração do mancebo, pezaroso bateu as fuscas azas, e foi-se esconder entre as ruinas de algum mosteiro abandonado.

Naquelle momento vinha chegando Umbelina; os dous jovens mudárão de conversa.

Já entre elles havia um segredo.



CAPITULO X

Assim passou-se mais de um mez, durante o qual a assiduidade de Eugenio em casa de Umbelina não se interrompeu. A antiga amisade se reatou senão com a mesma familiaridade e abandono da quadra infantil, todavia com mais ardor, com mais energia e paixão.

O anjo da innocencia, que desatando-lhe de manso a venda dos olhos já lhes hia dizendo adeus, deixava-lhes em compensação o diaphano e mysterioso veo do pudor, esse encantador privilegio da puberdade, que envolve a alma virginal, e não deixa exhalar-se do coração que o contem o suave aroma das emoções do amor, que apenas se revelão no rubor das faces e na meiga timidez do olhar, como os fulgores e purpureas fachas do oriente annuncião a

presença do scl ainda escondido atraz dos horisontes.

Mas Eugenio já era um guapo mocetão de dezeseis a dezeseite annos, e Margarida, com os seus quatorze, já era uma moça feita em toda a plenitude e esplendor de seu rapido desenvolvimento. Umbelina bem via que já não ficava bem deixar a sós por muito tempo e entregues a si mesmos como no tempo da meninice aquellas duas creaturas que se querião tanto, e portanto não lhe permittia mais que vagassem sósinhos pelos campos como outr^aora longe de suas vistas. Fazia muito bem; mas, não obstante, a tia Umbelina toda atarefada como sempre andava, não podia deixar de proporcionar-lhes muitas occasiões de se acharem a sós, occasiões de que sabião aproveitar-se muito bem para se affagarem. Esses affagos porem não passavão de uns prolongados apertos de mão, de algum abraço dado assim em ar de brinquedo e sem intenção amorosa, ou de um desses olhares mudos, longos e repassados de ternura, que em si resumem todo um poema de amor. Bem vontade tinhão elles de se beijarem, mas tolhia-os um acanhamento virginal, esse pudor nativo, que é como o orvalho, que só na aurora

esmalta o calix das flores, e os desejos morrêrão-lhes dentro de alma, e os beijos apenas lhes estremecião na ponta dos labios, como tenros passarinhos batendo as azas implumes á beira do ninho, anciando, mas nunca ousando desprender o vôo pelo espaço.

Quanto mais viva se tornava a affeição de Eugenio por Margarida, maior era a repugnancia, que hia tomando pelo estado ecclesiastico.

Não se póde imaginar com que desgosto todos os domingos envergava a roupeta collegial e a sobrepeliz para ir ajudar na villa a missa conventual ao vigario. Mas esse era o gosto, essa era ordem de seus paes, que sentião indizível prazer em apresentar ao publico o seu lindo padrezinho em botão, e não cabião na pelle de contentes, quando o vião funcionando no altar com aquella sizudez e gravidade de um verdadeiro sacerdote.

Quando, ao fazer algumas das evoluções do seu mister, Eugenio voltava-se para o publico, e encontrava entre a turba das mulheres os grandes e luzentes olhos de Margarida fitos sobre elle, perturbava-se, ficava enfiado e córava como uma papoula; vinha-lhe á ideia a historia da mula-sem-cabeça, e esta lembrança lhe cau-

sava a mais desagradavel e horripilante impressão.

A assidua frequencia de Eugenio em casa de Margarida já hia dando muito nos olhos, e tornando-se por demais compromettedora não deixava de causar desgosto e inquietação a seus paes.

— Menino, — dizia a senhora Antunes a seu filho, talvez já pela trigesima vez, — isto não vae bem. Não paras um momento perto de tua mãe e de teu pae, e não sahes da casa da comadre Umbelina!... olha que tens de ser padre, e um padre que não quer senão estar perto das moças... não sei o que lhe diga... isso não te fica bem.

— Ora, mamãe!... pois que tem lá isso?... desde creança que eu estou acostumado a brincar com a Margarida! pois se eu tivesse uma irmã mais moça, não podia brincar com ella?...

— Ora faça-se de tolo!... como está innocente o meu filho!... então por que brincaste com ella em creança, podes brincar agora, e mesmo depois de padre poderás brincar ainda, como no tempo em que andavas em fraldas de camisa; não é assim?

— Ah! minha mãe!... também eu... a fallar a verdade...

Eugenio suspirou e não teve animo de proseguia.

— Também eu o que, meu filho?... acaba.

— Não tenho vontade nenhuma...

Eugenio empacou outra vez.

— Vontade nenhuma de que?... desemperra essa lingua; falla; não tenhas susto.

— Minha mãe não fica zangada?

— Eu, não, meu filho; falla o que tens no coração; se fôr alguma asneira, me entrará por um ouvido e sahirá pelo outro. De que é que não tem vontade nenhuma?...

— De ser padre, minha mãe...

Ha muito tempo que Eugenio desejava, mas não tinha animo de fazer aquella confissão, que lhe dava um nó na garganta, e lhe pezava como um rochedo sobre o coração; sentia-se alliviado alijando-o sobre sua mãe.

— Deveras, meu filho?... exclamou a mãe com surpresa, — que me dizes?! isso é de agora, pois sempre te percebi muita inclinação para padre... Que te dizia eu?... a tal minha afilhada está te virando a cabecinha... logo vi... não

são senão ellas, que te andão mettendo essas caraminholas na cabeça...

— Ellas nunca me dissêrão nada, minha mãe, por Deus!... ellas até gostão tanto de me ver de batina ajudando á missa na villa!..a tia Umbelina até já me prometteu uma sobrepeliz e uma volta bordada para quando eu disser missa nova. Eu mesmo é que não tenho inclinação nenhuma...

— Não digas tal, menino! — interrompeu a mãe com azedume. Seja como fôr, é preciso que não vás mais tão a miudo áquella casa. Isso não te fica bem. A Margarida já está ficando moça, e tu não és mais nenhum criança; as tuas repetidas visitas podem dar que fallar da pobre da menina.

— Mas, mamãe, nós nunca saímos de perto da tia Umbelina...

— Não importa. De mais, depois que a Margarida está ficando moça, alli é casa de muito ajuntamento, e eu não te quero ver mettido no meio de gentalha...

— Mas, minha mãe, quando lá ha gente de mais, eu sempre me venho embora.

— Nada! nada!.. isto não pode continuar assim; pode te acontecer alguma. Se teimas

em continuar a não sahir lá da casa da comadre Umbelina, fallo com teu pae para te mandar já para o seminario, mesmo antes de se acabarem as ferias, e não voltas de lá senão depois de ordenado.

Com esta tremenda comminação Eugenio ficou acabrunhado. As ultimas palavras de sua mãe cahirão como rochedos sobre o seu coração, e o esmagarão. A idéa de voltar ao seminario e de separar-se de Margarida era a nuvem sinistra e carregada, que ha muito ensombrava um canto do seu risonho e limpido ceo de amor, e que ameaçava envolvê-lo todo em lugubre e eterna escuridão.

Triste, mudo e amuado, Eugenio retirou-se, e foi encerrar-se em seu quarto, donde não sahio mais todo esse dia.

Como os conselhos e exprobrações do padre director no seminario, as reprehensões e ameaças maternas viérão dar maior vulto á paixão do moço, tornando ainda mais desejado o objecto amado. E'essa a inalteravel e eterna lei do coração humano.

Se o padre director ao chamar o estudante ao seu quarto lhe tivesse dito simplesmente: — menino, tens no coração um affeição mundana, que

não pode compadecer-se com o estado a que te destinas, e que é preciso que combatas. Mas se acaso não poderes banir do teu coração esse affecto, que pode ser puro e legitimo, podes continuar a estudar, porem não para o estado ecclesiastico; — se tivesse procedido assim, o padre teria talvez conseguido melhor o seu intento. Deixando ampla liberdade de expansão aos sentimentos do menino, teria talvez facilitado ao seu neophyto a victoria sobre si mesmo, attento o seu natural pendor para o estado clerical.

A torrente represada acaba por despedaçar os diques e arrojarse mais furiosa no seu leito natural. Desde que Eugenio viu interpôr-se entre elle e Margarida um anathema tremendo, que como um abysmo os separava, perturbou-se para sempre a severidade de sua alma, e esse affecto que votava á companheira de sua infancia, posto que a principio abafado temporariamente pelo manto de gelo de um facticio e austero ascetismo, e agora de fresco rudemento contrariado por sua mãe, hia fatalmente transformar-se na mais ardente, profunda e impetuosa paixão.

Se por seu lado tambem a senhora Antunes, que devia conhecer melhor do que ninguem o coração de seu filho, sem deixar-lhe a redea solta

a todos os caprichos e desvarios da imaginação, procurasse com mais brandura encaminhal-o ao fim que desejava, sem contrariar de frente as mais caras affeições do seu coração, talvez o tivesse conseguido, ou pelo menos evitaria a longa e dolorosa lucta, que hiria dilacerar o coração de seu filho sem outro resultado mais do que um infortunio certo e irremediavel.

A mãe de Eugenio era fanaticca e supersticiosa. A aventura da cobra enleando-se no corpo de Margarida, que nunca lhe sahia da lembrança, lhe incomm odára sempre o espirito. Agora, reflectindo sobre a cega e ardente affeição que a menina hia inspirando cada vez mais a seu filho, entrou a nutrir as mais tristes e sombrias apprehensões, e acabou por convencer-se que não era senão o dem onio, que em figura de cobra viera lançar no seio da menina o germen da tentação para seduzir seu filho, desvial-o de sua sancta vocação, e arrastal-o ao caminho da perdição. Dahi aquella severidade e rigor para com seu filho, severidade e rigor que lhe não erão usuaes, e a que só por um tão poderoso motivo podia ser impellida.

A boa senhora não considerava que o germen da tentação já Margarida, como toda a moça bo-

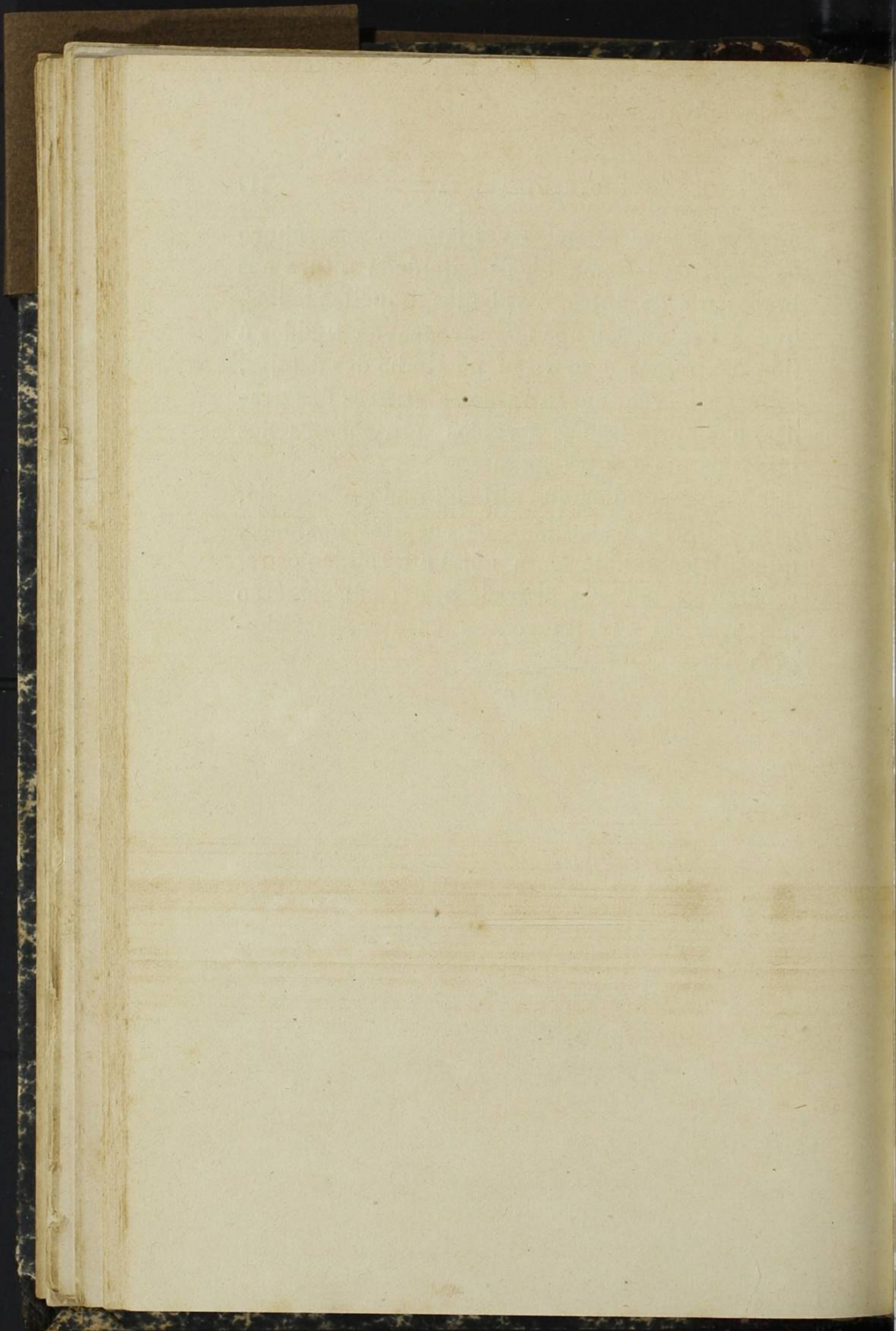
nita, o tinha nos olhos, e que por mais tremendos que fossem os anathemas que fulminasse para preservar o novo Adão das seduccões da serpente, mais lhe accenderia o desejo de provar do pomo vedado.

O que portanto não lhe era permittido fazer francamente e á luz do sol, procurou Eugenio fazel-o furtivamente e á sombra do manto silencioso e discreto da noite, cujos veos propicios occultarão mais de uma entrevista, em que os ardentes affectos dos dous amantes se expandirão muito mais á vontade sem testemunhas nem constrangimento de especie alguma. Romeu, illudindo a vigilancia materna, nas horas mortas da noite, quando o julgavão tranquillamente adormecido, abria de mansinho a janella do seu quarto, saltava ao terreiro, e veloz e subtil como um sylpho nocturno, atravessando os valles silenciosos corria pressuroso para juncto da sua Julieta, que impaciente o esperava na janellinha de balaustres, em baixo da figueira silvestre, de que já fizemos menção no começo desta historia.

Alli, como os veos da noite supprimem os do recato, os dous amantes pondo de parte toda a reserva e timidez derão livre expansão a seus

affectos, e pela primeira vez fallarão sem rebuço de amor, de casamento, de felicidade futura nos braços um do outro, e os beijos, aquelles beijos, que á luz do sol apenas esvoaçavão tímidos á flôr dos labios e morrião no limbo dos desejos, soltarão o vôo, encontrarão-se atravez das grades, e imprimirão-se fervidos e trementes nos labios de um e outro amante.

As meigas fallas que alli cicíarão em segredo, os arrulhos estremecidos, os suspiros abafados, que alli se exhalarão, a noite e a solidão os receberão em seu seio segredoso, e os dispersarão nos ares de envolta com o susurro da folhagem.



CAPITULO XI

Alguns dias depois da prohibição imposta a Eugenio, a casa de Umbelina amanhecia em grande animação e alvoroço. Via-s: lá entrando e sahindo mais gente do que de ordinario; mata-vão-se frangos, o forno trabalhava, o fogão deitava fumaça mais do que de costume, e reinava actividade e movimento, que faria crêr que naquelle dia alli se festejava algum baptisado ou casamento.

Não havia porém nada disso. O que havia em casa de Umbelina era apenas um motirão.

Motirão! só esta palavra nos faz resôar aos ouvidos os alegres rumores dos descantes e folguedos da roça, o estrepito dos sapateados da dança camponeza por entre a zoadá dos adufes e violas, e nos transporta ao meio das rusticas e singelas scenas de prazer da vida do sertanejo.

Motirão!... mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra, que julgo ser genuina brasileira, e que talvez não poderão encontrar em dictionario algum. Portanto é necessario definil-a.

É o môtirão um costume dos pequenos lavradores, ou da gente pobre dos campos, que vivem como aggregados dos grandes fazendeiros, e que não possuindo terras, e menos ainda braços para cultivar-a, nem por isso deixão de plantar boas roças, ou de exercer sua pequena industria, de que tîrão a subsistencia. Quando chega o tempo de qualquer dos serviços de roça, que consistem nestas quatro operações principaes—roçar, plantar, capinar e colhêr,—o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da vizinhança para virem ajudal-o, e todos pelo direito costumeiro são obrigados a vir dar-lhe uma mão,—é a phrase usada,—ficando o que assim se aproveita dos serviços dos vizinhos na obrigação de acudir tambem ao chamado destes para o mesmo fim.

Já se vê que a calhandra de Lafontaine erraria seus calculos, e perderia inevitavelmente os seus filhotes, se tivesse de haver-se com os bons lavradores desta nossa abençoada terra.

O motirão constitue pois como uma especie de sociedade de auxilios mutuos, baseada unicamente nos costumes e usanças dessa boa gente, que não dispendo muitas vezes senão do seu unico braço para o serviço, planta todavia roças consideraveis, e obtem a colheita necessaria para a sua subsistencia.

Este uso não é sómente dos roceiros, e é tambem posto em practica pelas mulheres que vivem de fiar e tecer, das quaes antigamente havia grande numero na provincia de Minas, alimentando com seu trabalho esse ramo de industria outrora mui importante e florescente.

Mas o motirão não consiste simplesmente no desempenho de uma tarefa de trabalho. O dono ou dona da casa tem por obrigação regalar os seus trabalhadores do melhor modo possivel, e a reunião e a boa mesa trazem sempre como consequencia natural os divertimentos e folguedos. Assim trabalha-se de dia, e á noite toca a comer e beber, a dançar, cantar e folgar.

Como hiamos contando, havia motirão em casa de Umbelina. Tinha ella convidado as comadres e amigas mais chegadas da villa e das visinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, afim de ajudarem-na a desmanchar algu-

mas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira mestra e de quituteira abalisada.

Á noite, como de costume, havia toques, cantigas e folguedos, e então apparecião tambem lá alguns rapazes da villa e dos arredores. A sociedade de Umbelina era em verdade de pessoas do povo e de baixa condição, mas honralhe seja feita, era tudo gente comportada e de bons costumes. Ella era incapaz de chamar a sua casa vadios, peraltas e mulheres perdidas para junto da companhia de uma filha, que era a menina dos seus olhos, e cuja reputação zelava com o maior recato e sollicitude.

Emquanto o prazer e a festança reinávão ruidosos em casa das visinhas, o pobre Eugenio, aferrolhado na casa paterna, mordia-se de impaciencia, e devorava lagrimas de despeito e desesperação. Triste delle!... naquelles dias nem lhe era permittido hir á costumada entrevista nocturna; a casa estava abarrotada de gente, por todos os cantos della havia ouvidos afiados e olhos vigilantes, e para cumulo de males, como a casa de Umbelina era extremamente acanhada e fazia então excessivo calor, os se-

rões do folguedo, que duravão até alta noite, se fazião no terreiro embaixo da grande figueira. Pobre Eugenio, até essas horas caladas da noite e esse solitario e proprio abrigo, que lhe proporcionavão os unicos momentos de prazer e ventura que lhe era dado gozar, lhe erão disputados pelo destino!

De noite pregado na cama, onde se revolvia inquieto como se estivesse em um leito de brazas, ouvia os echos das tocatas e descantes ressoando ao longe pelos valles silenciosos, e quasi rebentava de phrenesi, de magoa e de despeito por não poder lá se achar tambem. Em vão dava tractos á imaginação para descobrir algum geito de hir tomar parte no folguedo, porem nenhum meio natural confessavel se lhe offerecia ao espirito. Tinha cabal certeza de que por modo nenhum conseguiria licença de seus paes para lá ir.

Pungido por tantas contrariedades cada vez mais se irritava a sua impaciencia, e mais se assanhava o desejo de se achar no motirão, ainda que fosse um só momento.

Por certo algum vislumbre de zelos tambem se mesclava a essa impaciencia; o moço sentia

infinito desejo e curiosidade de vêr como Margarida se comportaria em uma reunião.

Certo de não poder obter o consentimento de seus paes, Eugenio tomou o partido de enganar-os. Como estava em vespéras de partir para o seminario, mostrou-se com grande desejo de hir passar um dia e uma noite com um primo seu, que morava na villa, e a que de facto era summamente affeioado, e para esse fim pediu permissão a seus paes. Estes, vendo o estado de tristeza e abatimento em que hia cahindo seu filho, e considerando que aquelle passeio poderia ser uma salutar distracção para fazel-o esquecer-se de Margarida, não ousarão denegar a permissão pedida; antes a concedêrão com summo gosto, e até o autorisárão a ficar na villa os dias que quizesse.

Á tardinha desse mesmo dia o rapaz montou a cavallo, e tomou o caminho da villa, mas lá não chegou. O caminho, que se dirigia da fazenda de Antunes para a villa de Tamanduá, hia ganhar a estrada real meia legua alem da casa de Umbelina, pela frente da qual, como já sabemos, passava essa mesma estrada. Apenas Eugenio nella entrou, colheu as redeas ao animal, retardando-lhe o passo o mais que podia.

Quando porem a noite de todo se fechou, voltou de subito as redeas, e voltando a galope pela estrada real voou direito a casa de Umbelina.

Pretendia alli passar a noite, enquanto durassem os divertimentos, findo os quaes montaria de novo a cavallo, e viria amanhecer na villa.

Ao chegar foi-lhe preciso tambem pregar uma mentira para illudir a Umbelina, que com razão mostrou-se algum tanto surprehendida com o seu apparecimento áquellas horas; o moço disse-lhe que, se bem que a muito custo, tinha alcançado de seus pais licença para vir á funcção. Umbelina, que era matreira como uma raposa velha, desconfiou do negocio, mas o que poderia ella fazer?... fingiu acreditar, e o acolheu com a bondade e franqueza do costume.

Resoavão as violas e adufes; o folguedo já tinha começado á sombra da figueira do terreiro.

Alem do luar, que estava soberbo, duas grandes fogueiras accesas no terreiro a alguma distancia, illuminavão de um modo original e pittoresco o ambito, dentro do qual se desenhavão destacando-se vivamente as figuras da-

quella curiosa e interessante reunião, uns no centro, dançando, outros em derredor, sentados pelo chão ou em tamborettes e cepos de pao como servindo de cerca e limite áquelle recinto. O clarão das fogueiras avermelhava a cupola gigantesca da figueira, que com sua espessa folhagem abrigava os convivas do orvalho frio da noite.

Eugenio chegou-se á roda tolhido e resabiado. Porem Margarida, que apenas o avistou soltou um grito de alegre surpresa, e veio immediatamente collocar-se ao pé d'elle, fez com que logo cobrasse animo e presença de espirito, e tomasse assento na roda com todo o desembaraço, como qualquer dos habituados.

Attrahidos pela belleza de Margarida, como dissemos, alguns rapazes frequentavão a casa de Umbelina, e lhe requestavão a filha. Esta, porem, não lhes dava a minima attenção, e em sua candida innocencia nem mesmo suspeitava o verdadeiro motivo, por que tanto a festejavão.

Entre esses aspirantes ao amor da rapariga, o que mais padecia era um certo rapaz por nome Luciano. Era um moço, que teria a rigor seus vinte e cinco annos, de bonita e agradavel presença, tropeiro bem principiado, que já tinha

alguns lotes de burros no caminho do Rio, e que além de tudo se tinha em grande conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de ser summamente ridiculo, quando não era insolente e malcreado.

Cheio de si olhava os demais pretendentes por cima dos hombros, e sorria-se delles no intimo da alma com desdem e compaixão, porque estava profundamente convencido que ninguem mais do que elle estava no caso de merecer a preferencia da encantadora menina e as boas graças da senhora Umbelima. No meio de todos aquelles pés rapados que alli andavão, quasi todos gente de côr e sem eira nem beira, elle, o unico que possuia alguma cousa, e que se trajava com decencia, elle o unico branco legitimo que alli pisava, não tinha o menor receio de ser preferido por quem quer que fosse; pelo menos esta era a sua firme convicção.

Luciano não conhecia a Eugenio, a quem nunca em sua vida tinha visto, e estava mui longe de suspeitar que Margarida tivesse um amante, a cujo amor correspondesse. Quando vio pois a não disfarçada e especial predilecção de que Margarida o rodeava, o tom de intima familiaridade com que conversavão, e mais certos

signaes inequívocos de uma mutua e ardente affeição entre os dous, Luciano foi aos ares ; sentio ferver-lhe no coração o veneno do ciúme, e a muito custo pôde abafar no peito um bramido de colera e de despeito.

CAPITULO XII

Sabe o leitor o que é quatragem?...

Não sabe. E' uma dansa.

E' a dansa original e pittoresca de nossos camponeses, dansa favorita do roceiro em seus dias de festa, e que faz as delicias do tropeiro nos serões do rancho apoz as fadigas da jornada.

Dansa vistosa e variegada, entremeada de cantares e tangeres, já cheia de requebros e languidamente balanceada ao som de uma cantiga maviosa, já freneticamente sapateada ao ruido de palmas, adufes e tambores.

Sem ter o desgarre e desenvoltura do batuque brutal, não é tambem arrastada e enfadonha como a quadrilha de salão; ora salta e brinca estrepitosa e alegre, ora se requebra em morbidas e compassadas evoluções.

Como o proprio nome indica, forma-se de um

grupo de quatro pessoas. A musica é desempenhada pelos dansantes, que alem de uma garganta bem limpa e afinada, devem ter nas mãos ao menos uma viola, e um adufe. Ha uma quantidade incalculavel de coplas para acompanhar esta dança, e a musa popular cada dia engendra novas. São pela maior parte toscas e mesmo burlescas e extravagantes; todavia algumas ha impregnadas dessa maviosa e singela poesia, que só a natureza sabe inspirar.

Dansava-se a quatragem no motirão da tia Umbelina.

Margarida estava sentada juncto de Eugenio, de cujo lado não se arredára desde que este havia chegado.

Hia-se formar nova roda de dansadores; Luciano, que tinha a viola em punho, dirigio-se a Margarida, e convidou-a para a dança. Ella recusou-se pretextando já ter dansado muito e achar-se fatigada.

— Então venha esse mocinho, que ahi está com a senhora, — disse Luciano.

Com este convite o rapaz procurava mesmo occasião de travar-se de razões com o estudante, afim de desabafar o ciume e despeito que por dentro o corroíão.

— Eu não sei dansar, — respondeu Eugenio com timidez.

— Devéras!... não me diga isso, moço; isso é desculpa; falta-nos uma pessoa; venha;... não se faça rogado.

— E' devéras; não sei dansar, nunca dansei em dias de minha vida.

— Então para que vem a estas funcções?...

— Ora essa é boa!... para ver...

— Como quem vem aqui ver... mas ah! já o estou conhecendo; o senhor não é aquelle sujeitinho, que ultimamente tem ajudado á missa ao vigario lá na villa?

— E' elle mesmo, — acudio Margarida, que já se impacientava com as grosserias; — é o filho do Sr Capitão Antunes.

— Do Capitão Antunes?... ah!... e o que vem elle aqui fazer?... de certo aqui veio fugido de casa, e ha-de ser bem feito que o pae lhe passe uma duzia de bolos, quando souber que já anda mettido em sucias...

Eugenio, por effeito da sua indole e mais ainda de sua educação de seminario, era uma timida creança para responder ás insolencias de seu interlocutor. Margarida porem, que com ser mulher e mais moça tinha o sangue mais

quente, e mais altivez e resolução, tomou as dôres por elle, e não pôde deixar de repellir tão grosseira chocarrice.

— Sucias não, senhor!... veja como falla!...
— bradou ella pondo-se em pé e alçando-se crespas e altaneiras como siriema enraivecida. — Este moço foi creado junto commigo, e sempre vem a nossa casa. O pae delle não se importa com isso, e o senhor quem é para lhe vir tomar contas?...

— Bravo, minha rica!... não pensei que o maganão era tanto do seu peito!... por isso!... por isso é que a senhora anda aqui tão soberba com os outros!

— Senhor Luciano!... gritou a moça indignada, e hia responder; porem o moço satisfeito com o remoque que acabava de atirar, voltou-lhe rapidamente as costas, e foi para o meio do terreiro accender o cigarro na fogueira.

Luciano estava cruelmente ferido em sua fatuidade e amor proprio, mordia-se de raiva e de ciume, e só procurava uma occasião de vingar-se do desdem de Margarida sobre o pobre e inoffensivo estudante.

Eugenio por sua parte achava-se muito mal satisfeito de si mesmo e envergonhado do papel

covarde, que fizera perante sua amada, tornando necessario que esta acudisse em sua defeza. Estava agora resolvido a responder com quatro pedras na mão, se Luciano outra vez tivesse a audacia de o provocar.

Hia-se organizar nova quatragem, e de novo o terrivel competidor de Eugenio dirigio-se a Margarida. Esta já summamente agastada com elle desta vez sem desculpas nem satisfações, respondeu-lhe seccamente :

— Não quero!...

— Não quere!... retorquiu o rapaz com um riso forçado e guttural; — em má hora entrou aqui este fedelho, esse chupa-galhetas, que veio pôr a senhora assim tão altanada e tão cheia de fiducias!

— O senhor é bem atrevido!.., foi a phrase mais energica, o doesto mais furibundo, que Eugenio levantando-se tremulo e vermelho encontrou no vocabulario dos improperios para atirar ao seu insolente rival.

Mas considere-se que Luciano era um homem no vigor da idade, alto e de compleição athletica, de barbas negras e cerradas, e que Eugenio era um menino imberbe e delicado. O epitheto de atrevido que lhe atirou á cara, foi

portanto um rasgo de coragem admiravel, e Deus sabe quanto custou ao pobre estudante!

— Como é isso?... faça o favor de repetir se é capaz... — replicou Luciano pondo-se diante de Eugenio de mãos nas cadeiras e com ar ameaçador... — Olhem a figura de quem quer se impertigar diante de mim!... este fedelho!... este rato de sacristia!... se me diz mais uma palavra, escovo-lhe aqui mesmo as orelhas...

Eugenio ficou amarello, verde e depois cinzento. Alem de sua natural timidez pellava-se de medo de dar occasião a um barulho, que não deixaria de chegar aos ouvidos de seu pae.

Margarida tirou uma agulha, que trazia no corpo do vestido, e collocou-se perto de Luciano, resolvida a espetar-lh'a no corpo ao primeiro movimento que fizesse contra Eugenio. Era a unica arma que possuia, mas era terrivel.

— Alto lá, senhor! — bradou uma voz, ao mesmo tempo que uma mão vigorosa agarrava o braço de Luciano...

— Que lucro tira o senhor de estar desfeiteando uma creança?... se lhe puzer as mãos é commigo que tem de se haver.

— Prompto! respondeu Luciano voltando-se

rapidamente para o seu interruptor. — Mas quem o chamou cá?... por ventura o senhor é pae da creança?...

— Não, mas sou amigo d'elle e do pae. Se continúa a desfeital-o, tem de se haver comigo, já o disse, e torno a repetir.

Daqui originou-se uma pendencia, que durou alguns minutos sem passar de doestos, provocações e fanfarronadas, em que todos tomárão parte, fazendo as mulheres uma pavorosa algazarra.

— Ora! ora! com effeito, senhor Luciano! — dizia a tia Umbelina altamente scandalizada com o negocio. — Nunca pensei que fosse o senhor o primeiro a vir armar barulhos e desordens nesta casa, onde até o dia de hoje, — louvado seja Deus, — não se ^{debia saber} ~~o que sabia~~ era a mais pequena rusga. E com ~~quem quem~~ ^{quem} mostrar-se valente? com o coitado de uma creança, que ainda hontem deixou os cueiros!

— Fie-se nisso... não está elle nos cueiros para lhe andar namorando a filha...

— Senhor Luciano, isso não são cousas que se digão! Estes meninos forão creados junctos, querem-se muito e...

— Bravo!... atalhou o rapaz com um riso de

galhofa... — Ainda mais essa! muito bem! pois deixe-os andarem junctos... que mal faz isso?... deixe-os e espere pelo resultado.

— Não tem resultado nenhum, senhor Luciano; e que tenha, o senhor que tem com isso?...

— Em nada, minha senhora; mas... a fallar-lhe a verdade, eu não desejava ver tão cedo a senhora como avó, e por semelhante maneira...

— Cale-se, senhor Luciano! — bradou Umbelina rôxa de colera e batendo com o pé — Pensa o senhor que por ter na algibeira uma pataca mais do que os outros póde dizer o que lhe vem á bôca, e chegar a ponto de querer governar as filhas alheias? está enganado, muito enganado!... Sei bem o que é honra, — graças a Deus, e talvez a tenha de sobra até para dar ao senhor, e a toda a sua geração. Veja, que estou em minha casa; e saiba que com uma palavra posso enxotal-o daqui para fóra.

Luciano quiz responder, mas uma multidão de vozes applaudindo Umbelina abafárão-lhe as palavras.

— Muito bem! muito bem, tia Umbelina!

— Tem carradas de razão, e aqui estamos para punir pela senhora.

— Saia! saia o desmancha-prazeres!

— Fóra o rusguento!

— Fóra o bobo, e vá a festa acima!

A philaucia e o tolo orgulho do rapaz arre-davão delle todas as sympathias, e portanto achou-se só no meio da tormenta que elle mesmo suscitára.

Fulo de raiva, Luciano pegou no chapéo.

— Vou-me embora! — disse bufando, — a culpa tenho eu de me metter no meio de gente baixa e sem educação. Adeus, senhora Umbelina!... póde estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira Faria e Andrade nunca mais ha-de cruzar a soleira da porta de sua casa.

— Oh! oh! oh! senhor Luciano! replicou Umbelina com riso de mofa. — É pena, que não tivesse essa lembrança ha mais tempo. Deus o leve, e permitta que nunca se arrependa.

Um côro de applausos a Umbelina e de apu-padas a Luciano acolheu estas palavras, e o rapaz não teve remedio senão hir-se escafedendo com cara de cão que quebrou panella.

Emquanto rugia toda esta trovoadá, Eugenio e Margarida, tremulos e espavoridos, tinham-se

retirado para um canto, cosendo-se á parede da casa postárão-se bem juncto á janellinha de balaustres, que tantas vezes tinha ouvido seus suspiros e amorosas fallas no mysterio da solidão.

Alli encolhidos, com as mãos enlaçadas e bem unidos um ao outro, parecião duas andorinhas recolhidas á beira do telhado esperando que se amaine a tempestade.

CAPITULO XIII

Esta pendencia, que teria passado a vias de facto, se as mulheres, que formavão a grande maioria daquella reunião, não interviesses com seus gritos e choradeiras, esfriou completamente o folgado, que dahi em diante perdeu toda graça e animação e pouco durou.

Dissolvida a reunião, Eugenio partiu para a villa em companhia do amigo, que havia tão generosamente tomado a sua defeza contra Luciano. Receiando algum desacato da parte deste, não quiz que o filho de Antunes partisse só, e acompanhou-o até a villa, onde tambem morava.

Eugenio repousou o resto da noite em casa de seu protector, e apenas rompeu o dia foi para a casa do primo, que servira de pretexto á sua escapúla da fazenda paterna. Utilizando-se da

authorisação que o pae lhe dera, ahi ficou dous dias.

Um negro fugido não tem mais medo de comparecer perante seu senhor, como Eugenio se arreceava da presença de seu pae depois do desaguizado do motirão. Estava certo que aquelle facto tarde ou cedo lhe chegaria aos ouvidos.

Se Umbelina e os outros convivas erão capazes de guardar silencio e abafar aquella desagradavel occorrença, outro tanto não se podia esperar de Luciano, que por vingança seria o primeiro a tocar a caixa do pregão, e até seria capaz de hir pessoalmente denunciar a Antunes todo o acontecido.

Passados dous dias o proprio Antunes foi á vilta buscar seu filho.

Quando o algoz munido de barão e cutello se appresenta na masmorra do condemnado, não produz mais horrivel impressão do que a presença de Antunes produzio no animo do filho.

Levou-o todavia para casa sem dar mostras de que sabia cousa alguma do negocio do motirão. Eugenio resfolegava ; mas a tormenta estava reservada para quando chegassem a casa.

— Agora, senhor Eugenio, assente-se ahi, e vamos conversar um pouco, — disse Antunes fa-

fazendo sentar seu filho diante de si. — Creio que já é tempo de parar um pouco em casa e hir-se arranjando para voltar ao seminario; ou ainda não estará farto de sucias?

Este tom de severa ironia aterrou Eugenio.

— Eu não estive em nenhuma sucia, — respondeu timidamente. — Meu pae não me deu licença para ficar na villa os dias que eu quizesse?

— Mas por ventura dei-lhe licença par ir *em* motirão algum?

— Eu! .. *em* motirão?... quem lhe disse isso?...

— Ora! quem me disse!... quer acaso negar?...

O filho vio que estava perdido; calou-se, e de cabeça baixa esperou o desabar da tempestade.

— Com effeito, senhor Eugenio! — continuou o pae sempre no mesmo tom; — vmce., pela maneira que vae, vem a dar um excellente padre! Enganar-me a mim para sahir de casa e hir-se metter em suciatas e beberreiras no meio de uma corja de peraltas e vadios! nunca tal esperei!... isto vae ás mil maravilhas! E a tal senhora Umbelina com o chamarisco de sua bôa filha, que anda-me aqui a desinquiatar os filhos alheios, dando funçanatas e descantes! não cuida ella em

rezar e dar educação á menina !... Deixe-a estar, que se não mudar de vida, terá de arrepender-se ; não estou mais para atural-a em minhas terras. Se continúa assim, ponha a trôxa ás costas, e procure seu rumo, ou case a filha e mande-a tractar da vida. E vmce., senhor criançola, com essa carinha de sancto, já mettido em tafularias altas, fazendo roda ás raparigas, e mettendo-se em rusgas por amor dellas !... se lhe tivessem moido os ossos a páo, não era bem feito?... e eu e tua mãe com que cara havíamos de ficar?... ah! velhaquete !... que lindo padre não se está preparando aqui !...

Eugenio, tremulo, confuso e de olhos no chão deixou cahir sobre sua cabeça toda esta tremenda trovoada.

— Mas, meu pae... — balbuciou'elle, — eu não bolí com ninguem ; havia lá um homem muito malcreado que...

— Cala-te, tolo ; a culpa é tua. Que foste lá fazer ?... e o que esperavas mais misturando-te com semelhante canalha ?... Viste lá algum homem de bem? aposto, que não. Só tu tiveste animo para tanto, tu uma criança, tn que um dia tens de ser um padre !!...

Eugenio acabrunhado de dor e de vergonha,

soffria as mais violentas e pungentes torturas; as lagrimas scintillantes lhe dansavão á borda das palpebras, e os soluços abafados o suffocavão e embargavão-lhe a falla. Uma vez porem que se achava naquella cruel situação, inteiramente perdido no conceito de seu pae, visto que não era possivel encolerisal-o mais do que estava, Eugenio entendeu que não podia achar melhor occasião de abrir-lhe sua alma, e fazer-lhe a mesma confissão que já havia feito a sua mãe.

Mas faltava-lhe o animo; fez um violento esforço e balbuceiou:

— Mas, meu pae... eu...

Não pôde continuar; as lagrimas e soluços até alli a custo contidos fizeram expansão tempestuosa. As primeiras palavras do menino abrirão-lhes franca sahida.

— Mas o que?...

— Mas... eu não...

Nova explosão de soluços affogou-lhe a palavra.

— Eu não, o que?... acabemos com isto, meu filho.

— Eu não... tenho vontade de...

Aqui ainda os soluços abafavão-lhe a voz; a palavra fatal agarrava-se teimosa na garganta,

d'onde um nó de soluços não a deixava escapar-se.

— Máo! acabe com isso, — exclamou o pae impacientado: — não tem vontade de que?... falle... pois um moço, um rapagão, que já anda em tafularias, não tem vergonha de estar ahi a chorar como uma criança! vamos com isso; de que é que não tem vontade?

— De ser padre, meu pae.

Estas palavras o estudante as despejou da bôca rapidamente, como se fossem brazas que lhe queimavão os labios.

— Devéras!... viva isso! muito bem, senhor meu filho! — exclamou Antunes com sardonico sorriso. — Então com que, não quer ser padre?... e isto sem duvida porque quer se casar com a Margarida, não é assim, meu filho?

— Meu pae!... exclamou o filho com um olhar e um tom de quem pedia compaixão ao desapiedado pae.

— E's um tolo ainda, meu pobre filho; não sabes o que é o mundo, e aquella rapariga te anda revirando os miólos.

— Meu pae, não é ella...

— Não me repliques. Estou bem certo, que se não fosse ella, não terias semelhantes caprichos. E pensas tu, que eu hei-de consentir, que deixes

de seguir uma carreira tão bella e tão honrosa, para o que não tenho poupado dinheiro nem cuidados, por amor de uma... miseravel?...

— Oh! meu pae, não é assim; ella não tem culpa...

— Anda lá!... não cuides que podes enganar-me; bem te conheço e a ella tambem... mas deixemo-nos disto. Avia-te quanto antes para voltar ao seminario. Bem mal fiz em te mandar buscar contra o conselho dos padres. Basta de ferias. Vae-te, e não me voltarás aqui senão ordenado. Depois de amanhã sem falta quero vel-o pelas costas. Basta de tafularias.

Depois de amanhã sem falta! oh! pae desapiidado! oh! miserando Eugenio! aquellas palavras esmagarão-lhe o coração. Partir, deixar Margarida, para não voltar senão dahi a seis ou sete annos, talvez nunca, quem sabe!— Esta idéa lhe gelára o coração como um prenuncio de morte.

Depois de amanhã sem falta! Estas palavras troárão horriveis aos ouvidos do mancebo como os clangores da trombeta do archanjo annunciando o fim do mundo; o presente, o passado, o futuro, o mundo, o espaço, tudo se esvaecia, e

parecia-lhe que sua alma se hia abysmando aniquilada no seio das sombras eternas.

Não era porem mais do que uma vertigem, que lhe escurecia os olhos e turbava os sentidos, e que o fez tombar sobre uma cadeira, banhado em suores frios. Seus olhos se cerravão e no meio de um disco de côres inflammadas se lhe appresentou a imagem de Margarida, pallida e chorosa, acenando-lhe ao longe um derradeiro e triste adeus.

Antunes, que ao despedir os ultimos raios de sua colera havia voltado bruscamente as costas e se retirára, nada disto havia presenciado.

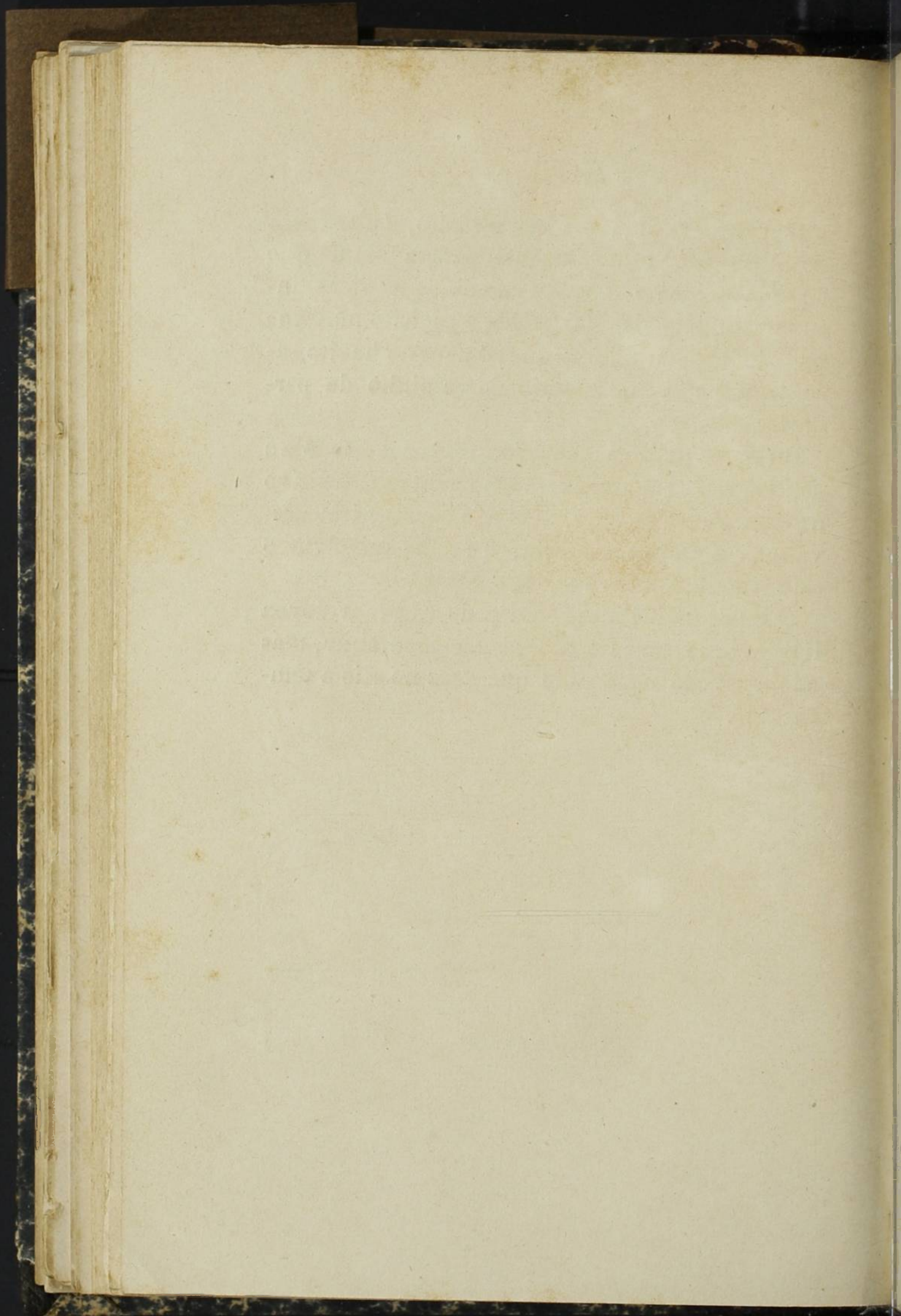
O deliquio foi passageiro; durou apenas alguns instantes. Com o coração ralado de angustias o mancebo foi procurar sua mãe, a ver se debaixo da aza maternal poderia encontrar abrigo contra os rigores inexoraveis da authoridade paterna, e algum allivio e conforto ás amarguras de sua alma.

Achou de feito palavras de consolação e conforto nos labios maternos; mas se a mãe o tratou com menos rigor e aspereza todavia a sua resolução de fazer Eugenio tomar ordens sacras não era menos inabalavel que a do pae. A scena fatidica da cobra enleada a Margarida estava

altamente gravada em seu espirito, e a senhora Antunes estava intimamente persuadida de que aquella serpente era o demonio, que viera insuflar no seio de Margarida o espirito malefico para tentar seu filho, e que sómente o habito sacerdotal podia preserval-o do caminho da perdição.

As doces palavras, as affectuosas exhortações e conselhos da mãe trouxerão momentaneo lenitivo ás amarguras do filho, mas não conseguirão desvanecer a nuvem sombria, que lhe envolvia o espirito e lhe pesava sobre o coração.

O sopro da brisa matinal pode varrer a nevoa ligeira que touca o cabeço da montanha, mas não o vulcão carregado que traz no seio a tempestade.



CAPITULO XIV

Eugenio passou uma noite febril entre crueis insomnias e anciados pezadellos. Mal despontou a primeira alva do dia, levantou-se e pôz-se á janella.

O dia levantou se cheio de serenidade e esplendor. O sol, que surgia por detraz das collinas do levante coroadas de arvoredos, brilhando atravez da ramagem orlava o horisonte como de uma rede de ouro. Do lado fronteiro, em uma encosta longinqua, os troncos vetustos, que o machado respeitou aqui e acolá no meio de um vasto roçado, verberados pelos primeiros raios do sol parecião columnas de bronze, que ficárão em pé no meio dos escombros de um templo deruido. Vapores diaphanos coloridos pelos fogos da aurora, erguendo-se da vallada e despregando-se das collinas dispersavão-se nos ares como

petalas de rosa, que uma virgem desfolhasse ás brisas da manhã. Os arbustos da vargem recamados de flores balanceavão-se brandamente ao sopro das aragens, e sacudindo da coma orvalhada uma chuva de perolas abandonavão ás auras matinaes as primicias de seus perfumes. Bandos de papagaios e periquitos garrulando alegremente atravessavão o espaço azul como nuvens de folhas verdes levadas pelo vento.

Em derredor da casa tambem tudo era vida, prazer e animação. Tudo acordava pulando de alegria e de amor ao primeiro beijo do sol esplendido do céu americano. Cada arvore era uma orchestra de pios, trinados e gorgeios, onde o sabiá, o gaturamo, o pintasilgo e outros mil passarinhos parecião disputar entre si a palma da harmonia.

A viração trazia dos pomares aromas inebriantes de flores de lorangeira, de maracujá, de jambo e de jasmin; e do mato os suaves effluvios que distillão uma multidão de plantas balsamicas e flores sem nome, que vegetão á sombra de nossos bosques.

Entretanto nessa hora de magia, de prazer e de esplendores, em que a terra parecia sorrir-se para o ceo, que a envolvia em ondas de luz te-

pida e serena, só Eugenio estava triste, sombrio e abatido, só elle pendia para o chão a fronte esmorecida, como a planta mimosa que a geada crestou, e a quem o calor vivificante do sol, nem o beijo da brisa matinal pode mais reerguer o collo desfallecido.

O olhar do moço enfiava-se immovel pelo longo vaile, que acompanhando o correjo entre dous espigões hia-se perder no pittoresco vargado, em que se achava a casa de Umbelina. Um boleado da collina lhe encobria a casa desta, e apenas lhe permittia ver os topos das duas paineiras visinhas á ponte, que lhe acordavão n'alma tão suaves recordações, agora amarguradas pelo fel do presente.

Seu olhor estava fito sobre esses topos, sua alma conversava com elles, e lhes murmurava um doloroso adeus.

Largo tempo alli esteve Eugenio na mesma posição mergulhado nas mais acerbias e pungentes reflexões. A energia dos sentimentos se havia despertado com extraordinaria precocidade na alma do mancebo, que apenas pubere já sentia fundamente todos os violentos transportes da paixão, todos os seus ineffaveis gozos, e raldoras angustias.

Ao sahir dalli Eugenio foi direito procurar sua mãe.

— Minha mãe, não poderei hir ao menos hoje a casa da tia Umbelina despedir-me della e de Margarida? Sabe Deus se não será a ultima vez que tenho de vel-a!...

— Não falles assim, meu filho; Deus ha de permittir que as vejas ainda por muitos e muitos annos.

— Não sei, minha mãe, mas...

— Mas o que queres lá ir fazer? temos hoje muito que arrumar para a tua viagem, que é amanhã sem falta. Eu te desculparei para com ellas...

— Oh! minha mãe!... temos muito tempo para isso. Eu não me demorarei mais de uma hora, meia hora mesmo, se Vm. quizer. Tenho de me ir embora por seis ou sete annos, ou mais... talvez para sempre, e me ficará um grande pezar, se lhes não puder dizer adeus.

— Queres que te diga a verdade, meu filho?... desde o outro dia que fiquei muito mal satisfeita com aquella gente, e a minha vontade é que nunca mais lá ponhas os pés. Se souberes o susto que rapei, quando soube que lá andaste mettido em folias e batuques no meio de gente malvada!..

— Mas, minha mãe, a culpa foi minha.

— Bem sei; bem sei; mas se aquella comadre de uma figa tivesse mais juizo na cachola, e menos malicia no coração, não consentiria, que parasses lá um só instante...

— Eu enganei-a, minha mãe, e ella acreditou que meu pae me tinha dado licença...

— Não creias tal; tão tola não é ella. Bem vio que foste fugido; acreditou-te porque lhe fez conta. E' ella mesma que te anda seduzindo e te pondo a perder, ella e a minha boa afilhada, que tambem — Deus me perdoe; — está ficando uma fresca joia.

Eugenio comprehendeu que era tempo perdido instar mais com sua mãe. Resignou-se e conformou-se com sua sorte. Para despedir-se de Margarida restava-lhe ainda uma ultima esperanza; essa abrigava-se debaixo do manto propicio da noite, pela qual esperou com anciedade.

Um luar escasso e melancolico esbatia-se frouxamente pelas campinas adormecidas no mais profundo silencio. Sua luz baça mal disfarçava a escuridão da noite no pequeno valle, em que se achava situada a casa de Umbelina, a qual a penas se distinguia na sombra, escondida em

baixo da frondosa copa da figueira como o filhote da ema abrigado á sombra das azas maternas. Como dous gigantes negros abraçando-se no ar as duas altas paineiras alçavão-se projectando pelo vargado as sombras collossaes. Indolente aragem mal bolia nos ramos dos arvoredos, e sómente os pios intercadentes do curiango resvalando pelo chão no vôo rasteiro quebravão o silencio daquella solidão.

De entre as sombras das paineiras surgiu um vulto esguio e lesto á similhaça de um sylpho aereo que, parecendo nem tocar a terra com os pés, atravessou rapidamente o vargado, penetrou no terreiro, e sumindo-se por baixo da grande figueira foi collocar-se bem juncto á janellinha de balaustres.

A favor daquella mudez profunda quem de ouvido afiado estivesse encostado á cerca do terreiro, ouviria um ciciar de vozes abafadas segredando ternuras e entreveladas de beijos, suspiros e soluços a confundirem-se com o fremito da folhagem, que de quando em quando estremecia a uma frouxa lufada da viração espreguiçando-se nos ramos da figueira.

. , . . .
.

— Adeus, Margarida!... adeus!

— Pois já?... um momento! um instantezinho ainda.

— Pois sim... mas se meu pae der por minha falta... não deve tardar a amanhecer... mais um beijo, Margarida!..

— Toma... tu has-de me querer bem sempre, sempre, não é assim, Eugenio?

— Sempre! eu te juro, e torno a jurar; padre nunca, nunca hei-de ser. Adeus!...

— Adeus, Eugenio...

— Ah! não chores assim, que me cortas o coração. Enchuga essas lagrimas, para que eu possa ter animo de hir-me embora.

— Deixa-me chorar, Eugenio. Que heide eu fazer?... heide chorar sempre, sempre até que voltes.

— E heide voltar, Margarida; tanto heide pedir, instar, rogar a minha mãe, que ella hade mandar buscar-me, e um dia, Margarida, um dia heide ser homem, e havemos de viver juntos, e não haverá poder na terra que nos possa separar.

— Mas... meu Deus! até lá eu morro de saudades.

— Não, Margarida; hei-de fazer tudo para

sahir do seminario, e voltar o mais breve possivel... ah! não chores mais assim... já não te pedi?...

— Pois bem... olha, já não estou mais chorando... mas..., não fiques lá muito tempo não, ouviste?... volta, volta depressa, Eugenio.

— Fica socegada, minha vida; eu heide voltar. Adeus!... um ultimo beijo ainda, e... adeus!

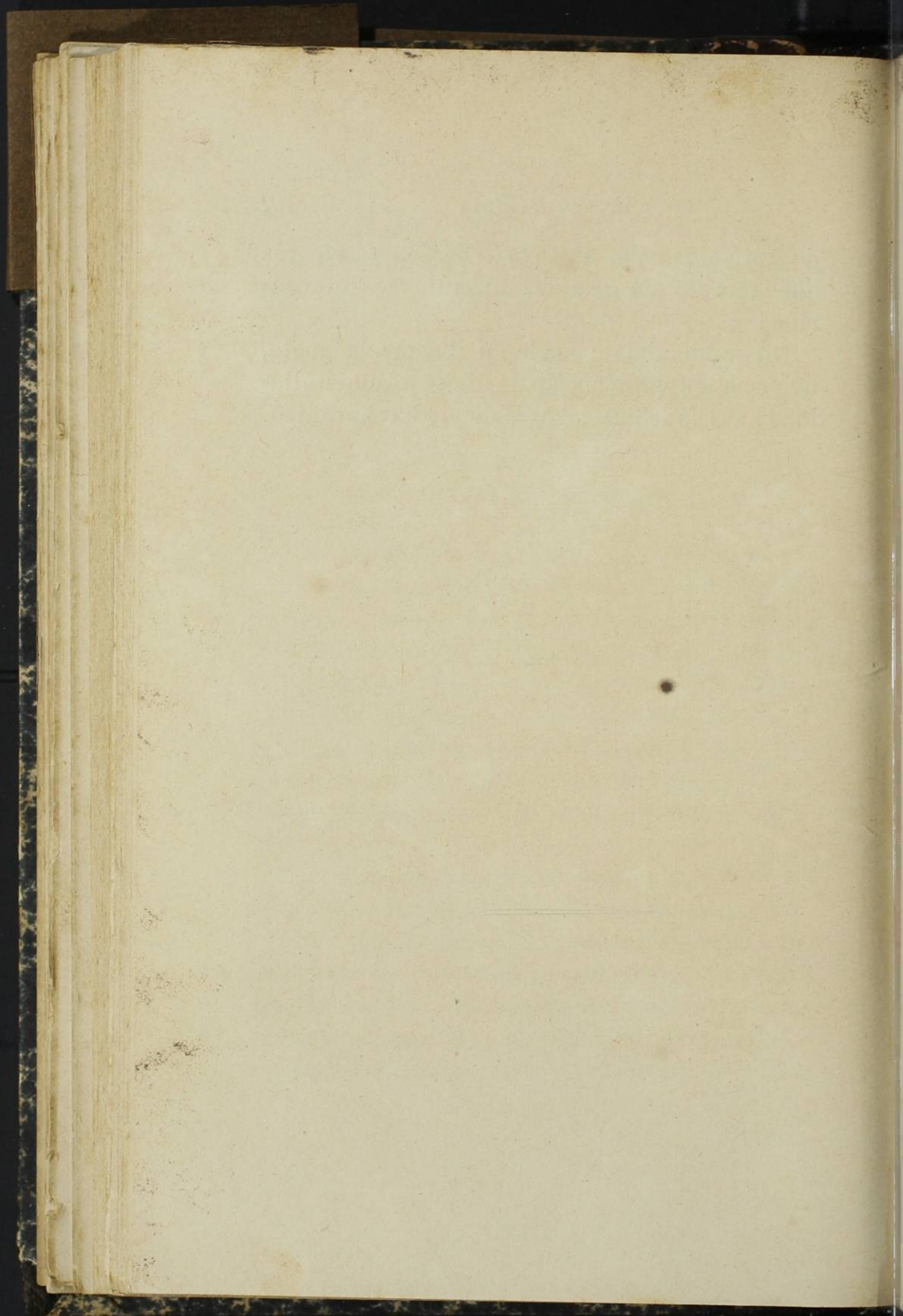
— Adeus!...

Este dialogo era suspirado com voz tremula e abafada entre compridos intervallos de soluços, caricias e beijos devorados entre lagrimas, e ninguem poderia adivinhar que fundas tristezas, que anciosas e crueis inquietações se exhalavão n'aquelles timidos e sentidos arrulhos, que mais parecião vagos murmúrios da solidão perdendo-se nas azas da brisa confundidos com o ramalhar da folhagem e o borborinho da fonte visinha.

Um momento depois o mesmo vulto, que vimos atravessar o valle rapido e leve como um sylpho nocturno, lá se hia vagaroso e como que se arrastando a custo a se esgueirar pelas sombras do vargado. De quando em quando parava, voltava-se para traz, apertava as mãos convulsivamente contra o peito; um estremeção como

de um soluço lhe agitava o corpo, e com voz que mais era um gemido, murmurava — Margarida!

Dir-se-hia alma penada ou duende da noite, que com a aproximação do dia se recolhia ullulando aos funebres logares donde havia sahido.



CAPITULO XV

Os seminaristas de Congonhas do Campo vião com certa surpresa e assombro ao anoitecer, depois que a sineta havia vibrado a hora do recolhimento, um de seus companheiros, pallido e abatido, atravessar de braços cruzados e olhos baixos a longa fila de dormitórios, e encaminhar-se para o quarto do padre director e alli ficar largo tempo em intima e mysteriosa practica. Isto tinha logar duas e trez vezes por semana.

Esse estudante, que antes de partir para as ferias, timido e acanhado ao principio era por fim um menino travesso e brincalhão como os outros, hia-se tornando um moço cada vez mais tristonho e misanthropo.

No passeio e recreação acompanhava os outros como um automato, com os olhos ou pregados no chão ou alongados alem pelos horisontes e

parecendo estranho a tudo que em derredor d'elle se passava. Grave e pausado como um velho ermitão formava um vivo contraste com a turba jovial de seus garrulos e travessos companheiros; dir-se-hia o triste e moroso noitibó perdido entre um bando de inquietos e chilradores melros.

Nas horas de estudo e recolhimento vivia debruçado sobre os livros, mas tinham observado que scismava muito e lia bem pouco. Os seminaristas novos, que ainda o não conhecião, tel-o-hião tomado por um idiota, se na aula o rapaz não desenvolvesse prodigios de memoria e de intelligencia dando de si melhores contas do que nenhum outro. Isto mesmo era mais um motivo de pasmo da parte dos seminaristas, que olhavão para aquelle excentrico e mysterioso collega com certa curiosidade cheia de respeito e admiração.

O que hia porem fazer aquelle estudante duas e trez vezes por semana ao quarto do padre mestre director?... O leitor vae já sabel-o.

O pae de Eugenio, reenviando-o para o seminario, tinha escripto aos padres communicando-lhes os desvios e desregramentos de seu filho, e pedindo-lhes mui encarecidamente que tomassem debaixo de seu particular cuidado dirigir-lhe

a consciencia e procurar desarraigá-lhe do espirito certa paixãozinha, — assim se expressava elle, — que o hia tornando um pouco avesso á sua natural vocação e louvavel proposito de ordenar-se.

Isto para o padre director não era nehuma novidade. Estava elle bem lembrado, e o leitor tambem não se terá esquecido, dos versos feitos a Margarida, sequestrados pelo reitor á pasta do estudante. Era prevendo aquella descabida do seu neophito, que o padre se havia opposto com tanta energia a que Eugenio sahisse do seminario durante as ferias.

Tambem de sua parte os padres tinham grande interesse e vivo desejo de attrahir ao gremio da classe clerical aquelle mancebo, que por sua bella intelligencia, seu espirito de devoção e excellentes dotes moraes parecia talhado pelo céo para ser um digno ministro da religião do Crucificado.

Concebe-se pois o esforço, com que aquelles zelosos missionarios se empenharião em fazer tão bella aquisição para o clero brasileiro, e mesmo, se fosse possivel, para a congregação a que pertencião.

Muito satisfeitos se mostrarão quando virão

voltar ao seminario o esperançoso estudante. Vendo seu ar melancolico e abatido, advinhá-rão-lhe a causa, mas não se inquietarão com isso, esperando que o tempo e a ausencia serão sufficientes para desvanecer a tal paixãozinha, que se extinguiria por si mesma, com a luz da lampada, a que fallece o oleo.

Mal pensavão elles, que o amor que abrazava o coração do mancebo, era como a chamma do amiantho, que arde perennemente sem nunca consumir-se.

Em viagem para o seminario Eugenio com o coração cortado de angustia e de saudade e cheio de despeito contra a tyrannia paterna, formava em seu espirito o projecto de mostrar-se inteiramente rebelde á disciplina claustral, embora attrahisse sobre si as mais severas reprimendas e castigos ; pretendia comportar-se com tal desidia e relaxamento, taes desatinos e desregramentos praticar, que os padres se verião obrigados a expellil-o do seminario.

Firme neste proposito chegou a Congonhas, mas apenas cruzou os umbraes do piedoso edificio, sentio desfallecer toda a sua energia reaccionaria, sua fronte altanada curvou-se a um profundo sentimento respeito de respeito e sub-

missão; todas essas velleidades de revolta se encolhêrão nos seios da alma, como se calão medrosos escondendo-se nas moitas do vergel os garrulos passarinhos, quando percebem a sombra da aza do gavião, que atravessa os ares esvoaçando por cima delles.

Timido, cordato e docil por natureza, Eugenio não tinha coragem para praticar o mal, nem era capaz de proceder contra os dictames da sua consciencia. O espirito religioso, que constituia um dos traços mais proeminentes do seu character, lhe fazia olhar com veneração aquelle edificio, morada dos padres sanctos, e consideraria o mais abonimavel dos peccados profanal-o com actos de desregramento e rebeldia.

Debalde pois tentaria impôr á sua vontade actos que a consciencia repellia, e fazer calar as nobres e virtuosas tendencias, que a natureza lhe tinha plantado no coração. Resignou-se, e contentou-se em chorar sobre sua sorte.

Ferida pelo infortunio a alma bem formada não blasphema contra Deus, nem se revolta contra os homens.

Longe de expellir transformado em veneno o fel do coração, converte-o em lagrimas de resignação e expande mais suave e puro o perfume

da virtude, como o sassafrás golpeado pelo ferro do derrubador distilla mais activo e redolente o aroma, que lhe enbalsama o amago.

Todavia Eugenio não podia expellir de seu coração a imagem de Margarida, e nem elle o tentava, pois reputava isso um projecto impossivel, absurdo, louco. Essa imagem agora lhe estava gravada n'alma em traços muito mais vivos e profundos do que nos annos da primeira ausencia. A meiga e placida affeição da infancia havia tomado as proporçõs de uma paixão energica e fogosa, e se assenhoreára de seu coração, como esse truculento e rijo cipó que se atraca ao madeiro da floresta, o enleia o aperta, e com elle se identifica, destinado a viver e perecer com elle.

A saudade, que o devorava, já não era essa tristeza languida e melancolica, que se entorna do coração com certa suavidade como o perfume de uma flôr mirrada, e se espairose nos ares nas azas do devaneio como uma nuvem doirada pelos fulgores da aurora. Era o negrume carregado de uma noite pezada, muda e funerea; de uma noite toldada, sem luz de estrellas nem lampejos de relampagos, sem rumorejos de harmonia, nem fragores de tempestade.

Era a paixão com todas as suas crueis inquietações e anhelos febris, com todas as suas sombrias apprehensões no futuro, e suas doces e pungentes recordações no passado.

A tudo isto vinha-se junctar um sentimento de dolorosa compaixão pela sorte de sua querida companheira. Ah! quão sózinha, quão desamparada a havia deixado na solidão do lar quasi deserto, entregue ás angustias da saudade, como flôr mimosa exposta á todos os rigores do sol canicular! Pobrezinha! a injusta prevenção dos paes de Eugenio, retirando-lhe sua estima e amizade, a privavão da unica consolação que lhe restava, tirando-lhe até os meios de saber noticias do amigo ausente! Com que amargura não exprobrava a sua mãe no intimo da alma aquelle iniquo e desalmado procedimento! Como o não teria profligado, amaldiçoado mesmo, se não partisse d'uma mãe, a quem respeitava e amava!...

Pelas suas Eugenio aquilatava as angustias de Margarida. Elle a via todas as tardes, — e seu coração adivinhava, — encaminhar-se para as paineiras do vargado pallida e chorosa, com as madeixas revoltas e dispersas pelos hombros, como palmeira a que o sopro

violento da tormenta vergára o collo, derriçara os galhos e emmaranhára os leques emmurchecidos. Alli a via sentada largo tempo com os olhos fitos nos campos da fazenda paterna, triste como Eva exilada do paraiso, regando com suas lagrimas as raizes daquellas arvores queridas, companheiras e confidentes fieis das alegrias do passado e das amarguras do presente.

Entranhando-se nestas tristes imaginações Eugenio estorcia convulsivamente as mãos, e o soffrimento lhe expremia do coração duas lagrimas, que o fogo do desespero lhe queimava nas palpebras sem dar-lhes tempo a rolarem pelas faces, e a muito custo podia conter no peito um brado de blasphemia e um impeto de revolta.

Cedendo porem ao pezo de seu infortunio o moço não ousava, nem tentava combater a paixão, que fazia a tortura da sua vida. Sabia isso impossivel, mas o seu espirito crente e religioso só julgava realisavel a sua redempção por um favor especial do ceo, pelo influxo da graça divina, favor que não esperava, nem ousava implorar, porque delle se julgava indigno; ou quem sabe? — tinha medo de ser attendido, e parecia-lhe que faltando-lhe aquelle amor não poderia

mais viver, faltar-lhe-hia o ar e a luz, a terra e o ceo se anniquilariam para elle.

Assim o infeliz moço agarrava-se á sua saudade e ao seu infortunio, como o escorpião que rodeado de chammas se atraca á propria cauda, que o morde e que o lacera.

O abatimento e melancolia de Eugenio longe de desvanecer-se parecião hir-se aggravando com o tempo, phenomeno singular naquella idade, em que as dores da alma parecem dissipar-se com a mesma facilidade com que se evaporão as ligeiras nevoas ao primeiro sopro das brisas travessas da manhã.

Entretanto já quasi um anno havia decorrido, e os padres começando a inquietar-se á vista do estado deploravel, a que se hia reduzindo o pobre moço, entendêrão que devião lançar mão de meios mais energicos e positivos para debellar a paixão, que não só o desviava do sacerdocio, como mesmo ameaçava leval-o ao tumulo. Foi então que começárão as practicas e confidencias intimas com o padre director. A principio e por muito tempo nenhum resultado tivérão, e o padre já desalentado quasi desistio da empreza. Suas palavras, conselhos e exhortações não conseguirão produzir a menor móssa no espirito do

mancebo, o qual revelando-lhe sem reboço o estado de sua alma confessava sua fraqueza ou antes impotencia para combater o mal, que o assoberbava, e as mais calorosas e eloquentes objurgações do padre oppunha nm desanimado e glacial — não posso.

— Não posso! — dizia elle. Bem vejo que tudo quanto V. Rma me propõe é justo, razoavel e salutar; quero fazer tudo quanto me aconselha; mas ha uma força superior á minha vontade, um poder contra o qual vão quebrar-se todos os meus exforços. Não posso.

CAPITULO XVI

Mais um anno se passou empregado naquella inutil porfia do padre director, que empenhára em vão todo o esforço e perseverança para arrancar o mancebo áquelle estado de desanimo e abatimento. Este não vendo outra solução senão a morte á sua cruel situação, abandonava indefeso o coração ao abutre da angustia, que o devorava.

Desalentados por fim os reverendos preceptores deliberárão entre si e conviérão em um expediente, do qual esperavão prompto e seguro resultado. Escrevêrão ao pae do estudante fazendo-lhe vêr o estado de melancolia e prostração, em que vivia, e como apezar de todos os esforços por elles empregados a sua constante preocupação não o abandonava, continuando a mostrar-se inteiramente avesso ao estado secerdotal. Acon-

selhavão portanto ao pae, que procurasse casar a rapariga, que assim trazia desgarrada do bom caminho aquella ovelha predestinada, que Deus parecia ter creado para santas e sublimes cousas. Era este o unico recurso efficaz com que contavão, pois era natural que o moço sabendo que a menina estava casada, tractasse de banir do espirito aquella teimosa tentação, de que Satanaz se prevalecia para arredal-o de sua natural e sancta vocação. Que era pena perder-se por tão futil e baixo motivo um digno sacerdote, que viria a ser um dia um dos mais bellos ornamentos do clero brasileiro.

Lisonjeado com os elogios feitos ao filho, Antunes applaudio e acceitou o conselho, e deu-se pressa a pôl-o em execução. Sabendo que Luciano, aquelle que tivera a pendencia com seu filho, conservava ainda a mais viva inclinação por Margarida, e que pondo de parte a sua fatuidade e arrogancia, era um excellente rapaz, morigerado e tractador da vida, tanto elle como a senhora Antunes começárão a dar passos com grande empenho e diligencia no intuito de effectuar aquelle casamento. Baldados porem ficárão todos esses exforços. Margarida resistio inabalavel a todos os conselhos, exhortações,

reprehensões, desenganos, promessas e até ás ameaças de maldição por parte de seus padri-nhos, e recusou-se obstinadamente a acceitar marido, fosse elle qual fosse.

Outrora Umbelina tinha affagado no espirito a esperança, e acreditava na possibilidade do futuro enlace dos dous meninos, Eugenio e Margarida. Não via na pobreza desta embarço sério para isso, e quanto á linhagem, ella, a viuva de um alferes dessa brilhante cavallaria mineira, a nata do exercito, onde não se alistava senão gente de sangue limpo e de familia honrada, e da qual o simples soldado era tão respeitado e respeitavel como hoje um capitão, ella em nada se julgava inferior aos Antunes.

Mas Umbelina não era mulher de tempera a seguir com tenacidade uma idéa, nem lutar com difficuldades. Logo que vio o vivo desejo, que mostravão os paes de Eugenio para fazel-o padre, desvanecêrão-se suas esperanças, e nem pensou mais no desejado enlace. Bonachona e pachorrenta, Umbelina deixava os acontecimentos seguirem seu curso natural, comtanto todavia, que não se affastassem, no que lhe tocava de perto, do caminho da honra e da honestidade.

Comtudo não deixou de aconselhar á filha, que accedesse á vontade de seus padrinhos, mas com tão pouca insistencia, que parecia inteiramente neutral naquelle negocio. O comportamento de seus compadres para com ella, desde a desagradavel occorrença do motirão tinha revoltado o seu orgulho, e era com máos olhos que via a interferencia, que querião exercer nos negocios de sua casa.

Margarida, a pobre Margarida, via eclipsar-se para sempre e sem remedio a estrella de suas esperanças no seio de um funebre e sinistro negrume, que de mais em mais se condensava sobre sua cabeça. A alegria e o scego fugirão daquella alma, onde a saudade e o pezar se aninhárão para sempre. Ella via que os elementos revoltos só preparavão tempestades no horisonte de sua vida, e conspiravão de modo assustador para desunir dous destinos, que o céo parecia ter creado para se desenvolverem e se extinguirem ao lado um do outro, e não podia encarar sem horror esse futuro, onde a estrella de sua felicidade pallida e incerta vacillava á borda de um horisonte tenebroso. Tinha crença firme no amor e nas promessas do seu querido; mas não tinha fé no destino, nesse poder implacavel e tyrannico,

que zomba dos mais firmes protestos e das juras mais leaes.

Soffrendo cruelmente, Margarida procurava esconder aos olhos de sua mãe a violencia e amargura de seus martyrios.

Se não fosse a sua feliz e robusta organização e a tempera forte do seu espirito, teria succumbido ao pezo de tantos pezares e afflicções.

Eugenio e Margarida erão como dous lindos arbustos de viçosa e opulenta folhagem, que nascêrão bem juncto um do outro; as raizes se entrevelárão no mesmo alveolo, nutrindo-se da mesma seiva, e os ramos balançados pela mesma viração se abraçárão e confundirão no ar. Um imprudente e desalmado cultor pensando que lhes era nociva aquella visinhança, entendeu que devia separal-os, e arrancando um delles o transplantou para longe. Para isso foi mister lacerar desapiedadamente as raizes de ambos, e um e outro largárão pelo chão as folhas murchas, pendêrão para a terra os nús e resequidos galhos, e não houve bafejo de primavera, orvalho bemfazejo nem sôpro de brisa vivificante, que pudesse restituir-lhes o perdido viço e louçania.

Vendo a invencivel reluctancia da filha e a fria

indifferença da mãe, Antunes cheio de indignação tomou de accordo com sua mulher a barbara resolução de enxotar de sua fazenda aquellas duas pobres e inoffensivas mulheres.

— Desaforo! — exclamava o velho inchando as bochechas e bufando de colera — ao que parece a tal comadre pensa que estou gastando dinheiro e apurando a paciencia com a educação do menino para dal-o em dote á sua pequena ... ora não faltava mais nada! é isso! ... outro não é o motivo, porque embirrão em não querer nem que se falle em casamento; que malucas! ... Pois já que a menina não se casa, rua com ellas! ... procurem seu rumo, que não estou mais para atural-as.

— Que duvida! — acrescentava a mulher — rua com ellas e quanto antes! ... a tal comadre de uma figa, se não quer casar a filha, é porque não quer se desfazer daquelle engôdo, que lhe chama a casa os freguezes. Sahindo a Margarida, adeus sucias e beberreiras! adeus jogos e pandeiradas, em que os filhos-familias vão atirar fóra o dinheiro de seus paes... e é isso o que a ella não lhe faz conta.

— Lá isso tambem póde ser; mas o fito principal da patusca era filar-me o rapaz, isto nin-

guem me tira do sentido... até consta-me que o menino, depois que expressamente lhe prohibimos pôr lá mais os pés, quando já todos aqui dormião, fugia sorrateiramente de casa, e lá hia passar quasi todas as noites!... e que me diz a esta, ein, senhora?...

— Devéras, senhor Antunes!... o que me está dizendo... homem!... veja, que vibora traiçoeira admittiamos dentro de casa! Nada! nada! nem mais um momento quero ver essa mulher perto de nós... é a serpente! é o diabo em pessoa!...

Assim pois, ficou irrevogavelmente proferida a sentença de banimento das duas infelizes mulheres, sentença dura e injusta em todo o ponto, e que não tinha outra base mais do que a infundada prevenção dos dous fanaticos esposos. É verdade que Umbelina, como dona de uma pequena bodega á beira da estrada, tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupavão por vezes aos domingos, e lá armavão algazarras e rara vez algum pequeno disturbio. Mas essa gente se conservava do balcão para fóra, e nunca penetrava no interior da casinha de Umbelina, a qual, — justiça lhe seja feita, —

sabia muito bem zelar a sua reputação, e a honra de sua filha.

Um bello dia pois, Umbelina e sua filha tiveram de arrumar a sua trôxa, e de dizer eterno adeus á sua linda casinha, ao risonho e pittoresco valle, ao corrego e ás paineiras, que por tantos annos tinham sido o abrigo e a companhia de sua feliz e pacifica existencia.

Umbelina por sua parte de ha muito desgostosa, e disposta a abandonar aquelles logares, não sentio grande pezar em deixal-os; mas a pobre Margarida... essa ahi deixava o coração feito em pedaços entre as garras da dor e da saudade. Triste sina era a sua!... a sorte desapiadada lhe arrancava até a companhia daquelles sitios queridos, daquelles seres inanimados, que para os outros não tinham valor nem significação alguma, mas que para Margarida tinham uma alma com quem se entendia, uma voz consoladora, que com ella conversava mysterios de amor e de saudade.

Quando vio sumirem-se por detraz das collinas a alva casinha, o vargado, e os ultimos topes da figueiras e das duas paineiras, pareceu-lhe que um veio de eterno lucto se estendia sobre seu

coração, e uma voz lugubre lhe murmurava dentro da alma: — tudo está acabado! —

Assim devia retirar-se Eva, enxotada do paraíso ante a espada de fogo do archanjo vingador, chorosa e a passos lentos, volvendo de quando em quando para o jardim de delicias, que acabava de perder, olhos empanados de lagrimas de indizível angustia. Assim devia retirar-se Eva, sim; porém talvez menos infeliz, porque sentia na sua a dextra do esposo, que a affagava, e lhe sustinha os passos vacillantes pelas tristonhas e escabrosas sendas do exilio.

Margarida porem, ai della!... despedindo-se daquelle eden saudoso da sua infancia, dizia tambem eterno adeus ao bem querido de seu coração.

CAPITULO XVII

Grande é o poder do tempo.

O proprio braço da dôr, quando não consegue esmagar a sua victima, por fim de contas esmorece fatigado, e o seu estilete, por mais buido que seja, acaba por embotar-se.

O physico de Eugenio, graças á mocidade e a uma feliz e sadia organisação, tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima, intensa e corrosiva, o espirito como que fatigou-se de soffrer, ou antes habituou-se ao soffrimento.

Uma influencia talvez ainda mais forte que o tempo, se bem que por elle auxiliada, contribuiu tambem grandemente para a salutar modificação que se operou na vida do mancebo. Sua natural tendencia á devoção e ao mysticismo, que nelle constituia tambem uma paixão, ha

muito tempo abafada pelos pezares e inquietações de um amor infeliz, acordou finalmente no seio daquella alma ulcerada, e se não pôde acalmar de todo seus soffrimentos e tumultuosas agitações, veio pelo menos dar-lhes um character menos sombrio e desesperado.

Eugenio não pôde supportar por mais tempo a triste solidão em que gemia abraçado com a cruz de seu soffrimento. Não sabendo onde achar socorro e consolação para o mal que o flagellava, correu a prostrar-se aos pés do Crucificado, regou-os com suas lagrimas, e beijou-os cheio de contricção e de amor, implorando-lhe que lhe acalmasse aquella febril agitação, que lhe queimava o cerebro, e lhe restituísse a paz do coração.

Desde então começou a sentir de novo aquelles celestes enlevos, que as solemnidades religiosas outrora lhe despertavão n'alma. No templo, aos sons do orgão sagrado e dos hymnos religiosos, seu espirito se arrebatava entre as nuvens de incenso sobre as azas do extase e pairava pelo empyreo no meio dos coros angelicos. O altar inundado de esplendores e de nuvens aromaticas lhe parecia o escabello do throno de Deus, o unico degráo seguro, por onde se póde subir ao

conspecto do altissimo. No meio de suas deslumbrantes visões o mancebo invejava dentro da alma, e cobiçava ardentemente a gloria sem par de empunhar a chave do sacrario, e de queimar o incenso as pés do omnipotente.

Eugenio, então entrado nos dezenove annos já não tinha o seu dormitorio no salão dos meninos; pertencia á turma dos grandes, e dos que propriamente se chamão *seminaristas* ou candidatos ao sacerdocio. Como tal, tinha portanto o seu cubiculo ou cella particular., Alli tambem entregava-se com fervor a continuas praticas de devoção e ascetismo, e ajoelhado aos pés da imagem da Mãe de Deus, rezava longamente e deixava o seu espirito perder-se engolfado em sanctas e beatificas contemplações, ou lia as paginas ardentes e sublimes de S. Jeronimo ou S. Agostinho, e os seraphicos escriptos de S. Francisco de Salles e de S. Thereza de Jezus, tão perfumados de mystica unção e de angelica piedade.

A estas praticas de devoção e piedosas leituras vinhão-se junctar estudos severos da mathematicas, de philosophia e theologia, que lhe illuminavão e robustecião a intelligencia, ao passo que a leitura assidua do Ecclesiastes, do livro da

sabedoria e dos proverbios de Salomão lhe confortava o coração, e o protegia contra os ataques das seducões e vaidades do mundo.

Mas não se pense que Eugenio enlevado em seus actos de devoção e absorvido em seus estudos havia conseguido esquecer-se de Margarida.

Somente o seu amor purificando-se ao contacto da religião de tudo que nelle havia de carnal e terreno, tinha tomado as candidas roupagens de uma afeição angelica e ideal, e o fel amargo da saudade, que lhe afogava o coração, se havia transformado em uma torrente de lagrimas silenciosas e resignadas, que entornava aos pés da Virgem consoladora dos afflictos.

Entre as nuvens de incenso, que embalsamavão o templo, no meio dos anjos de suas visões pairava tambem a imagem de Margarida, e por entre as piedosas e mysticas harmonias, que enchião as abobadas sagradas, ouvia-lhe a voz suave e argentina. No retiro solitario de sua cella, quando prostrava-se em oração ante a imagem da Virgem, Margarida estava tambem ajoelhada ao lado d'elle como nos tempos de seus brincos de creança, e era ella o anjo, que nas azas de neve e ouro levava as suas preces ao throno do omnipotente.

Essas duas tendencias naturaes de seu coração terno e entusiasta, pode-se dizer essas duas paixões, que lhe erão innatas, o amor e a devoção, congraçavão-se admiravelmente em seu espirito. O arroubo mystico, a continua aspiração para Deus e para as cousas celestes não excluião nelle o amor por essa creatura, que é sobre a terra um dos mais bellos reflexos do infinito poder — a mulher. É que de facto esses dous sentimentos tão puros, tão celestes ambos, nada têm de inconciliaveis em si mesmos, e sómente uma lei meramente convencional, impondo o celibato como um preceito imperativo, podia levantar entre elles esse odioso antagonismo, contra o qual a razão protesta e revolta-se o coração.

Eugenio pois não deixava de sentir em si a mais pronunciada vocação para o sagrado ministerio do altar; se não fôra o amor, que nelle ainda prevalecia sobre as tendencias theocraticas, sua resolução estaria definitivamente firmada e decidida. O seu espirito oscillava perplexo entre essas duas bellas e sanctas aspirações, as quaes, se não fossem canonicamente incompativeis, terião entretecido para a frente do mancebo a mais brilhante corôa de gloria, de

amor e de felicidade, e que no entretanto por sua incompatibilidade estavam fadadas a cavar-lhe um abysmo de angustias e desgraças.

Dous anjos a um tempo tomavão Eugenio pela mão, e o convidavão para o céo.

Um era a piedade, que lhe mostrava os degrãos do altar, e lhe corria diante dos olhos maravilhados os véos sacrosantos, que encobrem o throno de Deus.

O outro era o amor, que lhe entreabria a porta mysteriosa da alcôva nupcial, e lhe apresentava a imagem de Margarida.

O despertar do espirito religioso na alma do mancebo, alimentado e auxiliado por continuas exhortações e conselhos dos padres, já era um grande passo para a consecução do fim que tinham em vista. A paixão ascetica hia pouco a pouco ganhando sua alma, e em breve os affectos profanos não encontrarião nella nem mais um cantinho onde aninhar-se.

Applaudião-se entre si deste bello resultado, e já não duvidavão de que mais tarde ou mais cedo o triumpho seria completo, e o moço abjurando de uma vez todas as paixões terrenas se entregaria sem resistencia nos braços de sua natural vocação, — o sacerdocio.

Escrevêrão ao pae de Eugenio :

— Graças ao todo poderoso e aos nossos perseverantes esforços, a ovelha desgarrada vae-se encaminhando para o aprisco da religião... O balsamo salutar da devoção vae dissipando os effeitos do veneno, que a paixão peccaminosa lhe filtrára no coração. Mais um passo, e poderemos cantar assignalada victoria sobre o espirito das trevas, ganhando um digno ministro para o altar, e uma bella alma para o ceo. Resta, que V. S. nos communique o casamento da rapariga, e tudo estará concluido.

A despeito de toda a força da sua vocação ecclesiastica, de todo o fervor do seu ascetismo religioso, Eugenio mantinha-se firme na resolução de não tomar ordens. Assim o havia jurado a Margarida. Firmada pela religião do juramento, essa affeição terna e profunda que votava á companheira de sua infancia, affeição que com elle nascera, que era a luz de seus olhos, a seiva de seu coração, o perfume de sua alma, via cerrar-se os aditos do sanctuario do Senhor, para o qual volvia olhos invejosos como para um Eden vedado, de que suas fraquezas o tornavão indigno. Mas Margarida era um anjo de Deus exilado na terra, e se elle não podia com suas

mãos profanas tocar nos vasos sagrados e na hostia sacrosancta, poderia ao menos ajoelhado ao lado della, inclinar a fronte venerabunda ante os altares, e entoar com ella hymnos de louvôr ao todo-poderoso. O culto e adoração offerecida ao Senhor por um de seus anjos não podião deixar de ser-lhe tão gratos como aquelles, que lhe são endereçados pelas mãos de seus ungidos.

Destes devaneios, em verdade bem suaves, o vinhão arrancar considerações de outra ordem, que o lançavão n'um pego de amarguras e inquietações. Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalavel emperramento de seus paes, que a todo o transe o querião fazer padre, a sorte precária de Margarida, mal vista e repudiada por elles, pobre e fragil creatura exposta a todos os embates de um destino cruel, e a todas as seducções e azares de um mundo corrupto e libertino.

Já não era só o amor, era um dever mais sancto e por ventura mais forte que o amor, que o forçava a jamais abandonar ao seu destino aquella infeliz creatura, que o ceo como que havia confiado á sua guarda e protecção, fazendo-a nascer juncto delle, e collocando-a á sombra do mesmo lar, como a tenra trepadeira, que nasce

enleada ao viçoso e copado arbusto, amparando-se com sua sombra e nutrinda-se de sua seiva. Margarida, mesmo não podendo ser sua esposa, era sua irmã; embora o não fosse pelo sangue, o destino collocando juncto ao seu o berço della, os tinha feito irmãos pela alma. Agora que seus paes com tanta deshumanidade a repudiavão, e que não lhe restava senão sua velha e misera mãe, elle, que era seu unico amparo sobre a terra, devia viver só por ella e para ella.

O espirito do mancebo bem queria nas azas da religião, e da piedade desprender-se da terra, e consagrar-se exclusivamente ao culto da divindade; mas um laço poderoso lhe tolhia os vôos e o tinha atado aos interesses e affeições mundanas.

Depois de ter volvido n'alma todas tristes e amargas reflexões, Eugenio exclamava: — Não, não posso, não devo ser padre! — e passava a excogitar os meios de despedir-se do seminario o mais breve que fosse possível.

CAPITULO XVIII

Eugenio, que já então tocando os vinte annos, conservava na alma toda a candura e singeleza da infancia, confiava ao seu director espiritual por miudo e sem disfarce todas essas luctas intimas, todas as irresoluções, fraquezas, inquietações do seu espirito. Expondo-lhe a obrigação sagrada, em que se considerava, de amparar e proteger na vida a companheira de sua infancia, o padre lhe fez ver que nada obstava a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração, e que nisso não havia estorvo a que se ordenasse, uma vez que, banindo do coração todo o sentimento amoroso, considerasse Margarida como sua irmã.

Por esse effeito porem era forçoso que evitasse o mais que pudesse a sua presença, fugisse de toda e qualquer relação com ella, e fosse

como a Providencia, que esconde a mão que derrama tantos beneficios sobre a terra; aliás recahiria inevitavelmente em suas antigas fraquezas e desvarios. Ponderava-lhe demais, que uma vez ordenado, seu pae não duvidaria em restituir a Margarida as suas bôas graças, e tomaria de certo a seu cargo amparal-a, prover á sua sorte futura, procurando-lhe um bom morido.

A estas palavras Eugenio estremeceu; mas contendo aquelle movimento :

— Estou certo, — respondeu — de tudo, quanto me diz;... mas.. é impossivel!... estou inteiramente convencido que toda e qualquer tentativa que eu faça para banir de meu coração esta paixão, será sem resultado. Não está em mim, nem ha poder nenhum sobre a terra que me possa tirar do sentido aquella mulher.

— Não o ha sobre a terra, mas ha no ceo. Implore com fervor a graça divina, e ella não lhe faltará, e o seu triumpho, que considera impossivel, será facillimo e com pleto. A oração, a penitencia, os exercicios piedosos, são armas poderosas para combater a tentação, filho; e Vm. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova, quando sendo muito mais criança conseguiu de-

bellar completamente o inimigo que o tinha em contiua obsessão. Se não fosse a imprudencia de deixar o seminario, e hir collocar-se de novo entre as goélas da serpente que o seduzia, teria evitado esta nova lucta, talvez mais renhida e encarniçada que a primeira.

Hoje porem, que já com vinte annos deve ter outra energia e força de vontade, e sabe melhor ponderar as cousas, é que assim desanima como um covarde, e recua espavorido diante do inimigo?

— Mas, senhor padre, eu jurei a Margarida... Perjurar, esquecel-a, abandonal-a a seu cruel destino, não é uma traição, uma infamia?

— O juramento inspirado pelas suggestões do demonio não é juramento, filho. Deus não o acceita, nem o confirma no ceo. Jurou o nome de Deus em vão, fez mais, profanou como um impio o seu santo nome envolvendo-o em actos desregrados de libertinagem. Commetteu um grande peccado, de que cumpre lavar-se com lagrimas sinceras de compuncção e arrependimento; mas não é um juramento, nem o constitue em obrigação alguma.

— Não sei, senhor padre, não sei, o que lhe possa objectar;... mas o coração se revolta, e

diz-me a consciencia que eu commetteria uma indignidade, um crime mesmo, arrojando em um abysmo de infortunio e desespero a uma creatura de quem sou mais do que o amparo, de quem sou a unica esperanza.

— Filho, olhe, que toma por vozes da consciencia o que não é senão murmurio da paixão, embuste do demonio, que porfia em obumbrar-lhe o espirito e amollecere o coração. Animo, filho!... nada o embaraça para esse nobre e sancto commetimento, senão a sua propria vontade. Essa paixão que o atormenta, é um calix de provação que Deus lhe preparou para acrysolal-o na lucta e no soffrimento, e tornal-o mais digno do sagrado ministerio a que o chama o ceo. O inimigo com quem tem de travar-se, foi-lhe enviado por Deus, como o anjo de Jacob. Faça como aquelle santo patriarcha, que combateu com o anjo a noite inteira; não se recuse a essa lucta agradavel aos olhos de Deus; combata noite dia, vencerá como Jacob.

Eugenio sahiu de junto do padre com o espirito um tanto abalado; pelo menos achava-se resolvido a implorar o auxilio do ceo para extinguir aquella paixão, que era ao mesmo tempo o encanto e o tormento de sua existencia.

Ainda que sem fé a principio, e sem esperança alguma de resultado, — e talvez por isso mesmo, — entregou-se como outr'ora ás practicas do mais austero ascetismo, e na solidão de sua cella deu-se á vida de penitencia e contemplação com uma exaltação e fervor dignos dos antigos anachoretas dos desertos da Chalcida, da Nitria e da Thebaida.

Á força de orações e jejuns, vigílias e mace-rações, de novo conseguiu reduzir seu corpo á mumia ambulante, e o espirito a um foco de visões beatificas e fanaticas hallucinações. Desta vez porem o aspero e pesado manto do ascetismo não logrou abafar a chamma teimosa que abrazava o peito do mancebo. A fibra de seu coração tinha-se fortalecido com os annos. O vaso fragil das affeições infantis se convertera em urna diamantina, que conservava inteiro e inalteravel o philtro fatal que os labios de Margarida nelle havião vasado entre os beijos de mel e lagrimas de fogo.

Embora procurava o anjo da devoção, com a sombra mystica de suas azas, acalmar os tumultuosos transportes daquella alma apaixonada. Na maior exaltação de seus extases beatificos, no rigor de suas mais austeras mortificações, lá

mesmo lhe apparecia a imagem de Margarida, formosa como visão celeste, e com um sorriso melancolico dizia-lhe com accento de triste e amarga exprobação:

— Louco, que pretendes esquecer-me, e pedes ao ceo forças para ser perjuro e desapiedado! Luctas em vão; eu sou o anjo que levo ao ceo teus pensamentos e tuas orações, e jamais consentirei que cheguem ao throno de Deus tuas monstruosas preces. Esquece-me se poderes, mas não peças auxilio ao ceo para precipitar-me no inferno!

Então Eugenio, hallucinado e quasi em delirio, batia com a fronte em terra, estorcendo-se e bradando com voz suffocada entre soluços:

— Perdão, Margarida, perdão!

Assim continuou por longo tempo a lucta travada no espirito do mancebo entre o amor e a religião, entre duas paixões que com elle nascêrão, e com elle poderião viver e fazer a sua felicidade, se as instituições humanas não houvessem erguido entre ellas uma barreira insuperavel.

Entretanto a ausencia, o decurso dos annos, a falta absoluta de relações e mesmo de noticias da mulher amada, erão circumstancias que

não podião deixar de influir poderosamente em desvantagem da paixão profana, que insensivelmente se hia arrefecendo como lampada velada, que se consome a si mesma e fenece á mingoa de alimento. Outro tanto não acontecia ao mysticismo, que alimentado por continuas praticas de devoção, exaltado por eloquentes e calorosas exhortações e conselhos, cada dia hia ganhando terreno, e contava com todos os elementos da victoria.

Duas circumstancias vierão contribuir poderosamente para accelerar o triumpho das ideias theocraticas e fazer pallejar a estrella do amor no horizonte da vida do mancebo.

Era um domingo. Celebrava-se missa solemne por occasião de uma festividade da igreja.

Por esse tempo o padre missionario Jeronymo Gonçalves de Macedo, o digno e veneravel companheiro de Viçoso e de Leandro, achava-se em Congonhas de Campo de passagem para o sertão da Farinha Podre, onde por sua grande illustração e virtudes apostolicas era chamado a lançar as bases de um novo collegio na extremidade occidental da provincia de Minas, — o seminario de Campo-Bello.

Jeronymo foi convidado a prégar o sermão desse dia.

Possuia elle em alto gráo os mais eminentes predicados do orador sagrado. A uma bella e imponente figura, a um accionado largo e magestoso, a uma voz cheia, vibrante e sonora reunia a palavra ardente e repassada de unccão, a eloquencia que se inspira em sua verdadeira fonte, na abundancia do coração. O rico e formoso templo do Bom Jezus regorgitava de povo, que acudira ancioso para ouvir a palavra do santo e eloquente missionario.

Quando assomou no pulpito aquella nobre e veneranda figura, aquelle busto, cujas linhas correctas e harmoniosas podião servir de modelo ao esculptor de gosto o mais severo para a imagem de um sancto, possuido de respeito e admiração, cuidaríeis ver surgir do interior do muro do templo o vulto do sancto seu homonymo, do austero cenobita dos desertos da Chalcida.

Era uma santa virgem e martyr que a igreja commemorava nesse dia. O elogio da castidade formou naturalmente o thema principal do sermão.

O orador, depois de ter feito um brilhante pagnegyrico da vida da sancta, passou no epilogo a

fulminar com os raios de sua eloquencia a molleza, o appetite sensual e os desvarios das paixões mundanas, e divinizou a castidade, — a mais excelsa entre todas as virtudes, esse lyrio puro e peregrino, cuja fragrancia é mais grata ao Senhor do que os canticos dos anjos, e do que todo o incenso que se queima em seus altares.

Para dar maior realce ao painel, traçou com mão de mestre uma viva pintura da seducção de Eva tentada pela serpente no paraizo.

— A concupiscencia, — dizia elle — é a serpente, que distilla dos labios enganosos, o veneno que nos dá morte á alma e nos faz perder para sempre as delicias da celeste Jerusalem. Feliz aquelle que, como a virgem martyr cujas virtudes hoje a igreja commemora, pode esmagar aos pés a cabeça da serpente maldita, e exclamar triumphante, em quanto ella se estorce moribunda no chão: — Affasta-te, Satanaz!... »

Inspirando-se nas paginas ardentes e sublimes do sancto do seu nome, exclamava com elle:

« Soldado effeminado, que fazes tu sentado á sombra do lar paterno? tu repousas, e a trombeta divina enche o espaço de seus clangôres! O divino combatente apparece sobre as nuvens; uma espada de dous gumes sahe de sua bôca. Elle

corre, derriba e despedaça; e tu não queres deixar o teu leito pelo campo de batalha, a escuridão em que jazes pelo esplendor do sol! levanta-te! a coragem te dará força. »

« Visses embora teu pae, tua mãe ou tua amante atravessada á soleira de tua porta para impedir-te a passagem, passa sem derramar uma lagrima; passa, tu és soldado; lá está o teu estandarte; é a cruz! »

« Deserto esmaltado das flôres do Christo !... solidão, onde se engendram as pedras de que é construída a Sion celestial! santos eremitérios, em que conversa-se familiarmente com Deus, infeliz daquelle que vos desconhece, e mais infeliz ainda daquelle que, vos conhecendo, vos foge e vos evita! »

Fazendo aquella viva e eloquente apologia da vida casta e solitaria, Jeronymo procedia por pedido e especial recommendação de seus collegas de Congonhas, que o tinham inteirado da situação de Egenio; e assim todas aquellas calorosas e vehementes apostrophes hião com direcção calculada ao espirito do mancebo,] o qual sem nada suspeitar as escutava absorto, e sentia a palavra sancta penetrar-lhe como lamina ardente até o amago do coração.

A pintura da serpente rastejando aos pés de Eva no paraizo parar seduzil-a e arrastal-a á perdição, fez a mais viva impressão, e trouxe-lhe á memoria a aventura da infancia de Margarida, enleada e affagada por uma cobra, aventura que tão funesta apprehensão deixára no espirito de sua mãe. Encontrando a mais exacta e palpitante analogia entre o episodio do Genesis, e aquelle incidente de sua infancia, Eugenio estremeceu.

Já para elle não havia duvida; aquelle acontecimento era um aviso do ceo; aquella serpente fatidica era o demonio; e Margarida, nova Eva por elle seduzida, lhe offerecia o pomo fatal, e o levava ao caminho do exilio e da perdição eterna.

Poucos dias depois um sonho, talvez visão filha da debilidade physica e da hallucinação do espirito, o visitou nas horas calladas da noite.

Ajoelhado em oração e debruçado á beira do leito Eugenio adormeceu, e vio-se em sonho transportado ao meio de um templo magnifico, inundado de esplendores, de perfumes e harmonias. Subito abriu-se a abobada do templo, e um chôro de anjos, que descia do ceo, baixou sobre elle. O anjo que vinha á frente de todos,

tinha a figura de Margarida, e trazia na mão uma palma. Postando-se diando d'elle entregou-lhe a palma, e disse-lhe apontando para o altar: — Eis alli o caminho do ceo !

Eugenio olhou para o altar, e vio que a Virgem, que se achava sobre o throno, lhe sorria e acenava chamando-o a si.

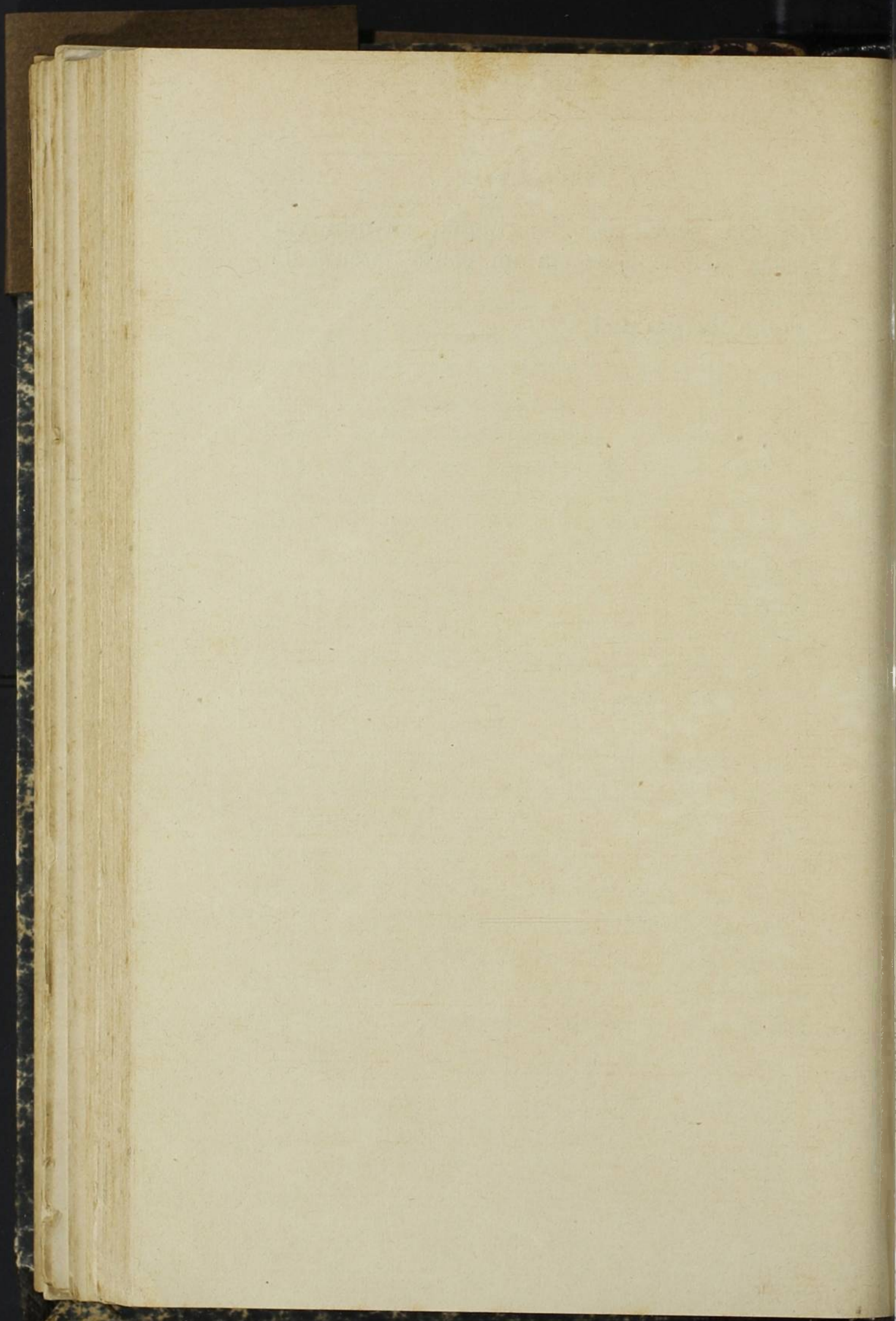
Este sonho impressionou-o vivamente. Era uma revelação; a vontade do ceo se achava manifestada do modo o mais patente e irrefragavel. Entendeu que Margarida era morta, e transformada em anjo de Deus no ceo, como já o fôra sobre a terra, viera-lhe annunciar que era só ordenando-se que se encontraria com ella na bemaventurança. Seu destino estava decretado no ceo, e sua vocação irrevogavelmente firmada sobre a terra.

Pobre Margarida! entre ti e o teu amante uma sombra espessa se interpunha, e a estrella de luz pura e suave, que luziu sobre vossos berços, e sorrio á vossa infancia, obumbrada pelas fuscas azas do genio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugenio.

Nessa alma agora entregue a mil beatificas hallucinações, a tua imagem hia-se de todo apagando, e apenas de quando em quando lhe

apparecia como visão longinqua, envolta em brumas melancolicas em um ponto obscuro do horisonte.

Pobre Margarida !



CAPITULO XIX

Eugenio com o pé alçado sobre a cabeça da serpente fascinadôra achava-se em vespêras de cantar triumpho.

Ainda a paixão não se havia extinguido ao todo; o cancro peccaminoso ainda lhe atracava ao coração seus enredados filamentos; mas o moço, premunido de ascetico heroismo, com mão firme e resoluta havia empunhado buido escapello para extirpal-o de uma vez, embora lhe custasse gritos de agonia e lagrimas de sangue.

Dispunha-se Eugenio a hir dar conta ao seu director das grandes victorias que hia alcançando sobre si mesmo, e manifestar-lhe a firme e inabalavel resolução em que se achava, de tomar ordem sacras e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de Paula, quando

recebeu um recado do mesmo director chamando-o ao seu cubiculo.

— Senhor Eugenio, — disse o padre, apenas o seminarista compareceu — acabo de receber uma carta do senhor seu pae, em que me comunica uma importante noticia. Se fosse em outros tempos, eu hesitaria em dar-lhe semelhante nova, mas hoje creio posso dar-lh'a sem receio de consternal-o, certo de que a receberá com toda a sobranceira e serenidade de animo de um homem superior ás paixões do seculo.

A esta linguagem Eugenio sobresaltou-se.

— Diz respeito a meus paes? — perguntou com anciosa inquietação.

— Não, não; a esse respeito esteja tranquillo. Estão vivos e com saude, louvado seja Deus... É outra cousa...

— Margarida?... — exclamou o moço, mas logo atalhou-se envergonhado.

— Sim, sim; essa menina, que foi creada em casa de seus paes, e sua companheira de infancia, essa menina, conforme me escreve seu pae...

O padre fez uma breve reticencia, como hesitando sobre o modo, porque havia de exprimir-se.

— Morreu?... perguntou Eugenio tornando-se pallido como um cadaver.

— Não, senhor; casou-se.

A esta revelação Eugenio estava livido, convulso, atordoado, como se um raio houvesse estalado junto d'elle, apenas poudé murmurar com labios tremulos:

— Casou-se!... ah!... muito bem!

Como quem arranca subitamente as ataduras a uma ferida profunda, que apenas começa a cicatrizar e a faz de novo abrir-se entre dôres crueis, golfando o sangue aos borbotões, assim o padre com aquella fatal e inesperada nova veio despertar em um momento todo o ardor e frenesi da paixão que começava a adormecer no coração do moço. Turvou-lhe os olhos a sombra tremula de uma vertigem, as pernas lhe esmorecêrão, e foi-lhe mister encostar-se a uma mesa para não cahir redondamente em terra.

Em vão esforçou-se por affectar tranquillidade e resignação; forçoso lhe foi retirar-se para occultar aos olhos do director a agitação de seu espirito.

Este porem, a quem não podia escapar aquella tão visivel e extraordinaria perturbação, não se inquietou muito com isso. Profecto conhecedor

das paixões e fraquezas do coração humano, bem previa que outro não podia ser o resultado immediato daquella revelação; mas estava tambem certo que ella seria o golpe de morte desfechado sobre a paixão do mancebo. Passada aquella primeira irritação um salutar desengano convencendo-o da inconstancia e fragilidade das afeições mundanas, lhe serviria de escarmento eterno contra todas as seducções do espirito das trevas.

— Margarida infiel!... Margarida casada!... — exclamava Eugenio ao entrar em seu quarto, delirante, a arquejar, e apertando a cabeça entre as mãos convulsas. — Quem o diria!... pôde tão facilmente esquecer-se de mim para entregar-se a outro!... e eu tantos annos lucto em vão para arrancar daqui a imagem della e entregar-me nos braços de meu Deus!... que vergonha!... que miseria!... Á força de jejuns, de penitencias, de mortificações tenho quebrantado meu corpo, acabrunhado meu espirito e flagellado meu coração rebelde, e nem assim consegui apagar este fogo que me devora... sim, não consegui nada; era engano meu;... agora o vejo... e ella tranquilla e risonha, sem escrupulo e sem constrangimento algum vò a aos

braços de outro, e dá-lhe a gozar estas delicias, que eu... louco que eu fui!... estava trocando por um inferno de amarguras e martyrios!... Oh Margarida! Margarida!... que fizestes!... ah!... tu eras mesmo a serpente; teus labios distillavão veneno de morte;... era o fogo do inferno que te incendia os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraíso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres também o inferno nesta e na outra vida!...

Por toda parte tu és o anjo máo destinado a precipitar-me no abysmo das torturas!... mas... que importa!... ah!... si continuasse a querer-me... quem sabe!... -que valem sem ti o paraíso e todas as suas delicias!... eu te acompanharia de bom grado pelos asperos e tenebrosos caminhos do desterro, como Adão acompanhou a sua Eva; supportaria alegre todos os trabalhos e tribulações da vida, se sentisse tua mão enlaçada com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... Mas ah! meu Deus! eis em que derão tantos annos de lucta e sacrificio!... Desprezei um thesouro que possuia, para correr apoz um bem chimerico, uma sombra vã... e agora aperto os braços, e não encontro nem um nem outro... e acho-me

abraçado... com que?... com as chammas do inferno!... Ai de mim!... meu Deus! como eu blasphemo! eu sou um reprobado!... um precíto!...

Eugenio debatia-se em accessos febris entre as garras do ciúme, que lhe atassalhava o coração, e o cauterisava com o fogo da sua lethal peçonha. Era o ultimo trago amargo e corrosivo da taça das paixões. Seu amor, que até então envolto no casto veo dos devaneios sentimentaes se havia mantido em uma esphera ideal e pura, tornou-se material e libidinoso. Os gozos de outrem lhe chamarão a attenção para os seductores attractivos physicos da sua amante, e lhe ateárão nas veias a febre da volupia. O demonio do ciúme, empunhando o facho infernal, abrasava o sangue do infeliz mancebo no fogo da concupiscencia. Volvia e revolvía na lembrança com amarga complacencia todos os encantos do corpo de Margarida; — a bôca humida e vermelha, ninho voluptuoso de beijos e sorrisos, — os seios turgidos offegando alterosos em ancias amorosas, — os olhos quebrados nadando em effluvios de ternura, — o bafejo suave e perfumado como as emanções de um rosal, — e todos estes mysteriosos thesouros, que o pudôr recata, e ante os quaes a

propria phantasia do mancebo se detinha tímida e respeitosa, receando profanal-os, tudo isso se lhe appresentava á imaginação com as mais vivas côres e o abrasava em sede de sensualismo, infligindo-lhe o supplicio de Tantaló. Tudo isso, que havia perdido, era agora pasto franco aos desejos libidinosos, á concupiscencia brutal desse Luciano, que o havia ultrajado, ou de algum ente talvez mais desprezível.

Com estas ideias a escaldarem-lhe o cerebro, a torturarem-lhe o coração, o pobre moço pensava morrer de despeito, de vergonha e desesperação.

Blasphemava, estorcia-se e entrava em accessos de furor.

Extranho e deploravel egoismo do amor! Eugenio teria soffrido menos, se soubesse que Margarida, fiel ao seu amor, houvera succumbido victima da magoa e da saudade. Mais depressa se teria resignado, e daria por bem empregados todos os peniveis esforços, todos os sacrificios a que se devotou durante annos para desterrar do coração a imagem della. Quando considerava em sua infidelidade, envergonhava-se de ter mirrado a flôr de sua mocidade em uma lucta improficua contra um inimigo indig-

no d'elle, contra uma mulher, que o fascinára com as apparencias de um anjo, e que não era mais que larva immunda, que ha mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés!

Extranha hallucinação! Julgava-se com o direito, e até com o restricto dever de banil-a para sempre da lembrança, e quizera que ella o amasse a todo o transe, que se deixasse finir por elle de amor e de saudade!

Morta de amor por elle, seria um anjo, que o chamava para o ceo. Viva nos braços de outro, é a serpente que o arrasta para o inferno.

Pura e fiel, era uma victima immaculada digna de ser immolada ao seu espirito ascetico nas aras da religião. Perjura e desleal é um monstro, que o fascina, e o precipita no abysmo das eternas chammas!

Alguns dias crueis e noites de agonia passou Eugenio nessa tempestuosa agitação, que quasi tocava ao delirio. Ás vezes lhe fervia o coração em desejos de vingança, e idéas de sangue e suicidio lhe pairavão lobregas pelo espirito. Outras vezes, inculpando-se a si mesmo da deslealdade de Margarida, e tendo-a como um merecido castigo de sua atroz ingratição, corria apoz ella, e hia cahir-lhe aos pés supplicante e

debulhado em lagrimas, pedindo-lhe perdão de seu monstruoso perjúrio, e maldizia a loucura e covardia que lhe havia feito desprezar um thesouro real, que o destino lhe havia collocado entre os braços, para correr apoz a sombra de um bem, que o ceo lhe recusava.

Esta extrema e violenta superexcitação, não podia durar muito tempo sem produzir a morte ou a loucura. Succedeu-lhe porém felizmente a prostração profunda, o desalento glacial do desengano.

A alma do mancebo, que era até então como um foco de chammas açoitadas por ventos tempestuosos, converteu-se em um limbo silencioso, gélido e sombrio, onde não havia um écho, nem para a dôr, nem para o prazer, onde não se exhalava o perfume de uma saudade, nem luzia o reflexo de uma esperança.

Seu espirito parecia adormecido em pezado torpôr, sobre as ruinas de todas as suas affeições mundanas, de todas as suas aspirações de ideal e celeste mysticismo.

— É mais uma provação, que Deus vos reservava, filho; — dizia-lhe o padre director, procurando consolal-o; — mais um calix de amargura, para vos acrysolar nas tribulações da vida, e vos

servir de escarmento eterno contra as illusões do mundo. Era necessaria ainda esta ultima gôta de fél, para tornar o sacrificio mais perfeito e agradavel aos olhos de Deus. Bemaventurados os que chorão.

CAPITULO XX

Banidas da fazenda do capitão Antunes, Umbelina e Margarida, tristes como outrora Agar e Ismael despedidos da tenda de Abrahão, e internando-se pelo deserto, tomárão o caminho da villa do Tamanduá, onde Umbelina possuia ainda uma pequena casa habitada por uma velha parenta, ainda mais pobre do que ella. Sem expellir a pobre mulher, que não tinha outro abrigo, ahí se estabelecêrão com ella.

Umbelina já bastante entrada em annos, e cheia de achaques, quasi nada mais podia fazer, Sua velha companheira, essa coitada !... vivia quasi ás esnolas. Aquella pequena e desvalida familia teria cahido na mais extrema miseria, se não fosse Margarida que, cheia de mocidade, robustez e boa vontade, se entregava a um continuo trabalho, cozendo, lavando, engommando,

e assim provia á parca subsistencia de todos, e lhes proporcionava mesmo um pouco de abastança.

Mesmo naquella humilde condição, a formosura de Margarida, que havia attingido a todo o opulento viço, a todo o esplendor da juventude, attrahia a attenção geral, e fascinava todos os olhos.

Lavando roupa, com os lindos braços nús, como as azas de uma amplora de alabastro, os cabellos entornados pelos hombros, como a ramagem do salgueiro, com os pés embebidos na agua, e as roupas regaçadas deixando ver as extremidades de duas columnas do mais perfeito lavôr, era a nayade da fonte.

No templo, vestida pobrememente mas com esmerado aceio e elegante singeleza, com os timidos e pudibundos olhos velados pelos longos cilios, em sua candida e modesta attitude tomal-a-hieis por uma estatua da Virgem, producção genial de inspirado cinzel.

Em casa, fiando ou entregue aos trabalhos de agulha, vendo aquelle busto angelico pendido sobre a almofada, vos lembraríeis da casta Lucrecia, ou da pudica Suzana.

Desprotegida como se via, sua pureza nave-

gava entre mil riscos em um mar semeado de cachopos, e syrtes traiçoeiras, e como lampada exposta a todos os ventos, mantinha-se como por um milagre. Não faltarão libertinos e seductores, que dispôndo dos favores da fortuna, da posição e da mocidade, empregassem inuteis esforços para arrastal-a ao lodo da prostituição; nem também amantes, que possuidos de sincero e verdadeiro amor, cubiçassem e pleiteassem com ardor a posse do coração e da mão da Margarida.

Não era porem sómente o inimigo externo, que ella tinha a temer. De temperamento ardente, de compleição sanguinea e vigorosa, Margarida não era muito propria para manter por largo tempo a sua affeição na esphera de uma pura aspiração ideal, de um celeste devaneio. Feita para os prazeres do amor e para as expansões ternas do coração, os instinctos sensuaes achavão em sua natureza estimulos de indomavel energia; sua pudicicia teria infallivelmente naufragado no meio dos perigos que a rodeavão, se uma paixão casta e sancta, que desde a infancia lhe enchia o coração, não lhe servisse de broquel contra todas as seducções do mundo.

O anjo do amor puro velava desde o berço

sobre a encantadora menina, e com suas azas candidas, afugentava para longe della as larvas malditas do genio da devassidão.

Graças a esse celeste talisman, Margarida, como um lyrio de alvura deslumbrante, balanceava incolume e orgulhosa o calix immaculado no meio da torrente turva e impetuosa, que lhe rugia em derredor.

Já perto de sete annos erão volvidos, desde que se partira o querido companheiro de sua infancia. Entregue á melancolia e ao desalento, Margarida, ainda que apparentemente robusta e sadia, soffria um mal de coração, que lhe contaminava as fontes da existencia. Uma organisação de vigorosa tempera, e sobretudo uma alma paciente e resignada, davão-lhe força apenas para não succumbir e resistir tranquilla e quasi risonha ao peso esmagador do seu infortunio.

Ao seu aspecto ninguem á primeira vista adivinharia que um germen de morte lhe hia solapando a existencia. Era como um desses pòmos, que ostentão na superficie a mais fresca e viçosa côr, e que entretanto trazem no amago já bem adiantado o germen da destruição.

Uma esperanza e um dever lhe alentavão o

animo, lhe vigoravão o corpo, e davão-lhe força e vontade para viver. Era a esperança de ver ainda um dia o seu querido Eugenio, e o dever de viver para sua pobre e desamparada mãe.

A sorte despiedosa em breve a livrou de um desses cuidados, tornando ainda mais triste e precaria a sua situação. Umbelina affrontada de desgostos, velhice e enfermidades falleceu deixando a pobre orphão mais desvalida e angustiada que nunca. Um feroz destino como que se comprazia em recalcal-a cada vez mais na voragem do infortunio.

Ella porem resistia ainda alentada por uma ultima esperança, — a mais dôce de toda a sua vida, — a volta de Eugenio, — de Eugenio, que solto de seu ergastulo monastico e livre do jugo da authoridade paterna, vinha lhe offertar o braço, e conduzil-a ao altar para receberem a sanctificação daquelle amor, que com elles havia nascido, e com elles devia morrer.

Esta ultima esperança, timida e vacillante como luz de estrella moribunda, prestes a affogar-se no seio de um vulcão, era o unico e debil fio que ainda a prendia á existencia.

Desditosa Margarida! ainda não havia esgotado todo o fel do calix da amargura que a

fatalidade lhe havia destinado. Faltava-lhe ainda a ultima gôtta, a mais amarga de todas.

Pouco mezes depois da morte de Umbelina, chegou aos ouvidos de Margarida a noticia de que Eugenio havia tomado ordens. Dahi em diante a desgraçada moça não contou mais com a vida.

O mal, que a affligia, tomou subitamente proporções assustadores.

O sangue rico, juvenil e ardente da moça, agitado pelas violentas inquietações e padecimentos da alma, precipitava-se tempestuoso pelas arterias, e solapando os vasos centraes da circulação, ameaçava rompê-los. O histerismo tambem de quando em quando lhe enrijava os musculos, e lhe excitava no cérebro abrazado terriveis e deploraveis hallucinações.

Era sol posto. Margarida debruçada á janelinha do seu quarto de dormir, olhava para os campos, que se estendião por detraz de sua casa, entregue a uma tristeza mortal.

O sino da matriz badalou Ave-marias.

Margarida levantou-se e começou a rezar o *Angelus*. Uma subita anciedade affrontando-lhe o coração, suffocou-a e quasi a lançou por terra

sem sentidos. Margarida teve um triste presentimento.

— Minha tia, — disse ella á sua velha parenta, que nesse momento hia entrando no quarto, — estou muito doente; de um momento para outro posso expirar; parece-me que tenho gangrena no coração. Mande-me chamar o vigario; quero me confessar.

— Não falles assim, menina !... chamar o vigario para que?... o que é que estás soffrendo então, minha filha?

— Tenho umas ancias que me apertão o coração, e quasi me suffocão. Ainda agora escapei por pouco de cahir em terra.

— Isso são vertingens, menina; não é caso para já pedir confissão; bem mostras que nunca tiveste molestia nenhuma; por isso te assustas com tão pouco... ah! que diria se soffresses os meus achaques!... eu vou fazer um chá de melindre, que para afflições de coração é um porrete; verás como has-de te dar bem com elle;... socega, que isso não ha-de ser nada.

— Não é nada!... eu ca é que sinto, minha tia. Deus a livre de soffrer o que eu soffro;... eu não posso durar muitos dias...

— Ora valha-te a Virgem Maria!... que

scisma é essa que te entrou pela cabeça, minha filha!... ora vejão, quem falla aqui em morrer!... ainda se fosse eu, que já estou com um pé na sepultura... mas tu, menina, criança do outro dia, tão fresquinha e corada como uma maçã madura...

— Que engano!... quer minha tia creia, quer não creia, eu não ando nada bôa... mande chamar o padre...

— Nesse caso é melhor chamar o cirurgião primeiro, não achas?...

— Para que?... remedio para isto só a terra, minha tia. Mande, mande chamar o padre...

— Hoje?...

— Agora mesmo, se fôr possível. Quem sabe se amanhecerei?...

— Arre lá, menina!... não tirarás da cabeça semelhante idéa?...

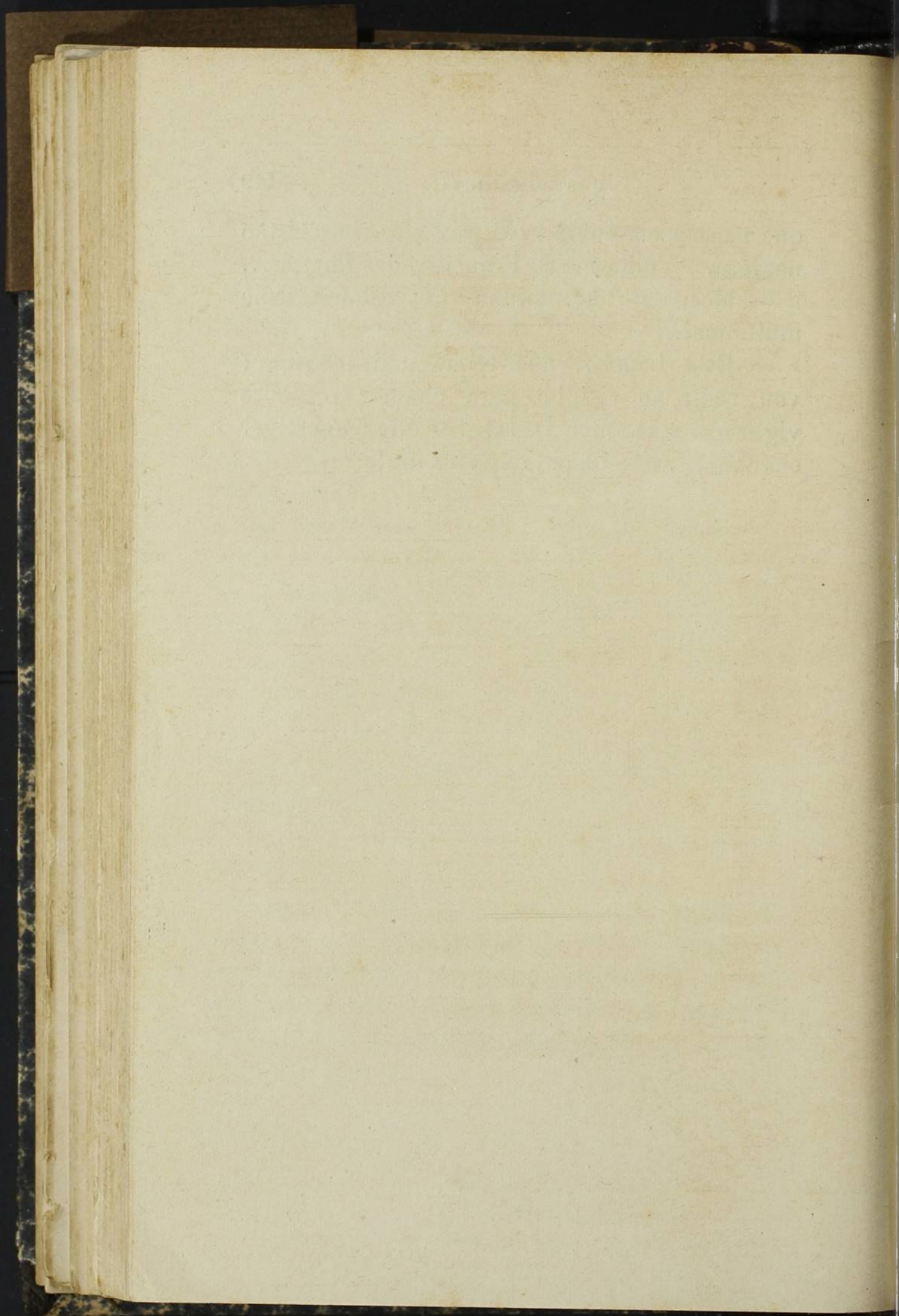
— Seja scisma embora, minha tia; eu quero me confessar.

— Que mania, meu Deus!... mas emfim vá feito;— como isso afinal de contas nenhum mal te pode fazer, vou fazer-te a vontade. Estou que o padre vae ter mais trabalho em desencasquetar-te da cabeça essa mania de morrer, do

que mesmo em ouvir-te os peccados... estás tão nervosa... Valha-me S. Francisco das Chagas...

— Nervosa, não, minha tia; estou mesmo muito mal...

— Está bom!... não teimo mais contigo; vou pedir ao visinho para chamar o pobre vigario... mas, meu Deus!... se elle não estiver em casa?... não ha outro padre na terra...



CAPITULO XXI

Na tarde desse mesmo dia na sala de visitas de uma casa de sobrado das melhores da antiga Villa de Tamanduá, achava-se uma reunião de varias pessôas gradas e notaveis do logar. Erão visitas, que vinhão cumprimentar a um joven sacerdote, recentemente ordenado, que nesse dia havia chegado ao seu paiz natal, depois de uma larga ausencia.

Era um padre alto, de tez clara, de physionomia a um tempo grave e serena, de um typo nobre e regular. Todavia na fronte larga e pallida via-se como a sombra de um soffrimento intimo, e uma ligeira nuvem melancolica tol-dava um pouco a limpidez de seus grandes olhos azues. Estes indicios reunidos a duas rugas prematuras, uma vertical e outra horisontal, que se cortavão formando uma cruz bem no

meio da testa, parecião revelar, que dentro daquelle craneo se havião agitado lutas e tormentas apenas serenadas.

Estava em habitos talvez de sua profissão, apertados com um cinto á maneira dos missionarios de S. Vicente de Paula; tinha tambem como elles no alto da cabeça uma tonsura maior do que a dos outros padres, e trazia pendente sobre o peito um grande crucifixo de metal. Faltavão-lhe apenas mais alguns mezes de noviciado para ser definitivamente admittido no seio da Congregação.

Era o padre Eugenio, filho do capitão Antunes, que acabava de chegar a Tamanduá investido de todas as ordens sacras e precedido de uma grande reputação de sabedoria e sanctidade. Era isto um acontecimento, que punha em grande expectação e alvoroço a villa inteira.

É chegado o padre Eugenio! — echoava de bôca em bôca, e cada um se appressava em hir ver e saudar o novo padre, que installado na casa, que seu pae possuia na villa, levou o resto do dia a receber as visitas e cumprimentos dos numerosos amigos da familia e de quasi toda a população do logar.

Apezar de toda a cortezia e affabilidade com

que acolhia os visitantes, via-se que o padre estava entregue a uma penivel preocupação, que mal podia dissimular. Havia elle chegado na vespera á fazenda de seu pae, onde pernottara. Apezar de sete annos de ausencia, e de uma vida passada entre mysticas contemplações e praticas de austero ascetismo, a vista daquelles sitios acordou-lhe na alma todas as lembranças de sua infancia, frescas e vivazes, como se forão da vespera, á similhaça de um bando de pintasilgos, que desperta chilrando debaixo do folhado laranjal aos primeiro raios da manhã.

Oh! essas emoções suaves da primeira quadra da vida teem um philtro subtil, um aroma inextinguivel, que se entranha no coração para nunca mais desapegar-se delle. Volvem-se annos e annos, e quando já na méta extrema da existencia a fronte encanecida nos pende para a sepultura, por entre os gelos da velhice a flôr virginal do primeiro amor exhala um doce perfume, e perto do tumulto nos embala ainda com as lembranças do berço.

Eugenio pois, que via ainda na ultima ouréla do horisonte uns restos do clarão roseo da aurora da existencia, devia então sentir em toda a sua força e suavidade a magia dessas recordações.

Cuidava que a flôr delicada do amor, cujo perfume aspirára desde o berço, tinha morrido de uma vez para sempre abafada debaixo do manto gélido do ascetismo claustral. Mas ella era como a *sempre-viva*, que exposta ao orvalho frio da noite, esconde o seio fechando sobre elle as petalas de ouro, para expandil-as de novo nitidas e formosas aos beijos do primeiro raio do sol. Ella havia apenas cerrado o seu calix na sombria e silenciosa solidão da cella do cenobita, e agora ao contacto do ar á vista do solo onde nascera, procurava abrir-se de novo exhalando mais activo o aroma ha tanto tempo enclausurado, e rodeava o coração do moço como de um tepido e delicioso effluvio de recordações.

Sentindo esse inesperado despertar de emoções, que julgava para sempre extinctas, o padre estremeceu de sustos, e se esforçou por conjural-as do melhor modo possivel por meio de orações e penitencias. Viera ao seu paiz natal, sómente para visitar seus paes, que ha tantos annos não via, e dar-lhes o gosto, porque tão ardentemente suspiravão de vê-lo ordenado e ouvir-lhe uma missa, e no fim de uns quinze dias ao mais tardar pretendia voltar ao seminario a continuar a sua vida austera de

cenobita e entrar para a Congregação da Missão de S. Vicente de Paula. Mas tomado de susto e de sinistros presentimentos, já se arrependia do passo que havia dado. A noite, que passou na fazenda paterna, foi para elle uma noite de horriveis inquietações e tribulações de espirito. Se não fosse a estranheza, que tal facto hiria produzir em sua familia e mesmo em toda a povoação, nessa mesma madrugada teria desaparecido sem dar parte a ninguem, e a toda a pressa voltado ao seminario afim de pôr-se ao abrigo do espirito tentador, que de novo buscava atravessar-se em seu caminho, e preparar-lhe novas luctas e dissabores.

No outro dia o padre Eugenio levantou-se com o espirito cheio de terrores e de vagas apprehensões. Em companhia de seus paes, pôz-se a caminho para a villa, triste e inquieto, como quem hia para um Gethsmani de provações, ou como quem marcha por um caminho estreito e escabroso flanqueado de abysmos vertiginosos.

Avistando em distancia a casinha de Umbelina, já tombando em ruinas e abafada entre o matagal, que lhe crescia em roda, sentio uma nuvem de tristeza affogar-lhe o coração, e procurando affectar indifferença, não pôde deixar de

perguntar pelos antigos habitantes daquella casinha.

— Eu sei! — respondeu friamente o pae. — A Umbelina, essa morreu.. a filha, como talvez já saibas, casou-se, e creio que anda por ahi mesmo.

Antes nada perguntasse!... bem quizera que Margarida se achasse a milhares de legoas. Esta informação veio ainda mais alarmar a consciencia já tão aterrada do joven sacerdote. Cheio de terrores e apprehensões sinistras, estremecia só com a idéa de encontrar-se com Margarida, e implorava a Deus do fundo da alma, que lhe poupasse aquella dura provação, que lhe arredasse dos labios aquelle cálix de amargura.

Mas por fim envergonhou-se de seus proprios terrores, e procurou revestir-se de coragem.

— De que estou eu a tremer? — perguntava a si mesmo. — Margarida é casada... está morta para mim, e não póde senão recordar-me um passado, que foi de paixão e fogo na verdade, mas que ha muito se acha sepultado debaixo de uma lapide de gelo... E mesmo que assim não fosse, serei eu tão fraco, tão indigno e vil, que ainda consinta aninhar-se debaixo destas vestes sagradas um sentimento impio e profano! Não é fugindo do inimigo, mas travando com elle,

que o soldado se torna digno de cingir os louros da victoria. Se por fraco e pusillanime sou incapaz de combater, deveria nunca ter deixado a sombra do lar paterno, deveria nunca ter tomado estas sagradas insignias de soldado da Cruz. Animo pois...—a coragem te dará força!— estas palavras de um grande sancto, que muito mais do que eu soffreu e combateu por amor de Christo, sejam o meu talisman atravez dos perigos e tentações do seculo.

Era já noite cerrada; o concurso das visitas hia-se diminuindo, e na sala do padre apenas se contaria meia duzia de pessoas. Batêrão á porta; alguém procurava o Sr padre Eugenio.

— Póde subir, — disse este cuidando ser mais alguma visita.

— É um rapazinho, que quer fallar a V. Rvm. —, lhe disserão.

O padre levantou-se e dirigiu-se para o topo da escada.

— Que me queres, filho?

— Eu venho da parte de uma pobre mulher, — respondeu o rapaz, — pedir ao senhor padre pelo amor de Deus, para hir confessar uma pessoa que se acha á morte.

O padre estremeceu; um confuso e sinistro presentimento lhe atravessou o espirito.

— Pois não ha ahi o senhor vigario, ou outro qualquer sacerdote, filho? eu acabo de chegar de viagem, e acho-me bastante fatigado...

— Já fui a casa do senhor vigario, e disserão-me que foi fazer um baptisado fóra daqui a cinco leguas, e que não volta senão depois de amanhã.

— E a pessoa para quem me chamão, está em grande risco de vida?...

— Está, sim senhor; se não fosse isso, eu não viria incommodar o senhor padre...

— Nesse caso... não ha remedio senão acudir-lhe... Mora muito longe a pessoa, a quem tenho de confessar?...

— Não, senhor; é mesmo na povoação; o senhor padre póde hir a pé; é lá no fim da villa, mas não é muito longe.

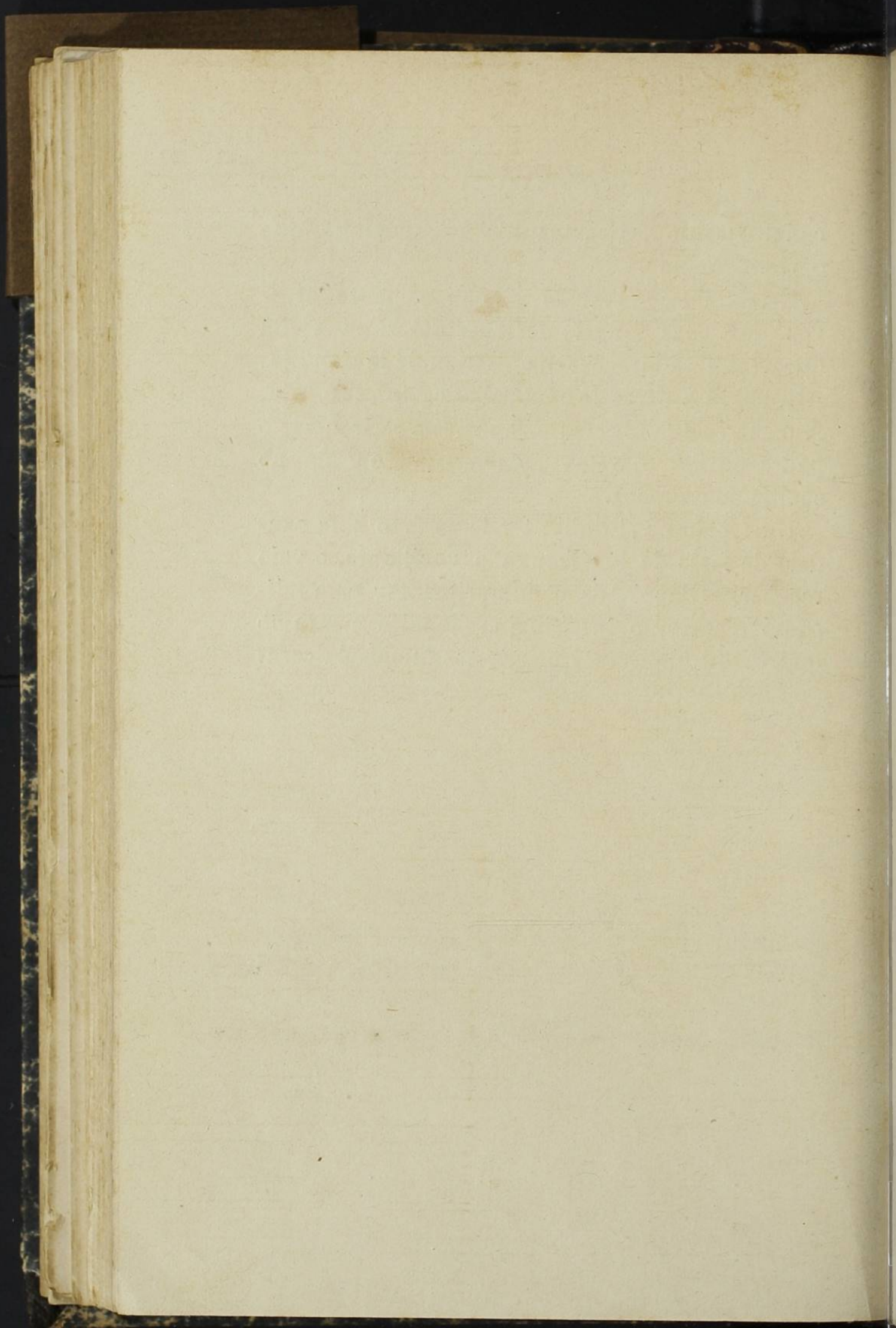
— Visto isso, filho, espera ahi um momento para hires commigo, e me guiarees até lá.

O padre depois de desculpar-se para com suas visitas, informando-as do motivo urgente e indeclinavel, que o obrigava a retirar-se, tomou o seu bastão e seu chapéo triangular, desceu a es-

cada, e sahio em companhia do rapazinho, que o viera chamar.

Este o foi conduzindo silenciosamente a-travez das ruas quasi desertas até uma viella quasi sem habitações na extremidade da villa. Alli parou á porta de uma pobre casinha isolada. A porta estava aberta; o rapazinho retirou-se; o padre entrou, e bateu com a sua bengala no soalho do corredor.

Uma pobre velhinha, tendo na mão uma candeia de ferro de luz frouxa e vacillante, o veio receber, e depois de o cumprimentar com religioso respeito, o introduziu silenciosamente no quarto da enferma, que era nos fundos da casa.



CAPITULO XXII

No quarto da enferma, apesar de sua pobre simplicidade, reinava uma ordem e acieio, que contrastava com o aspecto miseravel do resto da casa. O leito bem composto, era guarnecido de um transparente cortinado cõr de roza, e em frente d'elle sobre uma pequena meza de jacarandá de pés torneados, via-se um lindo oratorio dourado, diante do qual ardia uma véla de cera entre duas jarras cheias de viçosas e fragrantes flôres. Parecia mais uma gruta mystica e perfumada, um voluptuoso ninho de amor, do que o quarto de uma moribunda.

Margarida estava sobre a cama, meia deitada, meia assentada, com as costas apoiadas na cabeceira, os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o peito.

Á primeira vista não parecia uma pessoa que

estava precisada dos ultimos soccorros da religião. O rosto nada tinha de desfigurado, e estava fresco e córado, e a moça parecia estar no gozo da melhor saude, e de todas as suas forças. Examinando-a porem mais attentamente, notava-se o arquejo anciado e violento de seu peito, o coração pulsar-lhe forte e descompassado de modo assustador, e na luz dos olhos um não sei que de sombrio e desvairado. Via-se que aquellas duas rozas excessivamente vivas, que lhe tingião as faces, não podião denotar um estado normal, e erão resultado de profunda perturbação na circulação arterial.

A velha apenas introduzio o padre, retirou-se com sua candeia.

Mal deu com os olhos na moça. o padre estacou de repente, fez um gesto de espanto, e olhando inquieto ora para a porta, ora para o leito, dava mostras de querer sahir precipitadamente. Seu rosto cobrio-se de medonha palidez, e suas feições se transtornárão de modo horrivel.

Seu primeiro impulso, foi de fugir depressa e sem dizer palavra; mas hesitou; não podia negar os auxilios de seu sagrado ministerio, a quem os implorava em artigo de morte. Foi-lhe

mister um esforço sobre-humano para dominar a sua perturbação.

Desde o primeiro momento, Eugenio e Margarida se haviam reconhecido, e por alguns instantes se olhárão mudos e attonitos sem ousarem proferir palavra.

Margarida estava deslumbrante de formosura. As madeixas opulentas de seus compridos cabellos, rolando-lhe em torno dos hombros em um denso e escuro nevoeiro, davão o mais esplendido realce ao busto encantador; os grandes olhos negros, cheios de uma luz sombria e melancolica, fixos sobre o padre, erão como brandões ardentes e sinistros, que lhe queimavão a alma.

O padre esforçou-se em compôr a phisionomia, procurando dar-lhe uma expressão calma e severa. Assentou-se gravemente á beira do leito, e cruzando as mãos sobre o peito :

— Não é a Sra Margarida, que estou vendo, e com quem estou fallando? perguntou com voz surda.

— Bemdito seja Deus! — exclamou a moça com vivacidade, e levantando as mãos ao céo. — Ha quanto tempo não ouço esta voz!... é ella mesmo; é Margarida, senhor padre!...

— E quer-se confessar?...

— Sim! sim!... que bôa sina o trouxe aqui!... graças a Deus... morro consolada... Eugenio!...

Fallando assim Margarida delirante de prazer estendia os braços para o padre.

— Senhora! — retorquio o padre levantando-se em sobresalto, e dando á voz uma inflexão severa, — lembre-se que sou um padre, que venho confessal-a... mas... que é isto?... — continuou olhando attentamente para Margarida. — vejo-a tão sadia e corada!... por Deus, que não se acha em estado de pedir confissão!... é um laço diabolico, que estão me armando! A senhora não precisa de meu ministerio; eu me retiro. Adeus, senhora! —

— Senhor padre eu não sabia que o senhor estava na terra. Forão chamar o vigario;... veio o senhor; foi Deus que o mandou. Por piedade, não se vá; não me deixe morrer sem confissão... eu me acho muito mal...

— Muito mal! não parece;... o que está soffrendo então?

— Soffro muito, muito!... parece que a cada momento se me rebenta o coração — mas agora... como o senhor veio, sinto-me feliz; já não morro tão sozinha .. tão desamparada.

— Desamparada!... pois onde está seu marido?

— Meu marido! — exclamou a moça attonita.

— Tenho eu algum marido?...

— Pois a senhora não casou-se!?

— Eu!? quem lhe disse isso?...

— Dissérão-me; — então não é verdade?...

— Não; nunca!... quizerão casar-me, isso sim; mas eu nunca quiz... Meu Deus! porque havião de enganar-me assim?!...

— Ah! meu pae! meu pae! — murmurou consigo o padre — agora compreendo tudo... para que semelhante mentira!... Pobre Margarida! — continuou dirigindo-se á moça — como zombárão cruelmente de ti, e de mim!...

— Isso pouco importa; estou agora bem satisfeita. O que me affligia era pensar que hia morrer sem nunca mais tornal-o a ver.

— Mas, Margarida, eu sou agora um sacerdote...

— Que tem isso? assim mesmo quero-lhe bem... que mal lhe pode fazer o amor de uma moribunda? é padre?... fez muito bem; quem sou eu, pobre desgraçada, para o impedir de seguir uma carreira tão bonita... veja... eu estou bem contente, e dou louvores a Deus.

— Ah! Margarida, não me falles assim.

— Porque não, senhor padre? sinto-me tão feliz! lembra-se, quando nós eramos pequeninos?... não me jurou que a primeira pessoa, que havia de confessar, seria eu? veja como Deus nos ouviu...

— Que cruel recordação, senhora! que fatalidade! sim, esse primeiro juramento Deus o guardou escripto no livro do destino, e agora recebe o seu tremendo complemento!

— Era a vontade de Deus, devia cumprir-se...

— Mas em que transe, justo ceo!... também eu havia jurado depois que nunca me havia ordenar... fui perjuro... ordenei-me, perjurei de novo... ai Deus!... tudo isto é o justo castigo de meus repetidos perjuros.

— Perjurio não, senhor padre, aquillo foi um juramento louco, que Deus não aceitou. Esta mão foi feita para o altar, e não para mim, pobre desvalida, está muito bem empregada no serviço de Deus... deixa-me beijal-a.

Fallando assim a moça tomava a dextra de Eugenio, e a beijava inundando-a de lagrimas...

— Não chores assim, Margarida! disse com accento commovido e tornando a assentar-se á

beira do leito. Dizes que estás feliz e satisfeita, e me despedaças o coração com tuas lagrimas!

— Deixa-me chorar, Eugenio! — disse a moça abandonando-se insensivelmente á doce familiaridade de tempos mais felizes. — Deixa-me chorar, não fazes idéa de quanto estas lagrimas me fazem bem. Desde que te foste embora, nunca pude chorar assim... isto me allivia tanto!..

Eugenio tambem deixando-se arrebatado pelo perfume das suaves recordações, que se lhe evaporavam do coração, esqueceu um momento que era padre, chegou-se mais para juncto de Margarida, retirou a mão que ella apertava com ternura entre as suas, collocou-a sobre o hombro della, e encarando-a com doçura:

— Margarida, não chores!... disse, e encostando instinctivamente seu rosto ao della, os labios de ambos roçarão de leve.

O padre estremeceu e recuou assustado, como se houvesse tocado em uma aspide venenosa. Por alguns instantes ficárão ambos silenciosos.

— Ah! meu Deus! proseguio o padre, — eu vinha confessal-a, e sou eu o penitente, que de joelhos a seus pés devo supplicar-lhe perdão...

— Perdão de que, Eugenio?..

— Ainda me perguntas, Margarida? pois não

faltei-te á palavra jurada?... não sou a causa de tua perdição? não matei-te?...

— Não, não és tu, que me matas... eu é que era uma impia, uma libertina, querendo roubar-te ao altar, querendo valer mais que Deus. Mas socega... creio que não morro ainda... depois que te vi, sinto-me tão melhor!...

Margarida fallava assim tanto para não consternar o padre, como porque realmente a alegria de vel-o a fazia esquecer os seus soffrimentos.

— Acha-se melhor?... retorquiu o padre — ainda bem!... não precisa mais dos soccorros de meu ministerio, nem sou eu o padre mais proprio para ouvil-a de confissão. Adeus, senhora!... não devo voltar mais a sua casa...

— Ah! por piedade!... não deixes de voltar, volta, meu padre, volta, se não queres que eu morra impenitente e desesperada... que perigo ha em ouvir de confissão uma pobre moribunda?

— Mas achas-te melhor, Margarida; poderás esperar o vigario...

— Não quero me confessar com nenhum outro... já agora hei de cumprir o juramento, que fiz quando menina... se o não cumprir, creio que a minha alma não se salvará... acho-me muito mal... esta melhora é passageira, a cada

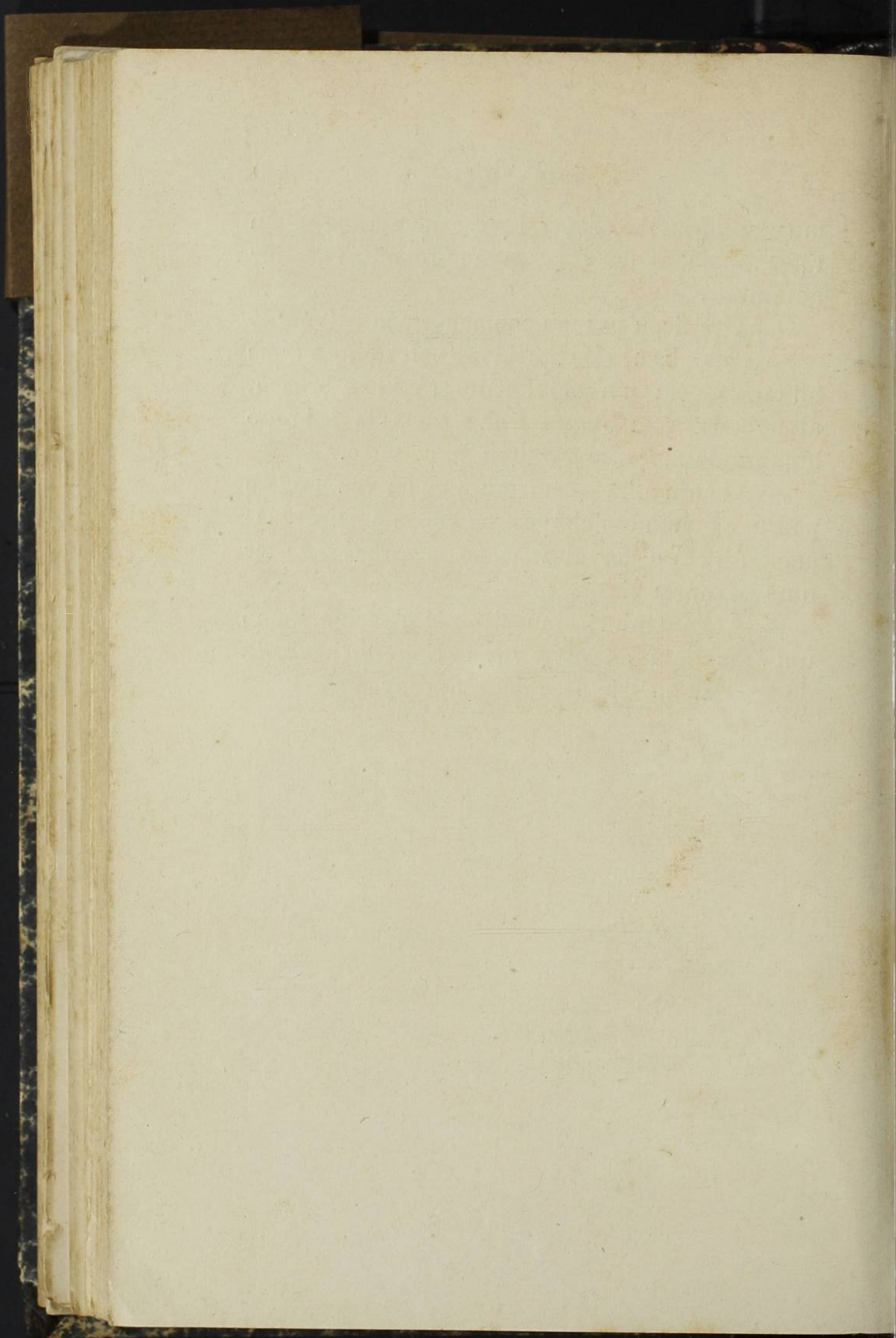
momento posso expirar. Mas eu me esforçarei em reter o alento da vida, se me promettes voltar amanhã...

O padre ficou por um momento pensativo.

— Pois bem, Margarida, voltarei, — disse afinal, e com um movimento rapido e brusco, alongando a mão que tinha pousada sobre o hombro da moça, a estreitou no coração.

— Até amanhã — murmurou com voz breve o padre, e tomando o chapeo retirou-se precipitadamente, hirto e convulso, como se acabasse de ter uma pavorosa visão.

— Até amanhã! — suspirou Margarida, como um écho mavioso, que a voz de Eugenio acabava de acordar no seio de uma gruta mysteriosa.



CAPITULO XXIII

O padre Eugenio entrou em casa com o cerebro a arder, e com o coração açoitado das mais violentas agitações. De coração molle e extremamente impressionavel, não tinha força para lutar contra a tempestade medonha, que dentro dell: se suscitava. Como piloto fraco e inexperiente, que se perturba e desorienta em presença do perigo, arrependia-se mil vezes de ter tomado o timão, tão superior ás suas forças, de uma náó pujante destinada a affrontar mares tão tormentosos. A tonsura sacerdotal era uma corôa de espinhos, que se lhe enterravão no craneo, e lhe arrancavão bramidos de desespero.

Exasperava-se contra a mentira de que seu pae, de certo de connivencia com os padres de

Congonhas, se havia prevalecido para determiná-lo a tomar ordens.

— Para que semelhante embuste, meu Deus!
— murmurava consigo. — Que ideia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas por meio de uma mentira!... Se não fosse tal mentira, se me constasse, — como era verdade, — que Margarida fiel ao seu amor se finava de saudades por mim, de certo eu nunca teria tomado esta veste sagrada, que hoje me queima as carnes como a túnica de Nesso. A impressão de um sonho de um sermão, se teria esvaecido como fumaça, como tantas outras que não poderão desarraigar de meu coração uma paixão, que com elle nasceu, e que com elle... desgraçado de mim!... sim, mil vezes desgraçado!... que com elle terá de morrer... Margarida!... pobre Margarida!... tens tanto de boa, pura e leal, como de formosa... e tanto de formosa, como de infeliz!... nem nos mais exaltados sonhos da phantasia, eu fazia ideia justa do thesouro que eu louco troquei por uma corôa de martyrio, que não tenho força para supportar!... meu Deus, eu endoudeço!... Margarida!... meu Deus!... meu Deus!... meu Deus!...

Eugenio estorcia-se em febril agitação, e

quasi delirava. A paixão, que julgava já não ser mais que uma triste recordação, uma dolorosa desillusão do passado, não se tinha extinguido debaixo das vestes sagradas do sacerdote. Era essa paixão como o arbusto, a que geada despojou das folhas, e mirrou-lhe os galhos, e parece estar morto para sempre, entanto que o tronco e a raiz, cheios de seiva e vitalidade estão promptos a germinar com novo viço e galhardia ao primeiro bafejo da primavera.

Ou antes era como a fogueira, cujas chammas uma chuva glacial havia apagado, ficando intactos todos os materiaes, que já seccos e quasi calcinados, esperão apenas o contacto de uma scintella para de novo se inflammarem com furia irresistivel. A vista de Margarida resplandecente de belleza e dos mais voluptuosos encantos do corpo, a certeza de sua fidelidade, aquelle ligeiro roçar de labios, philtro fatal, que lhe cõou nas veias o deliciso veneno da voluptuosidade, fôrão sentelhas vivas, que em um momento puzerão em horrivel conflagração a paixão, que ha tanto tempo adormecida parecia estar morta no seio do mancebo. Uma nova tormenta mais pavorosa que as precedentes, ameaçava fazer soçobrar a virtude do joven

cenobita, levando de rôjo o fragil dique a tanto custo erguido pelo ascetismo na solidão do claustro.

Não era já um reflexo da pura affeição da infancia, desse sereno amanhecer do amor envolto nos véos candidos da innocencia. Não era tambem a paixão juvenil com suas recordações saudosas, com seus sonhos dourados e ardentes aspirações de felicidade. Era tudo isso, e mais alguma cousa ainda. Erão os instinctos sensuaes longo tempo sopitados, que em uma organização vivaz e vigorosa despertavão com imperio irresistivel. Era uma sede voraz de gozos e volupias, era uma febre, era um delirio. O demonio da luxuria accendera nas chammas do inferno seu facho furibundo, e com elle se aprazia em requeimar o sangue do misero sacerdote.

Entrando em casa Eugenio não quiz ver pessoa alguma afim de esconder a perturbação que o agitava, e como a noite já hia avançada, recolheu-se sozinho ao seu aposento.

A noite passou-a entregue ás mais horriveis tribulações. Ora rezando com fervor, pedia ao céo forças para affrontar o embate da terrivel tentação, que o assaltava, ora desalentado en-

tregando-se ao delirio da paixão, chorava, rugia, blasphemava.

No dia seguinte perguntando-lhe seu pae, quem era, e como hia a pessoa a quem tinha hido confessar, resnpodeu laconicamente :

— É uma rapariga, que não conheço... não está em perigo. A molestia della parece-me mais scisma do que outra cousa.

Como seus paes reparassem, e começassem a se inquietar com a pallidez e extrema excitação nervosa, em que o vião, para subtrahir-se a seus olhares e perguntas, apenas acabou de almoçar mal e rapidamenta, sahiu a pretexto de dar um passeio hygenico e ver algumas pessoas conhecidas.

— O padre está muito incommodado, — disse a senhora Antunes a seu marido, logo que Eugenio se retirou. — Elle soffre alguma cousa que não nos quer dizer... queira Deus!...

— Queira Deus o que, senhora?...

— A serpente, senhor!... a serpente!...

— Ora, senhora!... deixe-se dessas abusões... pois um homem, um padre... um missionario!... nem sempre a gente é creança.

— Queira Deus!... queira Deus! — murmurou a mãe levantando-se da mesa e rezando.

O padre durante a noite tinha feito firme proposito de não voltar mais á casa de Margarida apesar da promessa, que havia feito. Antes faltar a uma simples promessa, do que expôr-se ao perigo de quebrar um voto, e perder sua alma. Portanto ao sahir de casa dirigiu-se para o lado opposto ao bairro, em que ella morava. No fim de contas porem, depois de ter percorrido muitas ruas e parado em muitas casas, fôsse por uma fatal casualidade, ou porque o coração mesmo sem que elle o sentisse, o hia arrastando, achou-se nas visinhanças da habitação, de que fugia.

Ao avistal-a o coração bateu-lhe uma fatal pancada.

— Ah! Margarida!... pobrezinha! quem te ha-de valer!... sabe Deus, se estás agonizando e vaes morrer sem confissão!... é meu dever lá hir... que posso receiar de uma moribunda?... é uma deshumanidade, uma pusillanimidade abominavel deixal-a morrer ao desamparo... o vigario não está... que remedio tenho senão soccorrel-a?... ah! e quem sabe, se já não será tarde!

Pensando assim o padre se encaminhava ora vagaroso e irresoluto, ora a passos precipitados, para a casa de Margarida.

E' assim, que o passarinho pousado na grimpa

da arvore fascinado pela serpente, que enroscada no tronco fita nelle os olhos peçonhentos, hirto de pavor e soltando pios lastimosos vem descendo de ramo em ramo até metter-se na garganta escancarada do hediondo reptil.

Margarida depois que Eugenio sahira na vespera, havia adormecido embalada em um delirio de felicidade, e graças a esse somno reparador amanhecêra melhor, se bem que um tanto descorada e abatida. Isto mesmo denotava, que o sangue lhe corria mais calmo e regular pelas arterias. Sentia-se tão alliviada, que parecia-lhe ter voltado ao gozo de perfeita saude.

Levantou-se alegre e tranquilla; penteou seus negros e compridos cabellos, plantou entre elles um botão de rosa, seu enfeite favorito, e vestiu-se com certo esmero e faceirice, como noiva, que se prepara para ser conduzida ao altar... não, como victima, que se adorna para o sacrificio. Mesmo abatida como se achava, estava fascinante de belleza. Tinha nos olhos uma luz tão languida e quebrada, na boca uma expressão tão voluptuosa, as faces um tanto desbotadas tinham um matiz de jambo tão suave e delicado, o collo e os braços assetinados erão de tão fresca e mimosa morbidez, que a custo

se acreditaria, que aquella moça estava precisada dos soccorros extremos da religião.

Quando Eugenio entrou, Margarida estava sentada sobre a cama com o cotovelo sobre o travesseiro e a mão na face. O padre sobressaltou-se vendo-a tão fresca e tranquilla, e tão faceiramente vestida.

— O que é isto, sancto Deus!... exclamou com voz severa; — esperava encontrar uma enferma no leito da agonia, e o que é que estou vendo!... estará zombando commigo por ventura, senhora Margarida!

— Eu zombar com o senhor padre! julga-me capaz disso? — murmurou a moça em tom de queixa tão meigo e mavioso, que dirieis arrulho de pomba, que dentro do ninho affaga o companheiro.

— Então que quer dizer esta mudança, esses enfeites, essa côr e esse rosto, que parece tão animado e cheio de saude? ..

Á chegada do padre a pallidez da moça se havia trocado por um vivo encarnado, que lhe incendia as faces, e seus olhos lampejavão com brilho descommunal.

— Acho-me melhor, é verdade, — respondeu, — não estou soffrendo agora grande incommodo,

mas não sei porque, me diz o coração, que meus dias estão contados.

— Não creia tal, minha filha, isso é pura scisma; é um capricho da sua imaginação. Mas emfim... seja como fôr, não me é permittido demorar-me por mais tempo a sós no quarto de uma moça, que parece estar no goso de perfeita saude. Adeus, senhora Margarida.

— Ah! não, pelo amor de Deus! não se vá ainda! tenha paciencia com esta pobre infeliz.

A moça proferio estas palavras com accento tão terno e supplicante, e fitando no padre um olhar tão repassado de angustia que este sentio-se commovido e abalado até os seios d'alma.

Fitou nella um olhar terno e compungido, e a contemplou por alguns instantes silencioso.

— Margarida! — exclamou' por fim, não sabes quanta pena tenho de ti... mas...

— Mas não se vá embora ainda; tenha piedade de mim... eu não estou tão boa, como pareço. Dizem, que a morte quando está a chegar faz a gente melhorar de repente e depois mata. É a ultima visita da saude, que se despede para sempre... Ha-de ser isso; não me deixe morrer desamparada... A morte ha-de me

ser tão doce, se eu morrer juncto de ti, Eugenio!...

— Margarida!... murmurou o padre suspirando e sentando-se juncto della.

— Eugenio!... como eu sou feliz em poder recordar contigo antes de morrer aquelles bons tempos de nossa meninice!...

— Margarida, para que recordar agora uma felicidade, que não pode mais voltar!

— Póde;... por ventura não estamos junc-tos?... eu era tua irmãzinha naquelle tempo; agora tu és padre, e eu ainda sou tua irmã, e quero morrer nos teus braços...

— Cala-te, Margarida!... ai de mim!... é agora que avalio a felicidade, que perdi. — Ah! perdão perdão, meu Deus!... eu blasphemo! — interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces.

— Não perdeu nada; — replicou Margarida com meiguice, — ganhou muito; estas mãos forão feitas para o altar... como são alvas e bem feitas!

Fallando assim a moça tomava entre as suas as mãos de Eugenio, e as beijava não com o respeito devido a um padre, mas com toda a ternura e ardor febril da paixão. Ao

contacto daquelles labios morbidos e frementes Eugenio sentio uma estranha vibração agitar-lhe todo o corpo, e o philtro delicioso da volupia coar-lhe até o amago do coração. Assustado levantou-se bruscamente, e hia a sahir de carreira pela porta a fóra. Margarida o deteve pelo braço.

— Por quem é, não vá embora, — disse-lhe com supplice ternura.

O padre não insistiu; cedendo a uma fatal fascinação tornou a sentar-se juncto de Margarida. O corpo lhe tremia todo, a fronte gotejava suor em bagas, e os olhos lhe desmaiavão frouxos em languor voluptuoso.

— Margarida!... aqui estou, — murmurou com desalento. — Mas... anjo meu!,... tem piedade de mim... lembra-te, que sou padre!...

— Que importa!... eu sou tua irmã;... quero abraçar meu irmão antes de morrer...

A moça pôz as mão ambas sobre os hombros do padre, e fitou-lhe o rosto com um olhar e um sorriso, que resumião um longo poema de amor. Os olhos hallucinados nadavão-lhe em effluvios de ternura, e o bafejo tépido e suave escoando-se por entre a roza dos labios entre-abertos affagavam as faces do mancebo. O chale em que se envolvia, tinha-lhe escapado dos hombros, e os

dous pomos mal cobertos pulavão-lhe no seio inquietos e anciosos, como duas rolinhas implumes, que forcejão por saltar do ninho.

No quarto de Margarida reinava uma luz frouxa, que entrava por uma janella de empalizada; o ar estava impregnado do aroma inebriante das flores, que ornavão a mesa. A velha tinha sahido, e naquella casa só se achavão os dous...

Margarida encostou a cabeça ao hombro de Eugenio; este envolveu-a em um abraço.

— Um momento de suprema felicidade!... depois o inferno! que importa!...

Este brado de blasphemia, que erguia-se do coração do padre, sussurrou-lhe apenas pelos labios.

Ao bafo ardente da paixão sensual na alma de ambos se havia apagado o lume da razão.

CAPITULO XXIV

No dia seguinte, que era um domingo, o padre Eugenio tinha de dizer a sua primeira missa na villa de Tamanduá. O pae fazia uma grande festa, a que havia convidado a melhor gente do logar. Era um dia de regosijo e prazer para a familia, e de grande expectação para os demais habitantes. Depois da missa um lauto jantar esperava os convidados.

Muitos parentes e amigos da familia de Antunes, que tinham baptisados e casamentos a fazer, estavam esperando pela vinda do padre Eugenio, querendo ter o gosto de ver esses sacramentos ministrados por suas mãos.

Portanto o padre teve de appresentar-se na igreja muito antes da hora da missa afim de ter tempo de celebrar esses baptisados e casamentos.

Quando o sacrilego padre entrou no templo, dizem que os sinos, sem que ninguem os tocasse, dêrão badaladas funebres, e que um tufão escancarando a porta interior do frontispicio entrára pela nave e apagára a lampada do sanctuario.

O padre estava de pallidez cadaverica, e seus olhos desvairados despedião de quando em quando lampejos tôrvos e sombrios.

Sinistros pensamentos lhe ondeavão descontrados pela mente agitada, como nuvens que se despedação por um céo tempestuoso ao sopro rijo das refégas.

Precipitado do alto de seu puro e austero ascetismo no abysmo da fraqueza, o espirito do padre tombou em outro abysmo mais fundo e talvez mais degradante. Atassalhado de remorsos, de vergonha e desesperação, julgando-se perdido sem remedio e para sempre, entregou-se de corpo e alma á torrente da fatalidade que o arrastava.

-- Já que assim o quizerão os homens, — murmurava comsigo, — já que assim o ordena a sanha irresistivel do destino, assim seja! serei um padre sacrilego; um padre infame, como tantos outros, que todos os dias profanão com mãos impuras os vasos do altar e a hostia

sacrosanta. Era essa a sina fatal que desde o berço me estava fadada... Margarida não morre... o que a atormenta, não é mais do que uma deploravel apprehensão... O céu não quiz que eu fosse seu esposo, o inferno me fez seu... que horror, meu Deus! que abominavel sacrilegio!... mas... já agora que hei-de eu fazer... cahi até o fundo do abysmo, donde nunca mais poderei levantar-me! Ah celibato!... terrivel celibato!... ninguem espere affrontar impune-mente as leis da natureza! tarde ou cedo ellas têm seu complemento indeclinavel, e vingão-se cruelmente dos que pretendem subtrahir-se ao seu imperio fatal!...

Apenas o padre tinha acabado de fazer uma breve oração no altar do consistorio, quando a elle se dirigiu uma pobre velha e lhe pediu pelo amor de Deus para fazer a encommendação a um cadaver que se hia dar á sepultura, e que se achava no corpo da igreja.

O padre ficou transido de horror; affeito a esse triste espectaculo Eugenio não era medroso; mas desta vez sem saber porque, sentia um pavor irresistivel. Um suor gelado inundava-lhe a testa, e as arterias lhe titillavão nas fontes com dolorosa vibração. Mas não podia

deixar de cumprir esse piedoso-dever para com um morto. Vestiu a sobrepelliz, tomou o ritual, e acompanhado do sacristão, que levava na mão o hyssope, dirigiu-se para o corpo da igreja.

Sobre um pobre caixão sem tampo, pobremente amortalhado esterçava-se um corpo de mulher. Dous tocheiros ardião de um lado e outro á cabeceira do caixão. Um lenço branco cobria o rosto da finada, e sobre o seu peito via-se uma capella de alvas flôres, symbolo da virgindade.

O templo estava quasi deserto; apenas aqui e alli algumas velhas ajoelhadas murmuravão em vcz baixa suas orações.

O sacristão para se dar começo á encommendação, tirou o lenço ao rosto da finada; o padre soltou um grito rouco e suffocado, cambaleou, e teria baqueado em terra, se não deparasse o braço que o sacristão lhe appresentava para escorar-se. A finada era Margarida!

— Que tem, senhor padre? está incommodado? perguntou-lhe o sacristão.

— Não ha de ser nada... passei mal a noite, e... não estou ainda acostumado a estas cousas... hia tendo uma vertigem.

O padre limpou o suor gelado, que lhe inun-

dava a frente, e desempenhou atabalhoadamente e sem saber o que fazia, a sua cruel e funebre tarefa.

Chegando ao consistorio, depois de ter dito ao sacristão, que os baptisados e casamentos se farião depois da missa, debruçou-se sobre a credencia e escondendo o rosto entre as mãos alli ficou immovel por largo tempo orando, chorando, delirando...

A turba das pessoas, que em companhia de seu pae com o rosto prazenteiro e conversando alegremente hião invadindo a sacristia, o despertárão daquelle angustioso lethargo. Afim de evitar conversas e olhares curiosos tractou immediatamente de revestir-se. Todavia um amigo que estando ao pé d'elle havia notado sua extrema pallidez e o transtorno das feições:

— O senhor padre, — disse-lhe, — parece estar incommodado; se soffre alguma cousa melhor será não dizer missa hoje...

O padre olhou para elle espantado e sem dizer palavra continuou a paramentar-se.

A missa do padre novo que gosava de uma grande nomeada de sabedoria e santidade, tinha attrahido á igreja um numeroso e brilhante concurso. O pae e a mãe de Eugenio sobretudo

estavão no auge do prazer e do contentamento, recebendo de todos as mais lisongeiras felicitações.

Chegando á escada que sobe para o altar mór o padre parou, e quando já todos de joelhos esperavão, que começasse o introito, virão-no com assombro arrancar do corpo um por um todos os paramentos sacerdotaes, arrojál-os com furia aos pés do altar, e com os olhos desvairados, os cabellos hirtos, os passos cambaleantes atravessar a multidão pasmada, e sahir correndo pela porta principal.

Estava louco... louco furioso.

FIM

Obras que se achão á venda na mesma Livraria :

J. de Alencar

TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16, br.	4\$000, enc.	6\$000
— IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br.	2\$000, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch.		2\$000
enc.....		3\$000
— O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-4º, encadernados....		10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8, br.	12\$000, encadernado	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.		1\$50,
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo		
2ª edição. 1 v.....		2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....		2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.		1\$000

Senio

O GAUCHO. romance brasileiro. 2½ v. in-8 br.	4\$, eno..	6\$000
PATA DE GAZELLA. romance brasileiro. 1 v. in-8 br.		2\$000,
enc.		3\$000
— O TRONCO DO IPÊ. romance brasileiro. 2 v. in-8 br.		4\$000,
enc.		6\$000
SONHOS D'OIRO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc.		6\$000
br		4\$000

G. M.

DIVA, perfil de mulher. 2ª edição. 1 v. enc.....		3\$000
— LUCIOLA, perfil de mulher. 2ª edição. 1 v. enc.....		7\$000

L. Guimarães Junior

HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v. in-8º enc	5\$, br..	4\$000
CURVAS E ZIG-ZAGS. <i>Caprichos humoristicos.</i> 1 v. in-8º		
br. 2\$000, enc.....		3\$000
CONTOS SEM PRETENÇÃO. A Alma do outro Mundo, o Ultimo Concerto, o Homem e o Cão. 1 v. in-8º enc.		3\$000, br. 2\$000
CARLOS GOMES, Perfil biographico. 1 v. in-4º br.....		1\$000
FILAGRANAS. 1 v. in-8º, enc. 3\$000, br.....		2\$000

Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1. v. enc.....		3\$000
RESURREIÇÃO, romance, 1 v. in-8 br	2\$000, enc...	3\$000
— CHRYSALIDAS. Poesias. 1 v. in-8º br.	2\$000, enc.....	3\$000
PHALENAS. Poesias. 1 v. enc.....		3\$000

Moreira de Azevedo

MOSAICO BRASILEIRO, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedoctas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres. 1 v. in-8º enc.....	3\$000
CRIMINOSOS CELEBRES. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. Episodios historicos. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO, romance historico. 1 v. in-8º br	2\$000
LOURENÇO DE MENDONÇA, romance historico. 1 v. br..	2\$000

J. Norberto de Souza e Silva

ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc.....	4\$000
BRASILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc.....	2\$000
FLORES ENTRE ESPINHOS. 1 v. in-8º enc.....	2\$000

Rozendo Moniz

FAVOS E TRAVOS, romance. 1 vol. in-8 br. 2\$000, enc..	3\$000
--	--------

A. E. Zaluar

CONTOS DA ROÇA. 2 v. br.....	2\$000
REVELAÇÕES. 1 v. in-4º enc.....	5\$000
PERIGRINAÇÕES pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4º enc.	6\$000

A. Dumas Filho

O HOMEM-MULHER. 1 v. in-16 enc. 1\$500, br.....	1\$000
---	--------

Silvio Dinarte

A MOCIDADE DE TRAJANO. 2 v. enc. 6\$000, br.....	4\$000
--	--------

Eugenio Sue

A INVEJA. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc.....	3\$000
A IRA. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc.....	3\$000
A SOBERBA. 1 v. in-8º br. 6\$000, enc.....	8\$000

Victor Hugo

OS HOMENS DO MAR. 3 v. in-4º br.....	3\$000
--------------------------------------	--------

Th. Fix

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY, traduzida por A. J. Fernandes dos Reis e annotada por ***. 1 v. in-8º enc...	5\$000
--	--------

V. Valmont

O ESPIÃO PRUSSIANO, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, traduzida por V. Colonna. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc...	3\$000
--	--------

Typ. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18.



